

# **HORTAS URBANAS**

## **Estudo do Caso de Lisboa**

**Rita Gonçalves Galvão Gonçalves**

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em  
**Engenharia Agronómica**

Orientador: Doutora Isabel Maria Gomes Rodrigo

**Júri:**

Presidente: Doutora Cristina Maria Moniz Simões de Oliveira, Professora Associada com agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa;

Vogais: Doutora Isabel Maria Gomes Rodrigo, Professora Associada com agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa;

Doutora Ana Isabel Loupa Ramos, Professora Auxiliar do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Isabel Rodrigo, por toda a paciência e entrega a este trabalho. O meu sincero obrigado por me ter sempre encorajado e confiado em mim.

Aos Professores que contribuíram para os conhecimentos agronómicos que hoje disponho.

À Doutora Rita Folgosa, pela disponibilidade no fornecimento de informações sobre o Projeto dos Parques Hortícolas desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa.

Aos meus pais e ao Carlos, pelo apoio e alento dados, em especial neste ciclo importante da minha vida.

Aos hortelãos dos Parques Hortícolas da Granja, de Campolide e de Telheiras, pela colaboração prestada.

Aos amigos que sempre me acompanharam.

## Resumo

No presente trabalho estudou-se o reaparecimento do fenómeno das Hortas Urbanas, um pouco por todo o Mundo e, mais especificamente, no contexto Português, com especial destaque para a cidade de Lisboa. Para tal, foram selecionados como casos de estudo, a Horta Social da Granja e as Hortas Recreativas de Campolide e Telheiras, onde se procedeu à realização de inquéritos, cujo objetivo primordial passava por delinear a caracterização dos recém-hortelãos e compreender as principais motivações que espoletaram o interesse destes pela atividade agrícola. Constatou-se que, independentemente da tipologia de horta, o ressurgimento destes espaços prende-se, não só com o facto de as pessoas gostarem de agricultura, mas também com a crescente preocupação relativa à qualidade dos produtos consumidos. Saliente-se ainda a importância de outras motivações, desta feita, diretamente relacionadas com a horta em questão. Assim, enquanto na horta da Granja, muitos hortelãos procuram recordar a vida rural através da atividade agrícola, nas hortas de Campolide e de Telheiras, a prática de uma Agricultura Biológica e o contacto com a Natureza revelaram ser aspetos determinantes. Em suma, o reaparecimento das Hortas Urbanas surge como um reavivar de experiências passadas e como uma consequência da conjuntura socioeconómica atual.

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana, Hortas Urbanas, Hortelãos, Lisboa, Parques Hortícolas Sociais e Recreativos.

## **Abstract**

The present work aims to study the reappearance of the phenomenon of the Community Gardens, all over the world and, specifically in the Portuguese context, with special focus on the city of Lisbon. For this purpose, there were selected the Granja's Social Community Garden and the Campolide and Telheiras' Recreative Community Gardens, where inquiries were performed with the goal to outline the characterization of the newly-gardeners and to understand the reasons that brought up the return of their interest in the farming activity. It was found that, regardless the typology of the Community Gardens, the reemergence of these spaces is related, not only with the fact that people enjoy practicing agriculture, but also with the growing concern about the quality of the consumed products. Other motivations were considered important, this time directly related with the typology of Community Garden treated. So, while in Granja's Garden, many gardeners try to remember their rural life through agricultural activity, in Campolide and Telheiras' Gardens, the proximity with the Nature and the practice of Organic Farming revealed to be determinant aspects. In summary, the reappearance of Community Gardens comes as a revival of past experiences and as a result of the current socioeconomic situation.

**Keywords:** Urban Agriculture, Community Gardens, Gardeners, Lisbon, Social and Recreative Horticulture Parks.

## Extended Abstract

In a world increasingly urbanized and characterized by a scarceness of green spaces and natural resources, cities have been playing, along the recent years, an important role in the conservation and increment of productive areas, called by Community Gardens. This type of gardening is therefore enjoying a revival, which is appeased by several factors, among them, the desire of people to connect with the production of healthy food and with the Nature, and to develop a spirit of community. In fact, Community Gardens provide fresh and better quality products, improving people's health conditions and allowing them to acquire greater confidence in the food they eat. The gardens found out in the city establish, too, an activity that enriches the diversity and ecological balance, providing a greater contact of gardeners with Nature and contributing to the well-being, both physical and mental. The interaction among gardeners is, also, an aspect that is gaining more importance, since it promotes a sense of community and social cohesion, strengthening security between the neighbours.

Given the numerous benefits that Community Gardens present and, in order to serve as an alternative to the current scenario of the cities, as above-mentioned, these gardens have been cementing its importance over the past few decades, all over the world, including in Portugal. In fact, in the current days, it is possible to find out various examples of these initiatives, which are scattered throughout the country, and especially in the city of Lisbon, chosen as the case study for the present work. In reality, Lisbon was one of the stages of the emergence of Community Gardens on a national scale and, currently, continues to have a large representation in this activity, with two main types of gardens: the Social Gardens and the Recreative Gardens. The first ones, in one hand, are characterized as being used by poorest people, whose output serves as a support to household income. On the other hand, the second gardens referred are mainly related with leisure and contributes to an increment of gardeners' welfare, through the contact with the agricultural practices.

The present work has, then, the major objective of understanding the main motivations that lead the newly-gardeners of the capital to invest in Urban Gardens, specifically in three gardens developed by the Lisbon City Hall, these being the Granjas' Social Community Garden and the Campolide and Telheiras' Recreative Community Gardens. It was observed that, regardless of the type of the garden, the main desires of people that lead them to cultivate land plots were related, not only to the fact that they like to practice agriculture, but also with the growing concern about ingesting better quality products. It should be noted that, more and more people prefer, nowadays, an organic production with the use of natural resources and mechanisms of natural regulation, in detriment of the conventional way. The Community Gardens are used, as well, as a way of working with the Nature and biodiversity. For others, these gardens provide a way to remember their childhood spent in rural areas. In a generalized way, it was observed that the motivations that lead gardeners to adhere to these gardens are similar, although some differences were verified, taking into account the type of the garden studied. Nevertheless, the gardens act as a multifunctional space, which contribute to the sustainable development of the city and for the incorporation of a rural component through them.

# Índice

Introdução e Objetivos	1
Capítulo 1 – Hortas Urbanas: Entre o passado e o presente	3
1.1. Contextualização	3
1.2. Agricultura Urbana e Hortas Urbanas: Definições	3
1.3. Breve História das Hortas Urbanas	5
1.3.1. O caso da Europa	5
1.3.2. O caso dos Estados Unidos da América	8
1.3.3. O caso do Continente Africano e Médio Oriente	11
1.3.4. O caso do Continente Asiático	12
1.3.5. O caso da América Latina	13
1.4. Hortas Urbanas: um desafio no futuro próximo?	13
1.5. Conclusão	18
Capítulo 2 – Hortas Urbanas: Razões, Hortelãos, Benefícios e Impactos Negativos	19
2.1. Contextualização	19
2.2. Reaparecimento das Hortas Urbanas	19
2.3. Quem cultiva e Tipos de Hortas Urbanas	21
2.4. Benefícios e Impactos Negativos das Hortas Urbanas	23
2.5. Conclusão	26
Capítulo 3 – Hortas Urbanas: Análise da situação em Portugal	27
3.1. Contextualização	27
3.2. Materiais e métodos para o estudo das Hortas Urbanas em Portugal	27
3.2.1. Hortas Urbanas em Portugal	28
3.3. Outro tipo de hortas	37
3.4. Conclusão	38
Capítulo 4 – Hortas Urbanas: Contributo para a cidade de Lisboa	39
4.1. Contextualização	39
4.2. Hortas Urbanas na cidade de Lisboa	39
4.2.1. Evolução da área ocupada por Hortas Urbanas	42
4.3. Projeto dos Parques Hortícolas	44
4.4. Caracterização geral dos Parques Hortícolas em funcionamento e seleção dos casos de estudo	47
4.5. Materiais e métodos para o estudo das Hortas Urbanas em Lisboa	50

4.5.1. Hortas Urbanas: casos de estudo em Lisboa	51
4.5.1.1. Perfil socioeconómico dos inquiridos	51
4.5.1.2. Relação dos inquiridos com a Agricultura e o Rural	56
4.5.1.3. Relação dos inquiridos com os terrenos cultivados: proximidade e algumas práticas de cultivo	57
4.5.1.4. Motivações do hortelão para cultivar uma horta	68
4.5.1.5. Opinião do hortelão sobre os contributos das hortas para a cidade	73
Conclusões	76

## Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> - Hortas Urbanas em Berlim no ano de 1946	7
<b>Figura 2</b> - Jardim de Schreber, em Leipzig, no século XIX	8
<b>Figura 3</b> - Programa de educação agro-cultural "United States School Garden Army", para o qual se inscreveram cerca de 1 500 000 crianças	9
<b>Figura 4</b> - Cartaz a incentivar a criação de "Victory Gardens", durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido construídas mais de 20 000 000 de hortas neste período	10
<b>Figura 5</b> - Passeio Público de Lisboa	40
<b>Figura 6</b> - Evolução da área (hectares) das funções de produção - Hortas, Viveiros e Agricultura Indiferenciada - e da área (hectares) das Hortas Urbanas em Lisboa	43
<b>Figura 7</b> - Tipologia das hortas da cidade de Lisboa, segundo a Câmara Municipal de Lisboa	46
<b>Figura 8</b> - Espinhos nas vedações no Parque Hortícola de Campolide	63

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Diferenças entre Agricultura Intraurbana e Periurbana	4
<b>Quadro 2</b> - Cronologia de aparecimento das Hortas Urbanas e Entidades responsáveis por estas iniciativas	28
<b>Quadro 3</b> - Tipos e Dimensões físicas das Hortas Urbanas	34
<b>Quadro 4</b> - Tipos e Dimensões físicas das Hortas Urbanas (Continuação)	34
<b>Quadro 5</b> - Evolução da área (m <sup>2</sup> ) de produção hortícola em Lisboa	42
<b>Quadro 6</b> - Caracterização do Hortelão	51
<b>Quadro 7</b> - Caracterização do Hortelão (Continuação)	52
<b>Quadro 8</b> - Caracterização do Hortelão (Continuação)	54
<b>Quadro 9</b> - Relação do Hortelão com a Agricultura e o Meio Rural	56
<b>Quadro 10</b> - Relação do Hortelão com a Horta	57
<b>Quadro 11</b> - Relação do Hortelão com a Horta (Continuação)	59
<b>Quadro 12</b> - Relação do Hortelão com a Horta (Continuação)	60
<b>Quadro 13</b> - Caracterização da Horta do Hortelão	61
<b>Quadro 14</b> - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)	62
<b>Quadro 15</b> - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)	64
<b>Quadro 16</b> - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)	66
<b>Quadro 17</b> - Motivações do Hortelão	68
<b>Quadro 18</b> - Motivações do Hortelão (Continuação)	68
<b>Quadro 19</b> - Opiniões do Hortelão	73

## Lista de Abreviaturas

ADAPTA: Associação para Defesa do Ambiente e do Património na Região da Trofa

ADERAVIS: Associação para o Desenvolvimento Rural e Produções Tradicionais

Agrobio: Associação Nacional de Agricultura Biológica

ALADI: Associação Lavrense de Apoio ao Diminuído Intelectual

ALGAR: Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos

APPACDM: Associação de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental

Biosite: Cooperativa para a Agricultura Biológica e Educação Ambiental

Biotrofa: Comércio de Produtos Agro-Pecuários Lda

CCD: Centro de Cultura e Desporto

CDS Policy Lekgotla: *Centre for Development Support*

CICCOPN: Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Norte

CIMAC: Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central

CMC: Câmara Municipal de Cascais

CML: Câmara Municipal de Lisboa

DESA: *Department of Economic and Social Affairs*

Eco-Cartaxo: Movimento Alternativo e Ecologista

EDP: Energias de Portugal

EPA: Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural

EPUL: Empresa Pública de Urbanização de Lisboa

ETAR: Estação de Tratamento de Águas Residuais

FAGAR: Faro, Gestão de Águas e Resíduos

FAO: *Food and Agriculture Organization*

Gaiurb: Área de Urbanismo e Habitação

IAS: Indexante dos Apoios Sociais

IGAPHE: Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

LEQUE: Associação de Pais e Amigos de Pessoas com Necessidades Especiais

LIPOR: Serviço Municipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto

MOJU: Associação Movimento Juvenil

NUTS: Unidades Territoriais Estatísticas de Portugal

OILB/SROP: Organização Internacional de Luta Biológica e Proteção Integrada: Secção Regional Oeste Paleártica

PDM: Plano Diretor Municipal

PROVE: Promover e Vender

Re-Food: Aproveitar para Alimentar

REOT: Relatório do Estado do Ordenamento do Território

RIAS: Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens

RUAF: *Resource Centres on Urban Agriculture & Food Security*

UNFPA: *United Nations Population Fund*

## **Lista dos Anexos**

**Anexo 1** - Quadro das Hortas Urbanas em Portugal Continental e no Município do Funchal

**Anexo 2** - Inquérito realizado aos Hortelãos dos Parques Hortícolas de Telheiras, Granja e Campolide

**Anexo 3** - Fotografias dos Parques Hortícolas de Telheiras, Granja e Campolide



## Introdução e Objetivos

*“Um ponto de partida para criar cidades mais verdes é reconhecer e integrar nas políticas e planeamento urbano, muitas das soluções criativas que os pobres urbanos desenvolveram para fortalecer as suas comunidades e melhorar as suas vidas. Uma dessas soluções (...) é a Agricultura Urbana e Periurbana” - FAO (2012a: 5)*

O aumento desenfreado da população citadina, aliado à desaceleração do crescimento da população rural, resultará num incremento da taxa de urbanização e num declínio da saúde ambiental das cidades. De acordo com a DESA (2011), a população mundial atual, estimada em sete mil milhões de pessoas, chegará a nove mil milhões em 2050. Destes, mais de seis mil milhões habitarão áreas urbanas. A progressiva ocupação edificada do espaço urbano e a má gestão dos recursos naturais têm provocado uma diminuição da terra disponível para cultivo, comprometendo a segurança alimentar. A Agricultura Urbana - mais especificamente sob a forma de Hortas Urbanas - surge, então, como um ponto de partida por forma a tentar inverter esta situação, na medida em que torna as cidades em locais mais verdes, criando áreas de produção de alimentos situadas proximamente às áreas de venda dos mesmos. O facto dos hortícolas serem produzidos proximamente do local onde serão consumidos, diminui a distância de transporte, que resulta na redução das emissões de gases e numa maior reciclagem de detritos orgânicos. Torna-se pois, urgente, assumir que as Hortas Urbanas, enquanto espaços agrícolas no interior e na periferia das cidades, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento sustentável das mesmas.

Apesar de nos países em desenvolvimento a prática agrícola exercitada em meio urbano possuir uma função relevante para os respetivos habitantes, sobretudo devido à falta de políticas capazes de erradicar a fome e a má nutrição, nos anos mais recentes a sua popularidade tem aumentado em inúmeras cidades de países desenvolvidos - nomeadamente Estados Unidos e Europa. Têm contribuído para este facto, não só as recessões económicas e as crises políticas, como também uma maior consciencialização da população relativamente aos problemas que advêm da poluição urbana. A identificação dos principais aspetos negativos dos ecossistemas urbanos representa, pois, um passo importante para a aplicação de medidas que conduzam a uma melhor gestão dos serviços ecológicos. Deste modo, a Agricultura Urbana para além de apresentar uma função de produção de alimentos, permite o aumento da segurança alimentar e a poupança de rendimento, contribuindo também para um ambiente ecologicamente saudável.

Atendendo aos usos múltiplos que as Hortas Urbanas podem assumir, considerou-se pertinente, ao nível da presente dissertação, compreender a viabilidade das mesmas no caso de Portugal. Em anos recentes, tem sido constatada uma proliferação de iniciativas de regeneração urbana, no nosso país, centradas em projetos que permitam não só bem-estar, como o desenvolvimento saudável da população. Lisboa é uma das cidades que tem apostado cada vez mais

em iniciativas do âmbito de Hortas Urbanas e, como tal, procurou-se estabelecer uma relação entre as componentes social, económica e ambiental, com o retorno do interesse pelo fenómeno Mundial das Hortas Urbanas - que nos finais de 1990, tinha já cativado 800 milhões de hortelãos urbanos, cuja produção correspondia a 15% da produção de alimentos à escala global (FAO, 2012b). Contextualizado, ainda que de forma breve, os principais objetivos do presente trabalho anunciam, de seguida, os conteúdos de cada um dos quatro capítulos em que se encontra organizado.

No primeiro capítulo “Hortas Urbanas: Entre o passado e o presente” é dado a conhecer a presença intrínseca da Agricultura Urbana em todos os Continentes, assim como a sua importância na capacidade de ajudar a enfrentar diversos desafios. Apesar de a atividade agrícola urbana nunca ter cessado, a verdade é que sempre se adaptou às diversas situações. Enquanto em séculos passados, as Hortas Urbanas serviam principalmente como meio de subsistência e estratégia de sobrevivência para, por exemplo, Guerras Mundiais, nos dias que correm a prática agrícola nas cidades encontra-se relacionada com a conjuntura atual caracterizada por crises económicas.

No capítulo dois “Hortas Urbanas: Razões, Hortelãos, Benefícios e Impactos Negativos” será feita uma descrição generalizada do padrão característico dos hortelãos urbanos, assim como serão enumeradas as principais motivações que os levam a desejar uma parcela de cultivo. Neste capítulo serão ainda abordados alguns dos impactos negativos da prática agrícola mas, sobretudo, os inúmeros benefícios que têm conquistado milhões de hortelãos urbanos por todo o Mundo.

Um dos países que mais recentemente aderiu às hortas citadinas foi Portugal, não só de Norte a Sul do Continente, mas também, no Município do Funchal. Assim, no terceiro capítulo “Hortas Urbanas: Análise da situação em Portugal” será dado a conhecer as iniciativas que promoveram a criação de Hortas Urbanas um pouco por todo o país, bem como as diferentes tipologias que podem ser encontradas.

Uma vez que o caso de estudo da presente dissertação é Lisboa, achou-se pertinente recuar no tempo, por forma a evidenciar a presença contínua das Hortas Urbanas ao longo da História da cidade - com maior ou menor intensidade. Este tema será abordado no quarto e último capítulo “Hortas Urbanas: contributo para a cidade de Lisboa”, no qual serão, também, reveladas as ações atualmente tomadas e tuteladas pela Câmara Municipal de Lisboa para a promoção da evolução da área ocupada pelas Hortas Urbanas, nomeadamente o Projeto dos Parques Hortícolas, desenvolvido desde 2007. Para uma melhor compreensão da dimensão daquelas iniciativas na capital, não só foi realizada uma pesquisa em literatura baseada em Agricultura Urbana, como foram realizados vários inquéritos a hortelãos de três Parques Hortícolas de Lisboa que se encontram em pleno funcionamento. O trabalho termina com as principais conclusões retiradas da informação empírica recolhida.

A Agricultura Urbana é uma atividade que tem vindo a ganhar cada vez mais reconhecimento pelo seu papel preponderante na sustentabilidade das cidades. Contudo, não deve ser encarada como uma resposta definitiva, mas sim como um meio habilmente explorado pelas autoridades por forma a tirar o maior partido dos seus inúmeros benefícios.

# Capítulo 1 – Hortas Urbanas: Entre o passado e o presente

## 1.1. Contextualização

Este capítulo tem por objetivo introduzir o leitor no objeto de estudo deste trabalho. Para tal, encontra-se organizado em dois pontos. No primeiro, começa-se por identificar e definir os conteúdos de Agricultura Urbana e de Hortas Urbanas, pese embora não exista uma definição única, ou consensual, deste último conceito. No ponto dois, as Hortas Urbanas serão abordadas numa perspetiva histórica em realidades e contextos distintos. Serão ainda dados a conhecer alguns elementos quantitativos que ilustram a importância crescente destas últimas, em termos económicos e sociais.

## 1.2. Agricultura Urbana e Hortas Urbanas: Definições

*“A diversidade da Agricultura Urbana é um dos seus principais atributos, podendo adaptar-se a uma larga gama de situações urbanas e às diversas necessidades dos seus intervenientes” - FAO (2007: 5)*

De acordo com a literatura, as Hortas Urbanas constituem uma atividade integrante do que é designado por Agricultura Urbana. Ao longo dos tempos, este último termo tem vindo a ser utilizado para identificar e definir distintas realidades. A título ilustrativo, nas primeiras décadas do século passado, a Agricultura Urbana era utilizada para definir uma atividade entendida como arcaica e, de certo modo, inapropriada e de carácter temporário - com uma função de minorar os danos decorrentes de guerras ou crises económicas -, ou identificada com finalidades recreativas, e com utilidade estética e de embelezamento da cidade (Smit, Nasr & Ratta, 2001a). No entanto, mais recentemente, à função estética vieram juntar-se outras, nomeadamente, funções ambientais, de segurança e saúde alimentar e de coesão social, ilustradas pelo contributo de Smit *et al.* (2001a). Segundo estes autores, a Agricultura Urbana é definida como:

*“Uma indústria que produz, processa e vende alimentos, combustível, e outros *outputs*, como resposta às procuras básicas diárias dos consumidores que residem em locais intraurbanos ou periurbanos. Tipicamente, a Agricultura Urbana implica produtos variados, assim como a (re)utilização de recursos naturais e de resíduos urbanos, contribuindo para a segurança alimentar, saúde da população, vida animal, ambiente, e formação de uma comunidade coesa.” Smit *et al.* (2001a: 2)*

Para a FAO (2001), a Agricultura Urbana pode localizar-se quer no interior dos limites geográficos de uma cidade, quer nos territórios que os circundam, atribuindo-se as designações de Agricultura Intraurbana e Agricultura Periurbana, respetivamente. Para além da localização, a FAO

identifica outras variáveis, por forma a distinguir os dois tipos de Agricultura antes enumerados, como consta do Quadro 1.

**Quadro 1 - Diferenças entre Agricultura Intraurbana e Periurbana**

Agricultura Intraurbana	Agricultura Periurbana
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Situada em espaços de pequena escala, e inserida em locais urbanizados;</li> <li>- Praticada em locais de maior densidade populacional;</li> <li>- Tecnologia adaptada às pequenas dimensões das parcelas e à subsistência dos hortelãos;</li> <li>- Elevado custo da terra;</li> <li>- Maior proximidade física a mercados;</li> <li>- Menor disponibilidade de recursos naturais (terra);</li> <li>- Pior qualidade do ar atmosférico;</li> <li>- Trabalho a <i>part time</i>;</li> <li>- A sua expansão é possível mas nunca se poderá transformar em Agricultura Periurbana.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Situada em espaços de maior escala, e inserida em locais que correm “perigo” de se tornarem urbanizados;</li> <li>- Praticada em locais de menor densidade populacional;</li> <li>- Tecnologia adaptada às grandes dimensões das parcelas e à comercialização dos produtos;</li> <li>- Custo mais baixo da terra;</li> <li>- Menor proximidade física a mercados;</li> <li>- Maior disponibilidade de recursos naturais (terra);</li> <li>- Melhor qualidade do ar atmosférico;</li> <li>- Trabalho a tempo inteiro;</li> <li>- Em função da crescente urbanização, poder-se-á transformar em Agricultura Intraurbana.</li> </ul>

**Fonte:** Adaptado do “Guia de Implementação de Agricultura Intraurbana e Periurbana” (FAO, 2001:14)

Para além do referido, há ainda outras dimensões que, de acordo com a bibliografia, podem ser consideradas para se destringir distintos tipos de Agricultura Urbana, concretamente as formas de exploração que podem estar subjacentes a este tipo de agricultura. É neste âmbito que a FAO (2007) distingue no universo das Hortas Urbanas, as hortas urbanas privadas - encontradas em quintais ou mesmo varandas de habitações privadas -, as hortas urbanas institucionais - onde a propriedade e gestão do terreno são feitas por Instituições, tais como escolas, prisões e hospitais -, e as hortas urbanas localizadas em terrenos que são propriedade pública, tais como terrenos baldios. No presente trabalho, o termo “Hortas Urbanas” refere-se à Agricultura Intraurbana praticada em terrenos que são propriedade da Autarquia da cidade de Lisboa, e cuja produção de hortícolas é utilizada para satisfazer diversos tipos de necessidades dos hortelãos. A localização e características destes terrenos serão analisadas no ponto 4.4. do capítulo 4, ao passo que as necessidades/motivações dos hortelãos lisboetas serão analisadas no ponto 4.5.1. do mesmo capítulo.

Apesar do esforço acima para precisar a definição do objeto de estudo deste trabalho, é importante referir a grande diversidade de definições de Hortas Urbanas na literatura científica. Embora umas enfatizem a dimensão, e/ou localização, e/ou as finalidades das Hortas Urbanas, sucede que há um conjunto de parâmetros que reúnem consenso na referida literatura. Tais parâmetros são a reduzida dimensão da área de cultivo, a localização no interior ou na proximidade de espaços urbanos, o tipo de titular da propriedade do terreno, a natureza - individual ou coletiva - da utilização do terreno cultivado e, ainda, as finalidades do cultivo as quais surgem, por vezes, associadas ao tipo de produções obtidas. As definições que se seguem são ilustrativas do referido:

“Uma pequena porção de terra urbana ou suburbana, arrendada a cada indivíduo” - Pawlikowska-Piechotka (2012: 252)

“Uma iniciativa popular gerida de forma organizada, em que uma parcela de terra é utilizada para produzir alimentos e/ou flores, num ambiente urbano, servindo para uso pessoal ou coletivo” - Corrigan (2011: 1234)

“As Hortas Urbanas são cada vez mais elogiadas pelas suas qualidades terapêuticas. Têm também, a capacidade de (...) conectar pessoas, ecologia e saúde” - Hale, Knapp, Bardwell, Buchenau, Marshall, Sencat & Litt (2011: 1853)

Por fim, importa esclarecer a distinção que alguma literatura científica estabelece entre Hortas Comunitárias e Hortas Urbanas. As referidas em primeiro lugar tendem a ser associadas a “hortas existentes em bairros, em que cada indivíduo é proprietário de uma parcela, pese embora partilhe a gestão global da horta com os restantes hortelãos” (Lawson, 2005: 3 citado por Turner, Henryks & Pearson, 2011: 490). Por seu lado, o termo Hortas Urbanas tende a ser utilizado para designar um espaço de multiusos, não só para produzir alimentos, mas também para disponibilizar espaços de recreio e de lazer, essenciais para qualquer cidade que se pretenda sustentável e que consiga responder às necessidades dos habitantes locais (Pinto, Ribeiro, Simões, Gonçalves & Ramos, 2011).

### **1.3. Breve História das Hortas Urbanas**

*“Embora a natureza das cidades e dos seus sistemas de abastecimento alimentar tenham vindo a alterar-se, a necessidade da Agricultura Urbana permanece tão necessária como há milhares de anos atrás” - Mougeot (2000: 10)*

#### **1.3.1. O caso da Europa**

A emergência de Hortas Urbanas na Europa encontra-se relacionada com o início da Industrialização que teve lugar no Reino Unido, durante o século XVIII. As transformações resultantes desta revolução conduziram a profundas modificações socioeconómicas ao longo do século XIX, as

quais se fizeram sentir tanto ao nível das cidades, como do meio rural. Por um lado, a Modernização Agrícola, resultante da Industrialização, expandiu-se para países como França, Alemanha e Rússia, fazendo com que a agricultura de subsistência progredisse para uma agricultura de mercado. Por outro lado, o desenvolvimento económico promovido pela Revolução Industrial refletiu-se na indústria, nos transportes e no alargamento dos mercados, conduzindo à melhoria das condições de vida das populações. A maior possibilidade de adquirir produtos de qualidade e nutritivos melhorou o estado de saúde destas últimas, fazendo recuar a taxa de mortalidade. Assim, durante o século XIX, a população mundial registou uma explosão demográfica que, embora generalizada, não se efetuou nas mesmas condições, nem ao mesmo ritmo em todos os países. Deste modo, aquela explosão fez-se sentir primeiramente nas zonas do Globo mais cedo tocadas pela Industrialização, nomeadamente no Reino Unido, Alemanha, Holanda, Dinamarca e Irlanda. Porém, como consequência do processo de Industrialização, fizeram-se sentir grandes movimentos migratórios que favoreceram a aglomeração urbana. Por volta de 1850, muitas das cidades daqueles países cresceram a um ritmo muito superior, comparando com outras. Em Londres, por exemplo, a população duplicou em 30 anos e, em 1880, Paris concentrava 3 000 000 de habitantes. Já no final do século XIX, Berlim registou um aumento de 872% em relação ao total da sua população em 1800 (Anónimo, n.d.).

A aglomeração populacional das cidades levantou diversos problemas de abastecimento resultantes do aumento de consumos internos de bens alimentares, de água e de combustíveis usados na iluminação e no aquecimento. Porém, a sobrelotação citadina trouxe, sobretudo, problemas a nível de saneamento e de saúde pública. Foram preocupações deste âmbito que, nomeadamente, promoveram o aparecimento das primeiras Hortas Urbanas, entre os anos de 1820 e 1830, numa tentativa de sustentar famílias através de uma atividade com a qual muitas delas estavam já familiarizadas, uma vez que a maioria provinha do meio rural. Contudo, estas primeiras hortas tinham um conceito um pouco diferente das que existem nos dias de hoje. Eram denominadas como “jardins de lazer” usadas não só para produzir alimentos, mas também como um passatempo ao ar livre (Turner *et al.*, 2011). O desenvolvimento das Hortas Urbanas acompanhou sempre várias crises sociais e económicas, tomando por isso, diversas formas e funções ao longo do tempo histórico.

A partir da segunda metade do século XX, num período de pós guerras, e com o retorno de uma economia de livre mercado, as Hortas Urbanas floresceram por toda a Europa com o objetivo de responder às dificuldades económicas que acompanharam o período de transição da época passada (Heimer, 2008a). Como resultado, na Rússia e noutros países da Europa Oriental, inúmeras famílias começaram a produzir alimentos nos seus quintais, em pátios de fábricas, em terrenos de hospitais, em parques, e até ao longo de estradas. Simultaneamente pôde observar-se na Europa Central, um ressurgimento semelhante ao observado na região Oriental, com especial importância na Alemanha (Smit *et al.*, 2001b), que a Figura 1 dá a conhecer.



**Figura 1** - Hortas Urbanas em Berlim no ano de 1946 (Heimer, 2008a)

A Alemanha é identificada como o país pioneiro da Agricultura Urbana na Europa, estando a origem das Hortas Urbanas associada ao nome de Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861), um chefe de clínica ortopédica alternativa, localizada na cidade de Leipzig. Embora a sua profissão não estivesse ligada à atividade agrícola, Schreber passou a fazer parte da História das Hortas Urbanas daquele país, quando propôs a existência de tratamento ao ar livre para as suas crianças doentes (Gröning, 1996). Como consequência da progressiva redução do espaço disponibilizado à terapêutica, vários cidadãos tomaram a iniciativa de formar uma Associação - a 10 de Maio de 1864 -, cujo objetivo passava pela construção de um parque infantil, afastado da cidade e que proporcionasse melhores condições para as crianças debilitadas. Quatro anos mais tarde, em 1868, Carl Gesell (1800-1879), que supervisionava a atividade dos seus filhos, pensou em incorporar no parque, uma zona de canteiros com uma vertente educacional. Porém, dado o desaparego das crianças por este tipo de atividade, acabaram por ser os pais a usufruir da mesma, alargando os canteiros em lotes de dimensões físicas um pouco maiores. Estes lotes passaram a ser designados por "Familienbeete", ou seja, canteiros familiares, evidenciados na Figura 2 (Gröning, 1996). À medida que o sucesso destas parcelas de produção foi aumentando, passaram a ser conhecidas como "Jardins de Schreber". Em 1870 já haviam sido criados cerca de 100 lotes. Berlim foi também uma das cidades que adotou este tipo de iniciativas, pese embora as razões que levaram à sua criação não tenham sido as mesmas que em Leipzig. Na capital alemã, as Hortas Urbanas tinham uma base menos educacional, mais económica e mais social, como resultado da Industrialização e do êxodo rural que provocaram o crescimento da cidade. Estas hortas eram, então, uma expressão da pobreza e miséria vividas naquela época (Turowski, 2002).



**Figura 2** - Jardim de Schreber, em Leipzig, no século XIX (Levenston, 2012)

Em conclusão, a importância assumida pelas Hortas Urbanas na Europa encontra-se diretamente relacionada com conjunturas socioeconômicas. Durante os períodos de crise, estas hortas desempenhavam uma função de subsistência, enquanto em períodos de prosperidade eram utilizadas numa vertente recreativa, em que era comum o cultivo de flores e árvores (Boukharaeva & Marloie, n.d.).

### **1.3.2. O caso dos Estados Unidos da América**

De acordo com a literatura, a Agricultura Urbana surgiu nos Estados Unidos da América na sequência do processo migratório de populações Europeias, que levaram consigo as práticas agrícolas típicas dos respetivos países de origem. Staten Island e Brooklyn, em Nova Iorque, são exemplos de cidades americanas que adotaram e aprimoraram algumas práticas agrícolas levadas principalmente por emigrantes Gregos e Italianos, respetivamente (Smit *et al.*, 2001b).

A História das Hortas Urbanas nos Estados Unidos da América pode ser dividida em cinco grandes períodos temporais, verificando-se que, enquanto os períodos de maior expansão agrícola coincidem com épocas socioeconomicamente conturbadas, os períodos de menor expansão agrícola coincidem com alturas de melhor qualidade de vida da população. De seguida, apresentam-se de forma breve alguns dos principais aspetos daqueles períodos temporais.

- Década de 1890: entre os anos de 1893 e 1897, uma grave crise económica nos Estados Unidos da América fez com que a taxa de desemprego aumentasse substancialmente. Detroit, no estado de Michigan, foi uma das cidades mais afetadas, sendo levada a um período de extrema pobreza. Por forma a combater esta situação, Hazen Pingree (1840-1901), *Mayor* de Detroit, propôs a cedência de terrenos baldios à população desempregada, de modo a que esta pudesse cultivar e vender produtos hortícolas, mantendo não só a sua subsistência, mas conseguindo criar alguma economia familiar (Austin, 2011). Por esta razão, as primeiras Hortas Urbanas localizadas nos Estados Unidos da

América são identificadas com a cidade de Detroit. O sucesso deste programa conduziu também ao surgimento de outras hortas deste âmbito em Nova Iorque, em Chicago, em Boston, entre outras cidades (Lawson, 2009). Este tipo de iniciativas proporcionou inúmeros benefícios à população, promovendo autossuficiência alimentar e novos hábitos de consumo sustentáveis.

- Primeira Guerra Mundial (1914-1918): durante este período, não só os preços de produtos alimentares aumentaram exponencialmente, como também escassearam. No sentido de evitar a carência de bens essenciais para a população, o Governo Americano promoveu a construção de Hortas Urbanas. Deste modo, em 1917, fundou-se a “National War Garden Commission” que pretendia despertar os patriotas dos Estados Unidos da América não só para a importância de cultivar toda a terra abandonada, mas também educá-los relativamente à conservação dos alimentos que não podiam ser consumidos em fresco. Passado um ano, em 1918, foi elaborado um programa para diversas escolas denominado “United States School Garden Army”, cuja função passava por incorporar uma educação agro-cultural na vida dos jovens (McKelvey, n.d.), ilustrada na Figura 3. Graças a estas iniciativas, o número de Hortas Urbanas nos Estados Unidos da América passou de 3 000 000 para 5 285 000, no espaço de um ano (Kearney, 2009). Ainda em 1919, em Dallas - estado do Texas -, existiam 20 000 hortas com a capacidade de produzir mais de 17 500 embalagens de vegetais, em apenas poucas semanas. A Cidade de Marion - estado de Indiana -, com uma população de apenas 29 000 pessoas, possuía já mais de 14 000 jardins hortícolas. No final da guerra, as Hortas Urbanas continuaram a fazer parte da vida das pessoas. Todavia, o seu número decresceu.

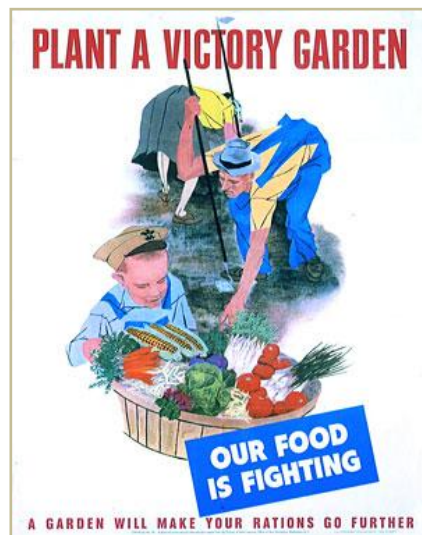


**Figura 3** - Programa de educação agro-cultural "United States School Garden Army", para o qual se inscreveram cerca de 1 500 000 crianças (Heimer, 2008b)

- Grande depressão (1929-1939): a grande depressão dos Estados Unidos da América surgiu em 1929, tendo persistido durante uma década. Esta grave crise económica teve impacto não só na economia do país, mas na de todo o mundo, colocando milhares de pessoas em situação de desemprego. Como resultado das dificuldades económicas vividas nesta fase, assistiu-se a um (re)incremento do movimento das Hortas Urbanas, incentivado por Instituições e por Organizações Não Governamentais, nomeadamente, a “Family Welfare Society and the Employment Relief

Commission”. Estas hortas tinham o objetivo de providenciar não só alimentos, mas também oportunidades de trabalho. Em 1933, o novo presidente Franklin Roosevelt (1882-1945), introduziu o “New Deal”, segundo o qual os hortelãos receberiam um salário pelo cultivo e distribuição de produtos à população mais carenciada. Contudo, este programa apenas durou até 1935, ano em que o governo cortou o financiamento aos agricultores e adotou outros programas de emprego, que incluíam, por exemplo, o conceito de “vale de refeição”, em que uma refeição era fornecida a partir de excedentes agrícolas (Lawson, 2009).

- Segunda Guerra Mundial (1939-1945): durante este período as Hortas Urbanas passaram a designar-se por “Victory Gardens”, tendo recomeçado a partir das “Liberty Gardens” da Primeira Guerra Mundial, ou das Hortas Urbanas formadas durante a Grande Depressão (McKelvey, n.d.). Nesta fase, foi criado o “National Victory Garden Program”, um programa que incentivava as pessoas a cultivar, utilizando para tal, cartazes como o que a Figura 4 dá conta. Este incentivo tinha por objetivos, o abastecimento das Forças Armadas com produtos nutritivos, e ainda a preservação de frutos e legumes para uso futuro, caso a escassez de alimentos aumentasse. As Hortas Urbanas começaram, portanto, a ser vistas de outra perspectiva, uma vez que não eram apenas utilizadas pela população com menos recursos, mas por todas as pessoas. Em 1944, a produção nestas hortas passou a representar 40% da produção total de hortícolas nos Estados Unidos da América, o que se traduzia em mais de 1 000 000 de toneladas de vegetais (The National WWII Museum, n.d.) No entanto, após a guerra, o número de hortas decresceu substancialmente à medida que a vida das pessoas retomava a normalidade, sendo que as que restaram foram cruciais para o espoletar do novo movimento que teve lugar em 1970.



**Figura 4** - Cartaz a incentivar a criação de "Victory Gardens", durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido construídas mais de 20 000 000 de hortas neste período (Heimer, 2008a)

- A partir de 1970 até ao momento presente, as Hortas Urbanas nos Estados Unidos da América têm vindo a ganhar uma nova importância e a assegurar novas funções. Com efeito, o seu ressurgimento está ligado não só ao êxodo rural, à inflação e à crescente preocupação com a qualidade dos

alimentos e à preservação ambiental (McKelvey, n.d.). É neste contexto que começaram a surgir novos programas como, nomeadamente, o “Green Guerillas”. Localizado em Nova Iorque, este movimento tem por principal objetivo produzir alimentos que suprimam, não só em quantidade mas, sobretudo, em qualidade as necessidades nutricionais da população (Green Guerillas, 2012). Passados seis anos após a formação deste programa, em 1979, surge a Associação sem fins lucrativos “American Community Gardening Association”, fundada por um grupo de ativistas com o intuito de formar uma comunidade ligada à Agricultura Urbana e de estimular a interação social (ACGA, n.d.).

Em suma, enquanto no século XIX e até meados do século XX, muitas Hortas Urbanas surgiram nos Estados Unidos da América de forma “oportunistamente” em terrenos baldios, associadas a conjunturas de crises económicas e com o objetivo central de satisfazer necessidades alimentares básicas, a partir da década de 70 do século XX as Hortas Urbanas tendem a estar mais associadas à crescente pressão de desenvolvimento urbano e ao acentuar das preocupações com a segurança alimentar e a educação ambiental (Lawson, 2009).

### **1.3.3. O caso do Continente Africano e Médio Oriente**

A História da Agricultura Urbana praticada no Continente Africano e no Médio Oriente apresenta algo de contraditório. Apesar de estes territórios serem considerados o berço da Civilização, e também da Agricultura, a prática desta atividade foi subestimada ao longo de várias gerações, pese embora a longa tradição (Smit *et al.*, 2001b).

Contudo, as Primeira e Segunda Guerras Mundiais provocaram uma mudança de mentalidades. Até 1970, as políticas em vigor eram antagónicas à prática agrícola, não incentivando a população a produzir os seus próprios bens essenciais. Porém, numa altura em que muitos países do Norte do Continente Africano e do Médio Oriente se encontravam em crise económica e em que a escassez de alimentos imperava, o potencial da Agricultura Urbana começou a ser reconhecido, tomando-se várias medidas de incentivo ao cultivo de parcelas domésticas (Smit *et al.*, 2001b). Entre estas medidas, destacam-se não só os vários terrenos até então baldios que passaram a ser cultivados, mas também a fundação de uma Cooperativa, pelo Governo da Zâmbia, em Lusaka, no ano de 1972, com o objetivo de aumentar o suplemento de frutos e vegetais para a cidade. Em 1984, passados 12 anos, esta Cooperativa era constituída por 5 000 membros (Small, 2007). Estas iniciativas contribuíram para incentivar a criação de hortas em espaço urbano, sendo que em 1980, cerca de 60% da população pobre era proprietária de uma pequena horta circundante às respetivas habitações, onde cultivava produtos da época (Smit *et al.*, 2001b).

Porém, apesar dos esforços desenvolvidos pela população e por serviços e entidades ligadas à atividade agrícola, tais como a “Community Agriculture Project”, a “Food Gardens Foundation” e a “Farming in the city”, a Agricultura Urbana praticada no Continente Africano e no Médio Oriente continua a ser menos produtiva quando comparada com a da Europa e a da Ásia, uma vez que a

terra é quase sempre usada para a produção de sementes de baixas qualidade e rentabilidade (Smit *et al.*, 2001b).

#### **1.3.4. O caso do Continente Asiático**

O Continente Asiático apresenta uma longa tradição em Agricultura Urbana. Uma vez que muitas das suas cidades são caracterizadas por um rápido crescimento populacional, desde sempre que os benefícios das Hortas Urbanas foram reconhecidos e, como tal, estas continuam a ser utilizadas nos dias que correm como um método comum de utilização do solo (Smit *et al.*, 2001b).

No período antecedente à construção das linhas ferroviárias, o transporte e o armazenamento de alimentos perecíveis era de difícil concretização, pelo que os locais de produção necessitavam de estar próximos dos locais de venda. Por forma a contornar este problema e conseguir a autossuficiência em produtos vegetais, dois países destacaram-se em matéria de Agricultura Urbana, sendo eles a China e a Indonésia - mais particularmente a Ilha de Java, onde a tradição em Agricultura Urbana é tão antiga quanto a do país referido em primeiro lugar -. A China, por um lado, desenvolveu ao longo do século XIX, planos de reestruturação do uso da terra e de reciclagem de resíduos, assim como forneceu apoios à prática da Agricultura Urbana. Graças aos benefícios trazidos pelas políticas aplicadas, estas continuam atualmente em vigor. Na Indonésia, por seu lado, tem-se constatado o estabelecimento da Agricultura Urbana como uma indústria de grande peso capaz de atenuar o desemprego e de aumentar a capacidade de compra. Um outro país com especial enfoque é o Japão, um dos poucos a nível mundial que incorpora nos censos, questões relativas à prática da Agricultura Urbana. Uma vez que este último país é caracterizado por uma grande densidade populacional e por poucos terrenos disponíveis para cultivo, sérias preocupações para a segurança alimentar são levantadas. Por este motivo, a maior parte do terreno disponível, tanto no interior das cidades, como ao seu redor, é utilizado para a prática agrícola (Smit *et al.*, 2001b).

Graças aos benefícios comprovados pelos sistemas de Agricultura Urbana usada em grande parte dos países do Continente Asiático, estes métodos têm sido introduzidos em cidades de todo o Mundo. Emigrantes Japoneses, por exemplo, levaram consigo algumas técnicas para o Brasil, enquanto Vietnamitas promoveram métodos característicos do seu país na Costa do Marfim (Smit *et al.*, 2001b).

### **1.3.5. O caso da América Latina**

A tradição da prática da Agricultura Urbana na América Latina é conhecida por ser tão antiga quanto a do Continente Asiático, pese embora com uma evolução menos homogénea.

Aquando da colonização Portuguesa e Espanhola, durante o século XV, um novo tipo de construção e gestão das cidades trazido pelos colonizadores não contemplava o fenómeno das Hortas Urbanas, o que fez com que o interesse por esta matéria não se tivesse colocado.

No entanto, após a independência dos países Latino-Americanos no século XIX e com as Guerras Mundiais do século XX, um novo conceito de agricultura foi sendo constituído, desta feita englobando a Agricultura Urbana nos bairros mais pobres que rodeavam as antigas cidades colonizadas. Durante as décadas de 1970 e 1980, a atividade agrícola nas cidades da América Latina foi promovida através de apoios não só dados pelos Governos e por Programas de Caridade, mas também por Instituições Religiosas. Ao longo dos últimos anos, especialmente, estes apoios e incentivos à Agricultura Urbana têm sido cada vez maiores, dado os benefícios já há muito reconhecidos desta prática, principalmente durante épocas de crise económica. Em Cuba, por exemplo, de 1992 a 2000, verificou-se um aumento da produção urbana de alimentos na ordem dos 300%. Em igual período de tempo, constatou-se que as crianças passaram a consumir quatro vezes mais vegetais, comparando com os dez anos antecedentes. Em Abril de 1995, vários *experts* e empresários do ramo da agricultura, desde o México até à Argentina, reuniram-se em La Paz, na Bolívia, para formar a “Red Agricultura Urbana Investigaciones Latinoamerica” como forma de promover este tipo de atividade (Smit *et al.*, 2001b).

Apesar da longa tradição da atividade agrícola em diversos países do Continente Africano e Médio Oriente e também da América Latina, a sua importância só agora começou a ser reconhecida através de medidas políticas favoráveis à criação de Hortas Urbanas, como resposta a períodos de crise. Contrariamente, o Continente Asiático desde sempre reconheceu e valorizou a importância destas hortas devido ao rápido crescimento populacional característico dos seus países, desenvolvendo inúmeras iniciativas nesse âmbito.

### **1.4. Hortas Urbanas: um desafio no futuro próximo?**

Estima-se que em 2050 a população mundial pode atingir as 9,1 mil milhões de pessoas, o que representa um aumento de 34% da população atualmente existente. Caminha-se, pois, para uma Era cada vez mais urbanizada, caracterizada por um aumento progressivo de residentes citadinos. Face a esta estimativa do crescimento populacional e, por forma a disponibilizar a quantidade de alimentos necessária, a produção deste tipo de bens deverá aumentar em cerca de 70%. Por este motivo e outros, como se verá adiante, a Agricultura Urbana tem vindo a cimentar a sua importância ao longo das últimas décadas, servindo como uma alternativa ao cenário atual das cidades (FAO, 2009).

De seguida procurar-se-á explicar, de forma sumária, o panorama geral da importância relativa das Hortas Urbanas na Europa e no resto do Mundo.

Na Alemanha existem cerca de 1,4 milhões de Hortas Urbanas em todo o País, havendo mais de 80 mil apenas em Berlim, com uma lista de espera de cerca de 16 000 pessoas. Estas Hortas pertencem, na sua maioria, a Instituições, e são geridas por Cooperativas ou Associações de bairro, responsáveis pela manutenção das vedações, dos caminhos e dos abrigos, e responsáveis pelo controlo dos sistemas de rega (Folgosa, 2007). Contudo, não é apenas na capital deste País que se observam iniciativas do género. No ano de 2009, vários Arquitetos da cidade de Munique reuniram-se, formando o Grupo Agropolis. Vencedor da Competição “Open Scale” - uma competição que visa o debate de novas ideias para as cidades -, este grupo apresentou um projeto baseado no conceito de Desenvolvimento Urbano Sustentável, o qual compreendia a construção de locais na cidade, onde as pessoas pudessem cultivar os seus próprios alimentos. Este projeto já contribuiu para a construção de cerca de 800 Hortas Urbanas na cidade de Munique, nas quais colaboram alguns milhares de pessoas (Müller, n.d.).

Por seu lado, a Dinamarca é o País Europeu que apresenta o maior número de Hortas Urbanas *per capita*, uma tradição que já remonta ao século XVIII (Folgosa, 2007). Estima-se que, hoje em dia, existam mais de 62 120 Hortas Urbanas espalhadas pelo País. (Pawlikowska-Piechotka, 2012). Copenhaga, a capital, em muito tem contribuído para este valor, nomeadamente, através de iniciativas que incentivam não só o cultivo, mas também a criação de uma nova mentalidade na comunidade urbana. Nesta mesma cidade, no distrito de Norrebro, foi criado o projecto DYRK Norrebro com o objetivo de serem construídos espaços na cidade que possibilitassem o cultivo de produtos hortícolas, servindo, portanto, como uma alternativa que, por um lado, reduz a distância entre o local de produção e o local de consumo e, por outro, permite estabelecer laços entre uma sociedade caracterizada por inúmeras etnias. Esta iniciativa, estabelecida em 2010, teve as suas origens no telhado de uma escola, tendo-se estendido já a Instituições, a Centros Culturais e até a muitos locais de restauração da cidade (DYRK, 2011).

No que respeita à Holanda, é de salientar a cidade de Amesterdão que alberga cerca de 6 000 Hortas Urbanas em aproximadamente 300 hectares de terreno. A maioria destas hortas, com dimensões entre os 50 e os 300 metros quadrados, foi construída para fins recreativos e de lazer. Já em Wageningen, um modelo diferente de Hortas Urbanas está a ser implementado. Nesta cidade, é feita uma associação entre produtores e consumidores, cuja escolha das culturas é feita por ambos. Neste regime, cabe aos agricultores o cultivo em quantidade suficiente dos produtos, enquanto os consumidores realizam a sua própria colheita. Graças a estas iniciativas, e a todas as outras existentes na Holanda, estima-se que 33% da produção vegetal deste país tem origem nas grandes cidades (De Lange, 2011).

No Reino Unido presume-se a existência de mais de 300 000 Hortas Urbanas usufruídas por 330 000 pessoas, estando outras 100 000 em lista de espera. Estima-se que apenas na cidade de Londres, a cada ano, adiram 650 000 pessoas à iniciativa das Hortas Urbanas (Garnett, n.d.). O

bairro de Redbridge, na cidade de Londres, em muito tem contribuído para estas estatísticas através do “Goodmayes Allotment Garden Festival”, um evento anual que teve lugar pela primeira vez no ano de 2006. Este festival tem como objetivo dar a conhecer aos residentes de Redbridge, os prazeres da vida rural dentro da cidade através da venda de produtos cultivados nas Hortas Urbanas. No presente ano, este evento cativou cerca de 1 200 pessoas (Dearden, 2013).

Relativamente à Polónia estima-se que atualmente existem 960 000 hortas, o que se traduz em uma Horta Urbana por cada dez cidadãos. Contudo, este rácio varia em função das regiões do País devido às diferentes tradições locais, culturas, políticas e também devido à própria demografia das regiões (Pawlikowska-Piechotka, 2012).

Em França pode encontrar-se Hortas Urbanas nos “Jardins de la Crapaudine”, na cidade de Nantes, ao longo de uma área de cinco hectares. Estas hortas foram entregues pela Autarquia a moradores de fracas possibilidades económicas, com o intuito de auxiliar o rendimento familiar, incentivar práticas agrícolas sustentáveis e criar e estreitar laços de vizinhança (Folgosa, 2007). No que diz respeito à capital, Paris desenvolveu o programa “Green Hand” por forma a incentivar novas Hortas Urbanas e a coordenar as já existentes, contando já com 70 espaços. O Jardim “Potager des Oiseaux” é um destes locais, constituído por 10 talhões, cada um com uma área de 120 metros quadrados, onde podem ser encontradas flores e produtos hortícolas (Vélib & Moi, 2013).

No que se refere a Espanha, é de referir, por exemplo, o caso da cidade de Barcelona onde as Hortas Urbanas são disponibilizadas pelas Autarquias e entregues aos hortelãos mediante um contrato de arrendamento e/ou cedência gratuita por um período de cinco anos. Estes contratos estipulam não só a obrigatoriedade do cultivo, mas também a adoção de modo de produção biológica e ainda a manutenção dos acessos a terrenos de cultivo e da área envolvente. Estas hortas encontram-se abertas a escolas e ao público em geral (Folgosa, 2007). Nesta mesma cidade, no ano de 2009 foram criadas pequenas parcelas de cultivo em estradas de acesso aos terminais do Aeroporto. Estas podem ser utilizadas por qualquer pessoa, pese embora sejam os taxistas os principais utilizadores deste espaço (Fock, 2009).

Em Itália, a Sul de Milão é possível encontrar o “Parco Agricolo Sud Milano”, uma zona verde inserida numa área de cerca de 47 000 hectares densamente edificada e industrializada, cujo objetivo passa pela recuperação da ligação entre cidade e campo, e pela sobrevivência da atividade agrícola nos centros urbanos (Folgosa, 2007). Já em Roma, mais de 50 espaços agrícolas citadinos estão identificados, sendo usufruídos pela população e por diversas Associações (Levenston, 2010).

Para além dos países da Europa Comunitária, é ainda de referir o caso da Rússia pela importância que as Hortas Urbanas aí assumem. De acordo com Moldakov (2005), colaborador do Programa RUAF, a cada ano que passa, cerca de 2,5 milhões de habitantes participam em atividades agrícolas, sendo que a área total cultivada por residentes citadinos é de aproximadamente 560 000 hectares. Apesar da adesão às Hortas Urbanas se ter iniciado ainda durante o século XIX, o seu *boom* deu-se apenas na década de 1980, com a instalação da crise económica e as consecutivas

mudanças políticas que, então, tiveram lugar. Tais situações levaram à criação do Clube de Horticultores do Centro de São Petersburgo a partir do Centro para Iniciativas Cidadãs EUA-Rússia, uma fundação sem fins lucrativos. Este clube foi estabelecido por um grupo entusiasta, em 1992, por forma a tornar a cidade num local mais ecológico e saudável, desenvolvendo para tal, diversas iniciativas, nomeadamente, a construção de Hortas Urbanas nos tetos dos edifícios e em prisões, a promoção de agricultura em escolas e um programa de horticultura como terapia num Instituto para pessoas com deficiências (Moldakov, 2005).

O cenário traçado, tal como se constata, evidencia diferenças entre os estados Europeus aqui referenciados. Estas diferenças encontram-se na temporalidade da tradição das Hortas Urbanas, a qual se manifesta no número de residentes nelas envolvidas e na área ocupada pelas mesmas. Tais diferenças são verificadas ainda nos tipos de locais e localizações das Hortas Urbanas e, nos diferentes objetivos que as suportam. O exposto sugere ainda que é em países da Europa do Norte onde as Hortas Urbanas têm maior presença e reconhecimento social, comparativamente ao que ocorre no Sul da Europa.

Seguidamente far-se-á uma breve incursão por alguns países Africanos, onde a realidade das Hortas Urbanas se insere num contexto diferente do apresentado anteriormente. Nestes países, as hortas localizadas no meio citadino têm, regra geral, objetivos distintos dos que suportam as localizadas na Europa. A explicar esta afirmação está o facto de atualmente se estimar que, um quarto da população total do Continente Africano reside em áreas citadinas, sendo que mais de dois terços se encontram envolvidos na prática da Agricultura Urbana. A grande percentagem do total da produção agrícola destina-se ao autoconsumo, uma vez que a população urbana destes países consome mais de metade dos seus rendimentos em alimentação. Assim, apenas uma pequena parte é utilizada para ser vendida em mercados. As estatísticas mais recentes da Slow Food Foundation for Biodiversity (2011) apontam para a existência de cerca de 887 Hortas Urbanas pertencentes ao programa “A Thousand Gardens in Africa” e distribuídas por 25 Países Africanos, dos quais, quatro serão referidos.

Na África do Sul, segundo a CDS Policy Lekgotla (2010), é impossível estimar, com algum rigor, o número de agricultores urbanos deste país. Contudo, estudos realizados sugerem que, de entre os dois milhões de pessoas ligadas à agricultura, 300 000 a 500 000 encontram-se envolvidas na prática específica da Agricultura Urbana, salientando-se que a maior concentração de agricultores urbanos se situa em áreas de maiores níveis de pluviosidade e em zonas costeiras pobres. Segundo a Slow Food Foundation for Biodiversity (2011), é estimado que existem 104 Hortas Urbanas por toda a África do Sul.

Relativamente à República Democrática do Congo, foi desenvolvido um projeto pela FAO que visa regularizar títulos de 1 600 hectares de hortas cuidadas por cerca de 20 000 produtores, em cinco cidades. Este projeto, além de permitir a introdução de variedades melhoradas de hortaliças, proporciona a instalação e o melhoramento de 40 estruturas de irrigação, conseguindo-se ampliar a disponibilidade de água e de produção ao longo do ano. Graças a todas estas inovações, na capital

deste país, Kinshasa - uma das cidades contempladas -, é já possível produzir entre 75 000 a 85 000 toneladas de hortaliças por ano, o que representa cerca de 65% do abastecimento da cidade. O projeto permitiu ainda a criação de novas oportunidades de trabalho, empregando 66 000 pessoas e ajudando indiretamente outras 330 000 (FAO, 2012c). Segundo a Slow Food Foundation for Biodiversity (2011) existem cerca de 19 Hortas Urbanas na República Democrática do Congo, distribuídas não só por Kinshasa, mas também pelas províncias de Ituri e de Catanga.

Na cidade de Dar Es Salaam, na Tanzânia, é possível encontrar uma área de 650 hectares utilizada para a Agricultura Urbana, a qual representa 90% do total de produção de vegetais que abastece a cidade, constituindo também uma fonte de rendimento para mais de 4 000 agricultores (FAO, 2007). A 16 horas de distância de carro de Dar Es Salaam, encontra-se uma pequena aldeia perto da fronteira com Moçambique, denominada de Msindo. Desde o ano de 2008 que é possível encontrar neste local uma Horta Urbana com aproximadamente 3 000 hectares, pertencente a uma Organização Não Governamental Italiana. Esta horta prima pelo cultivo de produtos tradicionais da região, nomeadamente, amaranto, feijão-frade, quiabo, sorgo, entre outros. O objetivo primordial passa por ser um exemplo para todas as escolas e para a comunidade, funcionando também como um incentivo para os mais jovens utilizarem os terrenos de forma produtiva (Slow Food Foundation for Biodiversity, 2011).

No Uganda, a Agricultura Urbana desempenha um papel primordial na capital deste país, Campala, uma vez que a atividade agrícola contribui com mais de 40% do total de alimentos consumidos pela população. Mais de metade dos terrenos urbanos e periurbanos são utilizados por 30% de pessoas ligadas à agricultura (Urban Harvest, 2007). Estima-se que existam cerca de 77 Hortas Urbanas espalhadas por todo o País (Slow Food Foundation for Biodiversity, 2011).

Por forma a proporcionar uma visão mais generalizada do impacto da Agricultura Urbana no Mundo, apresentam-se alguns elementos informativos por Continente. Assim, irá começar-se pelo de África e pela América Latina, seguindo-se o Continente Asiático, o Norte do Continente Americano e, por fim, o Continente da Oceânia.

Estima-se que 130 milhões de habitantes urbanos em todo o Continente Africano - 40% da população - e 230 milhões de habitantes na América Latina - 50% da população - pratiquem agricultura, sobretudo horticultura, por forma a satisfazerem as necessidades de autoconsumo e de autossuficiência ou para vender e, assim, conseguir obter algum rendimento. No Norte de África, pensa-se que se pode encontrar seis milhões de residentes urbanos ligados à produção de hortícolas em pequena escala (FAO, 2012c). Já em Cuba, na América Latina, a Agricultura Urbana intensiva é promovida desde 1990, sendo que, atualmente, o sector fornece 60% da produção hortícola e o consumo *per capita* de frutas e hortaliças excede o mínimo recomendado pela FAO/OMS (400g/dia) (FAO, 2012c).

Relativamente ao Sul do Continente Asiático estima-se que cerca de 11 milhões de residentes urbanos estejam envolvidos na prática da Agricultura Periurbana e Intraurbana. A produção é caracterizada por ser intensiva e por disponibilizar produtos perecíveis de alto valor,

nomeadamente, leite e vegetais. Nas grandes cidades situadas a Este e a Sudeste do Continente, é possível encontrar cerca de sete milhões de pessoas envolvidas na atividade agrícola (FAO, 2007).

No que diz respeito ao Norte do Continente Americano, estudos realizados em Nova Iorque revelam que existem aproximadamente 1 000 Hortas Urbanas em espaços públicos. Já em Boston, a “Boston Natural Areas Network” é responsável pela gestão de mais de 150 Hortas Urbanas utilizadas por 10 000 pessoas (Duchemin, Wegmuller & Legault, 2008). Muitas destas hortas podem ser encontradas também em Washington, Chicago, San Francisco, entre outras cidades.

Por fim, na Oceânia, um dos Países que mais tem contribuído para o desenvolvimento desta matéria é a Austrália. É na região Sul deste país, com mais de 30 espaços citadinos agricultados, que se verifica a maior quantidade de Hortas Urbanas *per capita* (Harris, 2008).

Em suma, do anterior exposto são de reter o facto de as Hortas Urbanas em África e na América Latina visarem assegurar, sobretudo, funções de segurança alimentar e de autoconsumo, em contraste com o que sucede na Europa e no Norte do Continente Americano, onde aquelas assumem múltiplas funções, isto é, de autoconsumo mas também de recreio e lazer, de socialização e (reforço) da coesão social, didáticas, estéticas/paisagísticas, ambientais e terapêuticas. Por seu lado, em África e na América Latina a função predominante, senão mesmo exclusiva das Hortas Urbanas - a satisfação das necessidades alimentares - é explicada pelos processos de êxodo agrícola e rural que, em consequência das guerras, mas também de períodos de seca, flagelam estes países, levando à concentração das populações em centros urbanos.

## **1.5. Conclusão**

A procura de soluções para crises sociais e económicas desperta o interesse por elementos anteriormente esquecidos pela sociedade. Um desses elementos é a Agricultura Urbana, um conceito considerado como um fenómeno universal e que se encontra amplamente distribuído por inúmeras regiões do Globo (Boukharaeva & Marloie, n.d.). Neste capítulo constatou-se que, enquanto durante os períodos mais conturbados da História, a Agricultura Urbana - mais especificamente as Hortas Urbanas -, assumia um papel essencial para a segurança alimentar, nos períodos mais estáveis, a função de produção de alimentos assumia um papel secundário, passando a caracterizar-se sobretudo por vertente mais recreativa. Mais recentemente, o papel das Hortas Urbanas foi-se alargando, sobretudo nas sociedades Ocidentais, a outras vertentes - estéticas, sociais, ambientais, didáticas, entre outras -. Nos dias que correm, as Hortas Urbanas continuam a representar uma fonte de subsistência para muitos países - nomeadamente no Continente Africano -, funcionando igualmente como resposta à maior consciencialização dos problemas ambientais, típica dos países mais desenvolvidos.

## Capítulo 2 – Hortas Urbanas: Razões, Hortelãos, Benefícios e Impactos Negativos

### 2.1. Contextualização

Neste capítulo procurara-se compreender as principais razões que levaram ao reaparecimento das Hortas Urbanas, bem como identificar os principais perfis ou universos sociais que se relacionam com o cultivo dos diferentes tipos de hortas. Terminará com informação alusiva aos principais benefícios e impactos negativos das Hortas Urbanas.

### 2.2. Reaparecimento das Hortas Urbanas

*“As Hortas Urbanas estão a desfrutar de um renascimento devido ao desejo das pessoas se ligarem à comida, à natureza e à comunidade” - Firth, Maye & Pearson (2011: 555)*

A chegada de uma agricultura industrializada, a partir do século XVIII, trouxe consigo novas técnicas agrícolas, as quais vieram substituir a mão-de-obra, levando a uma desconexão das pessoas com o sistema de produção de alimentos e com o meio ambiente. Porém, ao longo das últimas décadas, várias questões têm sido levantadas. Como se verá de seguida, o uso de pesticidas e fertilizantes e os seus impactos na qualidade dos alimentos, as crises alimentares e a consequente falta de segurança alimentar, entre outros assuntos, têm sido objeto crescente de preocupação por parte das populações, sobretudo, das sociedades ocidentais (Turner *et al.*, 2011).

A urbanização é apontada como sendo um dos principais fatores responsáveis pelo crescente movimento das Hortas Urbanas. Enquanto na Europa e na América do Norte a urbanização levou séculos, estimulada pela Industrialização, no Mundo em desenvolvimento, este processo ocorrerá no espaço de duas ou três gerações. Em muitos países em desenvolvimento, o crescimento urbano é impulsionado não só pela oportunidade económica, mas também por altas taxas de nascimento e pelo afluxo maciço de habitantes rurais que procuram melhorar as suas condições de vida (FAO, 2012d). Globalmente, o aumento de residentes urbanos atingiu o seu máximo em 2008, ano em que, pela primeira vez na História, a população urbana igualou a rural, representando aproximadamente metade da população mundial (UNFPA, 2007). O progressivo aumento de espaço urbano ocupado e a consequente diminuição de terra disponível para cultivo, leva a que se recorra cada vez mais à importação de alimentos processados e transportados a longas distâncias.

A expressão *Food Miles* refere-se à longa distância a que os alimentos são sujeitos desde o local onde são produzidos até ao local onde são vendidos/consumidos. Neste sistema, a cadeia alimentar é caracterizada por vários setores que têm vindo, ao longo dos anos, a provocar uma distância cada vez maior entre o produtor e o consumidor (Van Passel, 2010). Uma vez que os

produtos alimentares podem atravessar várias fronteiras, desde o local de produção até ao consumidor final, o seu transporte é responsável não só pelo consumo de elevadas quantidades de combustíveis fósseis, como pela poluição prejudicial para o ambiente e para a saúde humana. Os alimentos transportados em regime de *Food Miles* tendem a ter fracas características organoléticas, apresentando-se menos frescos e menos saborosos quando comparados com os cultivados sem recurso a fertilizantes e pesticidas, ou em sistemas de cadeias curtas - sistemas de venda direta entre o produtor e o consumidor.

O facto de apenas um número restrito de pessoas poder aceder a uma parcela de terreno e cultivar os bens alimentares que irá consumir, e o facto da maioria dos produtos ser transportado em longas distâncias, tem levantado várias questões relacionadas com a segurança alimentar. De acordo com a FAO (2006:1), a segurança alimentar existe quando, “todas as pessoas têm possibilidades física e económica para aceder, sempre que necessitem, a alimentos seguros e nutritivos que atendam à sua dieta e que proporcionem um estilo de vida ativo e saudável”. Importa salientar que a segurança alimentar pode ser expressa através de diferentes formas, conforme o local que esteja a ser retratado. Assim, em regiões mais pobres, a falta de segurança alimentar manifesta-se sob a forma de escassez de alimentos, ao passo que, nas regiões mais abastadas pode significar pouca disponibilidade de produtos frescos. Neste último caso, o problema não reside na falta de alimentos em quantidade, mas sim na falta de alimentos de qualidade (Evers & Hodgson, 2011). Na Língua Portuguesa, estes dois conceitos tendem a ser englobados pela expressão “segurança alimentar”. Porém, na Literatura Inglesa, existem as terminologias de “Food Security” e “Food Safety” que dizem respeito ao primeiro e segundo exemplos, respetivamente. Deste modo, no Hemisfério Sul, a falta de “Food Security” está mais associada à fome, resultante da falta de nutrição energética e proteica. Já no Hemisfério Norte, a falta de “Food Safety” é cada vez mais definida pela pouca disponibilidade de produtos frescos e nutritivos, levando à epidemia do século XXI, a obesidade.

Todos os aspetos anteriormente referidos têm espoletado um interesse crescente com o que atualmente se consome. Cada vez mais, os consumidores exigem saber de onde provêm os produtos que adquirem, procurando alimentos biológicos que melhorem a sua saúde e qualidade de vida. A aplicação de fertilizantes e compostos químicos nos produtos são uma preocupação cada vez maior e, deste modo, os movimentos de adesão ao cultivo de produtos frescos e sem químicos, nas Hortas Urbanas, têm prosperado.

Contudo, as Hortas Urbanas também podem assegurar, como já foi referido, funções de subsistência que, deste modo, minimizam os impactos negativos resultantes de crises económicas e aumentos dos preços dos alimentos. Pessoas com fracas possibilidades recorrem, habitualmente, a esta atividade agrícola como forma de produzir os seus próprios bens. Assim, para além de consumirem produtos frescos e saudáveis, conseguem poupar algum dinheiro, uma vez que não necessitam de comprar os bens cultivados. Outras vezes, a produção de determinados alimentos é feita com o objetivo de os vender e assim conseguir obter algum rendimento extra.

Para além das referidas funções, a preocupação com o ambiente e a atividade recreativa e lúdica são duas outras motivações, não menos importantes, que também têm contribuído para o reaparecimento do movimento das Hortas Urbanas. Funcionando para muitos como um *hobby*, a prática agrícola permite ainda a manutenção da paisagem.

### **2.3. Quem cultiva e Tipos de Hortas Urbanas**

A Agricultura Urbana é uma atividade que envolve uma panóplia diversificada de participantes. De entre estes, fazem parte os fornecedores de recursos, os produtores, os transportadores e processadores, os retalhistas, os consumidores e os promotores da atividade agrícola (Mougeot, 2000). Contudo, tal como Smit *et al.* (2001c: 2) afirma “não existe um protótipo de Agricultor Urbano”. Os hortelãos citadinos abrangem, pois, um leque que inclui não só pessoas que são cidadãos nacionais com menos rendimentos, mas também pessoas com maiores possibilidades e até imigrantes.

Apesar de não se poder descrever de uma forma exata e única o Agricultor Urbano, como foi supra-referido, várias observações realizadas permitem obter uma ideia generalizada dos novos produtores e do seu meio envolvente. Relativamente aos países em desenvolvimento, estudos revelam que o tipo de agricultor urbano mais comum é caracterizado por um indivíduo do sexo feminino pertencente a uma família pobre mas estável. Na maioria dos casos, durante parte do dia, realizam cultivos de pequena escala em terrenos de proprietários abastados. A atividade agrícola para estas mulheres e para a sua família constitui a principal fonte de sustento ao longo do ano, sendo que o trabalho a tempo inteiro que realizam em fábricas, por exemplo, serve apenas como um complemento ao seu rendimento. Assim sendo, a produção dos seus próprios alimentos não só permite poupar, como disponibiliza uma gama de produtos saudáveis e nutritivos que, caso não os cultivassem, não teriam forma de os obter (Smit *et al.*, 2001c). A confirmar o referido, um estudo realizado no Quênia demonstrou que, de todas as famílias ligadas à Agricultura Urbana, 40% era dependente da sua autoprodução para conseguir sobreviver. Este tipo de produtores, com pouco capital e sem grandes conhecimentos técnicos, depara-se também com uma maior dificuldade de acesso a recursos como sementes, terrenos, água, tecnologia e ajuda financeira, exceção feita aos residentes de longa data na cidade. Deste modo, de uma maneira geral, apenas os indivíduos ou famílias com maiores possibilidades financeiras conseguem obter um terreno melhor dimensionado dado que, para além de disporem do capital necessário, habitam também em locais com menor densidade populacional e com maiores dimensões de espaços abertos. Têm igualmente acesso a uma maior vigilância dos seus terrenos, recursos hídricos e produtos. Estes agricultores mais abastados encaram a prática da Agricultura Urbana como uma atividade secundária realizada nas suas próprias casas. Por norma, optam por um sistema monocultural especializado de alto valor, como por exemplo, o cultivo de plantas ornamentais ou de alface. Muitos destes produtores de altos rendimentos integram uma série de operações, nomeadamente a produção, o processamento, a distribuição e mesmo ações de marketing, focando-se em mercados de exportação. As suas

empresas geralmente localizam-se em zonas periurbanas (Smit *et al.*, 2001c). Embora a prática da Agricultura Urbana nos países em desenvolvimento varie consoante as sociedades, a verdade é que esta atividade é dominada por minorias ou por grupos economicamente em desvantagem. Um estudo levado a cabo pelo “Center for Education and Technology” no Chile, estimou que, em locais de grande pobreza, as mulheres representavam 90% dos produtores de Agricultura Urbana. No entanto, a importância do sexo feminino na agricultura não está limitada à produção. Elas relacionam-se, igualmente, com a preservação dos alimentos para a família, vizinhos e até mercados. Em muitas culturas, são as mulheres as principais vendedoras dos alimentos que produzem (Smit *et al.*, 2001c).

Já nos países desenvolvidos, nomeadamente os Estados Unidos da América, a Alemanha e a Austrália, a Agricultura Urbana não assegura apenas funções produtivas, mas assume igualmente uma vertente lúdica e de recreio. A descrição do típico hortelão cidadão é, portanto, mais difícil de ser conseguida, uma vez que é possível encontrar-se uma panóplia mais diversificada de agricultores urbanos (Heimer, 2008c). Contudo, é possível afirmar que independentemente do desenvolvimento económico do país, as Hortas Urbanas têm vindo a tornar-se uma presença assídua do quotidiano, catapultando o aparecimento de novas iniciativas do género que têm vindo a constituir uma parte integrante da paisagem local. Podem ser encontradas em espaços no interior ou a envolver densas edificações, em espaços de gestão comunitária das mesmas, ao longo das ruas e estradas, em jardins de habitações privadas, ou até mesmo em telhados. De seguida apresentam-se algumas características destes tipos de Hortas Urbanas com distintas localizações.

No caso das Hortas Urbanas na própria habitação, o local mais comumente utilizado corresponde ao jardim da habitação, um espaço com dimensões razoáveis que disponibiliza ao agricultor o cultivo dos produtos que pretende. No entanto, existem outros espaços - de menores dimensões - com grande potencial para a atividade, tais como telhados ou mesmo varandas. Estes locais verticais permitem cultivar, de forma eficaz, bens alimentares. As paredes, por exemplo, podem suportar recipientes onde podem ser plantadas ervas aromáticas, tornando-se espaços tridimensionais para a prática da agricultura. O facto de se criar uma horta na própria habitação apresenta vários benefícios, nomeadamente ao nível da proximidade entre o agricultor/consumidor e a dita horta. Quem dispõe de uma horta na sua própria habitação beneficia de não ter que se deslocar ao local agrícola, não tendo igualmente nenhuma despesa pela utilização do espaço (Smit *et al.*, 2001d).

A seguir à própria habitação, os espaços comunitários são os mais comuns para a produção de alimentos hortícolas, dando lugar ao que é designado por Hortas Urbanas em Espaços Comunitários. Estas hortas consistem em espaços partilhados por hortelãos, onde cada um cultiva as suas próprias parcelas, sendo também responsável por elementos de uso comunitário, nomeadamente vedações, água, abrigos, caminhos e segurança. Os Espaços Comunitários são, geralmente, apoiados por Instituições (Smit *et al.*, 2001d).

Para além das referidas, também existem Hortas Urbanas em Espaços Públicos e Privados. Exemplos destes espaços são universidades, escolas, fábricas, igrejas, aeroportos, hospitais,

prisões, parques, entre outros. Ao disponibilizá-los para fins agrícolas permite-se que estes locais consigam obter rendimento e também manutenção (Smit *et al.*, 2001d).

As Hortas Urbanas ao longo de ruas e estradas assumem, muitas vezes, um aspeto precário refletindo um processo espontâneo de aproveitamento agrícola de terrenos pouco comuns, tal como será melhor explicado no ponto 3.3. “Outro tipo de hortas” do terceiro capítulo. Este é, aliás, um caso especial de cultivo em Espaços Públicos que tem vindo a crescer, desempenhando um papel particularmente crucial para famílias com poucas possibilidades económicas e que não dispõem de espaço próprio para cultivar os seus produtos. Contudo, estes locais apresentam alguns inconvenientes uma vez que as culturas são abastecidas principalmente com a água proveniente das chuvas e, deste modo, a prática agrícola cinge-se, na maioria dos casos, aos produtos sazonais. Uma vez que os terrenos onde se inserem estas culturas são ocupados de forma ilegal, os agricultores não têm a possibilidade de melhorar a qualidade do solo e não dispõem da segurança necessária, estando igualmente sujeitos a maiores níveis de poluição. As Hortas Urbanas ao longo de ruas e estradas são tipicamente realizadas em Países em Desenvolvimento, em particular os do Continente Africano. Contudo, algumas cidades desenvolvidas na China, Argentina e Chile têm vindo a encorajar esta prática, dado o interesse das populações e, conseguindo enquadrar estas hortas na envolvente urbana (Smit *et al.*, 2001d).

## **2.4. Benefícios e Impactos Negativos das Hortas Urbanas**

Anteriormente à década de 70, as Hortas Urbanas eram consideradas como algo de carácter temporário, por forma a tentar minimizar os danos causados por guerras ou crises económicas. Serviam, portanto, como que um suplemento provisório aquando da ocorrência de escassez de alimentos. Contudo, muitos são os que afirmam que as Hortas Urbanas são caracterizadas pelas suas funções a longo termo, providenciando um sem número de benefícios não só a pessoas individuais, mas também a famílias e comunidades (McKelvey, n.d.). Os trabalhadores agrícolas, por exemplo, poderão estar mais interessados nesta atividade por questões relacionadas com a nutrição e com o ganho de rendimento, ao passo que entidades camarárias poderão estar mais atraídas pelos benefícios a nível ambiental e pelo bem-estar da sociedade. De seguida, serão enumerados os benefícios e os impactos negativos subjacentes às Hortas Urbanas, no que diz respeito a vários tópicos relacionados com a sociedade.

No que se refere à produção de alimentos frescos, a Agricultura Urbana é uma atividade cuja principal função passa por produzir alimentos em parcelas aráveis, nas quais as pessoas cultivam os seus próprios bens. Os produtos cultivados nestes terrenos apresentam características distintas quando comparados aos que se encontram na maioria dos supermercados, uma vez que não são aplicados compostos químicos ao longo do seu cultivo. Por esta razão, são caracterizados por possuírem uma melhor textura e sabor, fatores que encorajam a população a consumir maiores quantidades destes produtos biológicos (Pawlikowska-Piechotka, 2012). A Agricultura Urbana permite que as pessoas adquiram maior confiança nos produtos que consomem, providenciando frutos e

vegetais frescos fundamentais para uma dieta equilibrada e para a redução de deficiências de elementos essenciais e vitaminas.

As Hortas Urbanas podem também ser consideradas como uma atividade económica capaz de gerar rendimento aos hortelãos através da venda de alguns produtos que cultivam. As Hortas Urbanas são, igualmente, uma fonte de poupança de rendimento, uma vez que os agricultores não necessitam de comprar no supermercado os produtos que cultivaram (Smit *et al.*, 2001e).

A Agricultura Urbana contribui ainda diretamente para a saúde da população, uma vez que providencia alimentos frescos, essenciais para uma boa qualidade de vida. Estudos realizados revelam que, de uma maneira generalizada, 40 a 75% do total da população - adultos e crianças - residente em áreas urbanas de países em desenvolvimento apresenta limitações nas suas capacidades de aprendizagem e trabalho. Assim sendo, ao reduzir a fome e a má nutrição, a Agricultura Urbana ajuda a ultrapassar tais limitações (Smit *et al.*, 2001e).

As Hortas Urbanas são ainda caracterizadas por proporcionarem, a quem as cultiva, benefícios terapêuticos, uma vez que promovem o relacionamento entre pessoas, ecologia e saúde. A presença de espaços verdes contribui para o bem-estar, não só físico, mas também mental, da população. Pese embora a prática da atividade agrícola seja bastante exigente do ponto de vista físico, proporciona igualmente condições de bem-estar e relaxamento, uma vez que se insere na natureza (McKelvey, n.d.). Os hortelãos experienciam-na diretamente ao “porem as mãos na terra”, vendo crescer os seus produtos e criando laços com a vida na horta. Deste modo, a participação em Hortas Urbanas promove uma experiência que influencia de maneira positiva a opinião das pessoas sobre os alimentos, a saúde e o ambiente (Smit *et al.*, 2001e).

O convívio entre os hortelãos é uma outra vantagem das Hortas Urbanas. Com efeito, é comum constatar-se que os locais que incluem a atividade agrícola, possuem geralmente níveis mais elevados de interação social. As Hortas Urbanas apresentam a capacidade de promover um sentido de comunidade, gerador de comunicação entre a população e de partilha de conhecimentos (McKelvey, n.d.). A agricultura ajuda, portanto, à construção de coesão social e vitalidade, fortalecendo o sentimento de segurança entre a vizinhança. Muitas vezes, estes locais agrícolas são encarados como que um “terceiro espaço”, para além da habitação e do local de trabalho (Smit *et al.*, 2001e).

Para além dos aspetos positivos enumerados, as Hortas Urbanas constituem uma atividade enriquecedora para a biodiversidade e para o equilíbrio ecológico. A Agricultura Urbana apresenta a capacidade de modificar o microclima através dos vários impactos que exerce sobre o meio ambiente. Assim, a prática da agricultura não só diminui a temperatura do ar, como aumenta a humidade relativa, melhorando a qualidade atmosférica. Proporciona níveis mais elevados de oxigénio, baixando os de dióxido de carbono, essenciais para a redução do efeito de estufa. O trabalho no solo diminui o escoamento superficial, baixando assim os níveis de erosão e melhorando a sua qualidade, aspeto essencial para a fertilidade e biodiversidade no mesmo. É, então, possível cultivar uma maior variedade de produtos e promover a diversidade de organismos fundamentais

para a agricultura, tais como os insetos. O facto dos locais de produção nas Hortas Urbanas se situarem perto do seus locais de venda também reduz o consumo de combustíveis fósseis durante o transporte dos alimentos (Folgosa, 2007).

Por fim, as Hortas Urbanas funcionam ainda como um instrumento educativo para todas as pessoas, quer para aquelas que nunca tiveram contacto com a natureza, quer para as que demonstram vontade de consolidar os seus conhecimentos na matéria. A prática agrícola ensina sobre variados temas que vão desde a compostagem de produtos - por forma a melhorar o solo -, à identificação de plantas e proteção das mesmas dos inimigos naturais, entre outros (McKelvey, n.d.).

Apesar dos aspetos positivos das Hortas Urbanas, a atividade agrícola no meio citadino é, muitas vezes, considerada prejudicial não só para os produtores e consumidores, como também para o ambiente e até mesmo para a própria cidade. Seguidamente serão enumerados os principais aspectos negativos relacionados com a Agricultura Urbana, começando com os impactos ao nível da saúde da população.

A principal preocupação no que diz respeito à prática da Agricultura Urbana prende-se com a sua proximidade às áreas populacionais - poluídas -, as quais partilham o mesmo ar, a mesma água e o mesmo solo. Os alimentos produzidos em ambientes poluídos por químicos - como fertilizantes e insecticidas -, e por detritos, poderão provocar contaminações à população quer por contacto direto com os produtos - no caso dos hortelãos -, quer por resíduos nos alimentos que ingerem - no caso dos consumidores -. Apesar de estes problemas serem igualmente inerentes à agricultura praticada no meio rural, o facto de existir uma maior concentração de população no meio citadino agrava o problema. Deste modo, torna-se vital tentar minimizar ou mesmo eliminar os efeitos negativos provocados por práticas menos sustentáveis que muitas vezes são utilizadas nas cidades (Smit *et al.*, 2001f).

Relativamente ao impacto ao nível ambiental, os produtos agroquímicos, uma vez depositados sobre os alimentos e sobre o solo, poderão persistir durante um maior ou menor intervalo de tempo, tornando-se responsáveis por vários tipos de poluição, nomeadamente ao nível do solo e das culturas, ao nível da água de irrigação - devido à acumulação de metais pesados - e ao nível do ar atmosférico. Nestes ambientes poluídos, a Agricultura Urbana pode provocar igualmente a diminuição da biodiversidade e ainda a erosão dos solos aquando da aplicação de técnicas de forma menos correta (Smit *et al.*, 2001f).

Por vezes, a má gestão do espaço verde ou o facto de o local escolhido para o cultivo de produtos não ser o mais apropriado, pode provocar opiniões menos favoráveis no que diz respeito ao efeito estético das Hortas Urbanas nas cidades. Contudo, o que é considerado como algo inestético depende das perceções socioculturais (Smit *et al.*, 2001f).

De facto, como se constatou, a prática de uma agricultura incorreta, os recursos utilizados e o modo de produção podem levantar questões sobre aspetos relacionados com a poluição, com a qualidade sanitária de uma região e com a saúde da população (Mougeot, 2000). Por forma a limitar

os impactos negativos da Agricultura citadina na saúde humana, várias medidas devem ser tomadas, sendo que a principal passa pela adoção de um sistema de produção integrada. De acordo com a definição adotada pela OILB/SROP nas Regras Gerais de Produção Integrada e citada por Amaro (2003: 9) “a produção integrada é um sistema agrícola de produção de alimentos de alta qualidade e de outros produtos utilizando os recursos naturais e os mecanismos de regulação natural em substituição de fatores de produção prejudiciais ao ambiente e de modo a assegurar, a longo prazo, uma agricultura viável”. Desta forma, a limitação natural passa por um dos princípios de máxima importância associada à otimização da proteção das culturas. Deve-se, portanto, minimizar a perturbação ambiental, recorrendo a pesticidas menos tóxicos apenas como última medida. A rotação de culturas é uma alternativa da produção integrada que visa reduzir o inóculo de doenças no solo ou a eliminação de outros inimigos de combate difícil, capazes de provocar efeitos negativos na saúde das pessoas (Amaro, 2003). Existem, de facto, várias opções que limitam os impactos negativos da Agricultura Urbana. Contudo, é também necessário, em certos locais, a aplicação de medidas legislativas de proteção do ambiente associadas a uma tecnologia mais desenvolvida, nomeadamente no que diz respeito à conservação e utilização da água, um dos principais vetores de agentes patogénicos.

## **2.5. Conclusão**

O retorno do interesse atual pela Agricultura Urbana resulta de um conjunto de fatores, em particular da incapacidade das políticas em erradicar a pobreza e a falta de nutrição - no caso dos países em desenvolvimento -, e das crescentes preocupações com o desenvolvimento sustentável das cidades e com a poluição das áreas urbanas - no caso dos países desenvolvidos. A atividade agrícola no meio citadino é, por isso, cada vez mais utilizada como um paradigma baseado tanto na autogestão sustentada dos recursos, como na saúde humana, tendo já conquistado mais de 800 milhões de pessoas em todo o Mundo (FAO, 2012b).

## **Capítulo 3 – Hortas Urbanas: Análise da situação em Portugal**

### **3.1. Contextualização**

Como se tem vindo a constatar ao longo deste trabalho, as Hortas Urbanas têm vindo a assumir uma importância cada vez maior, observando-se, atualmente, inúmeros exemplos deste tipo de iniciativas um pouco por todo o Mundo. Portugal não é exceção. Ao longo dos anos mais recentes, várias Hortas Urbanas têm vindo a ser desenvolvidas, não só de Norte a Sul de Portugal Continental, mas também no Município do Funchal. Por forma a ter uma melhor perceção deste fenómeno, o presente capítulo tem como objetivo elucidar o leitor em relação à distribuição deste tipo de hortas em Portugal.

### **3.2. Materiais e métodos para o estudo das Hortas Urbanas em Portugal**

O estudo do panorama geral das Hortas Urbanas em Portugal - Portugal Continental e Município do Funchal tem por base conteúdos recolhidos exclusivamente da Internet, uma fonte de informação secundária. Por este motivo, importa salientar que as iniciativas sobre esta matéria que não tenham sido divulgadas pelo referido meio, não estarão contempladas nos Quadros das Hortas Urbanas em Portugal Continental e no Município do Funchal, que se encontram no Anexo 1. Importa ainda referir que, a respeito do Distrito de Castelo Branco, não existia nenhuma Horta Urbana em funcionamento até ao ponto de entrega deste trabalho - Outubro de 2013 -, pese embora a inauguração das “Hortas Urbanas e Sociais da Covilhã” esteja programada para breve, encontrando-se em fase de inscrições. Viseu, por seu turno, revelou ser o único Distrito de Portugal Continental sem Hortas Urbanas em funcionamento e sem planos para um futuro próximo, de acordo com a fonte de informação consultada. As Hortas Urbanas dos restantes Distritos de Portugal Continental, bem como do Município do Funchal, encontram-se identificadas e caracterizadas nos Quadros 2, 3 e 4. Estes Quadros sintetizam a informação mais detalhada sobre as Hortas Urbanas em Portugal, contida no Anexo 1.

O primeiro Quadro dado a conhecer refere-se à “Cronologia de aparecimento das Hortas Urbanas e às Entidades responsáveis por estas iniciativas”, enquanto os dois seguintes distinguem as “Diferentes tipologias de hortas e Dimensões disponibilizadas para cultivo”.

Uma vez que as hortas são um processo em construção, isto é, são dinâmicas e com rápida expansão, a ênfase deste ponto não é, nem pretende ser, um retrato exaustivo das Hortas Urbanas. Antes pretende dar a conhecer, de forma sumária e detalhada no tempo, a dimensão deste fenómeno à escala nacional.

### 3.2.1. Hortas Urbanas em Portugal

**Quadro 2 – Cronologia de aparecimento das Hortas Urbanas e Entidades responsáveis por estas iniciativas**

Distrito	Nº Hortas	Ano de inauguração das Hortas											Origem das iniciativas			
		2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	CM	JF	Estabelecimentos de Ensino Público	Outros	
Aveiro	4								1	2	1	x	x	x	Associação Movimento Terra Solta	
Beja	1									1		x		x		
Braga	3					1		1			1	x			HiperNatura Continente	
Bragança	6								3	3		x		x	Obra Social Padre Miguel; EDP Solidária Barragens; EPA	
Coimbra	3			1		1			1			x	x	x	Instituições Particulares de Solidariedade Social	
Évora	2									2					Agenda 21 Local	
Faro	6								2	2	2	x			EDP Hortas Solidárias; ALGAR; FAGAR; Glocal Faro; Slow Food Movement; Biosite; DRAP	
Guarda	2						1			1		x				
Leiria	2							1			1			x	Iniciativa por parte dos Cidadãos	
Lisboa	15						1	2	3	3	6	x			Agrobio	
Portalegre	2								1		1		x	x	ADERAVIS; Projecto de Alimentação Saudável nas Escolas do Concelho de Portalegre	
Porto	29	2	3	2	3	2	1	3	6	3	4	x	x	x	LIPOR; Área de Habitação da Gaiurb; Santa Casa da Misericórdia; ADAPTA; Biotrofa; Associação Movimento Terra Solta; EDP Hortas Solidárias	
Santarém	5								1	3	1	x			Casa Solidária das Artes e Ofícios; Agrobio; Eco-Cartaxo	
Setúbal	2								1		1	x			Fundação para a Protecção e Gestão Ambiental das Salinas do Samouco	
Viana do Castelo	2						1		1			x			Serviço da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos	
Vila Real	1							1				x				
Caso Especial: Funchal	22		1		1	2	3	3	6	3	3	x				
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>26</b>	<b>23</b>	<b>21</b>					

A observação do Quadro 2 permite constatar a existência de 107 “territórios” ocupados por Hortas Urbanas localizados em Portugal Continental e no Município do Funchal, no Arquipélago da Madeira, todas elas em pleno funcionamento. A presença das Câmaras Municipais na maioria das experiências é fulcral, atuando não só como agentes fomentadores da atividade da Agricultura Urbana, mas também incentivando a participação de indivíduos e de outras formas de sociedade organizada (Luiz & Veronez, 2012). Estabelecimentos de Ensino Público e Associações/Instituições

em muito têm contribuído, igualmente, para o incremento de iniciativas deste âmbito. A comprovar, as duas primeiras hortas - inauguradas em 2004 no Porto - resultaram de um projeto da LIPOR<sup>1</sup> em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e ainda várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto.

O Distrito do Porto foi, portanto, o primeiro Distrito a apostar na experiência das hortas urbanas, contendo atualmente o maior número de Hortas Urbanas em Portugal, num total de 29. Tal como foi referido anteriormente, as duas primeiras hortas a serem criadas datam de 2004, situando-se uma delas na Maia e a outra na Póvoa do Varzim. De 2004 em diante, todos os anos, sem exceção, novas hortas foram construídas por toda a Área Metropolitana do Porto, com destaque para 2011, ano em que foram inauguradas seis novas hortas. A concretização de muitas destas iniciativas deve-se ao Projeto “Horta à Porta”<sup>2</sup> desenvolvido em 2003, pela LIPOR. Saliente-se ainda o facto de esta empresa ter sido distinguida, em 2011, com o Prémio Europeu de Iniciativa Empresarial, na categoria “Iniciativa Empresarial Responsável e Inclusiva”, graças a este projeto (LIPOR, 2013). Outras Entidades têm tido um papel preponderante na criação de Hortas Urbanas no Distrito do Porto, nomeadamente, Instituições - Área de Habitação da Gaiurb e Santa Casa da Misericórdia -, Associações - ADAPTA e Associação Movimento Terra Solta -, a Empresa Biotrofa e, ainda, o Projeto “EDP - Hortas Solidárias”<sup>3</sup>, o qual financiou a criação da horta do ALADI, em 2012.

No que diz respeito ao caso especial do Município do Funchal, constata-se que, atualmente, o número de Hortas Urbanas ascende a 22, todas elas apoiadas pela Câmara Municipal do Funchal, no âmbito do Projeto “Hortas Urbanas Municipais”. Este projeto, criado em 2005, iniciou-se no mesmo ano com a inclusão de uma área dedicada à agricultura, no Jardim Público da Ajuda. A partir desse mesmo ano, verificou-se um efeito multiplicativo no surgimento de novos espaços agrícolas, em

---

<sup>1</sup> De acordo com a LIPOR (2013): “A LIPOR é a entidade responsável pela gestão, valorização e tratamento de Resíduos Urbanos (...) Constituída como Associação de Municípios em 1982, a LIPOR tem vindo a implementar uma gestão integrada de resíduos, recuperando, ampliando e construindo infraestruturas, complementadas com campanhas de sensibilização junto da população”

<sup>2</sup> De acordo com a LIPOR (2013): “O Projeto “Horta à Porta” é um projeto que visa promover a qualidade de vida da população, através de boas práticas agrícolas, ambientais e sociais. Esta iniciativa passa pela criação de espaços verdes dinâmicos e úteis, promovendo a biodiversidade e boas práticas agrícolas, através da compostagem caseira e agricultura biológica, mas também pela promoção do contacto com a Natureza, qualidade de vida, subsistência e responsabilidade social”. Importa igualmente referir que, de acordo com a informação disponibilizada pela LIPOR, foram criadas, até ao momento, cerca de 33 Hortas Urbanas ao abrigo do Projeto “Horta à Porta”. Porém, no Anexo “Quadros das Hortas Urbanas em Portugal Continental e no Município do Funchal” constam apenas 23 destas 33 hortas, dada a escassez de informação das hortas em falta na Internet.

<sup>3</sup> O projeto Hortas Solidárias (Fundação EDP, 2012a): “Foi lançado em 2011 pela Fundação EDP, no âmbito do Programa EDP Solidária, e motivado por um número elevado de candidaturas de associações focadas na procura de soluções na área da produção agrícola e da autossustentabilidade. Foi assim criado um programa de suporte específico para anotar projetos relacionados com a criação de hortas - que passaram a ser designadas por “Hortas Solidárias” - gerido pela Fundação EDP (...)”.

numerosos locais, permitindo um melhor aproveitamento de diversas áreas integradas na malha urbana do Funchal. É de notar que todas as hortas se localizam em áreas de grande pressão urbana, por forma a dar um apoio mais direto aos residentes. À semelhança do que acontece em muitas outras hortas do país, as “Hortas Municipais” disponibilizam aos hortelãos o acesso a água, abrigos de armazenamento de materiais agrícolas e compostores (Câmara Municipal do Funchal, n.d.). Desde o ano de 2007 que têm sido construídas Hortas Urbanas anualmente, com especial destaque para 2011, ano em que foram criadas seis novas hortas. Consciente das inúmeras vantagens que as Hortas Urbanas assumem na economia familiar dos hortelãos, a Câmara Municipal do Funchal decidiu integrar, no mesmo ano, uma componente pecuária com animais de pequeno porte. Por último, importa referir que, para ter acesso a uma parcela de terreno de cultivo, é necessário respeitar três requisitos, a saber: a obrigatoriedade em ser residente no Concelho do Funchal; não ser funcionário nem cônjuge ou descendente dependente de um funcionário da Autarquia; e não usufruir de uma outra Horta Urbana no conjunto das Hortas Urbanas Municipais.

Lisboa é o segundo Distrito de Portugal Continental com o maior número de Hortas Urbanas, perfazendo um total de 15 hortas. As primeiras, criadas entre 2009 e 2011, em Cascais, formam as Hortas Comunitárias de Cascais, situadas em terrenos da Autarquia e disponibilizadas aos munícipes para a prática de horticultura. Futuramente, prevê-se a construção de outras duas hortas - a “Horta Comunitária em São Pedro do Estoril”, na Freguesia do Estoril, e a “Horta Comunitária no Bairro 16 de Novembro”, na Freguesia de São Domingos de Rana -, juntando-se às quatro hortas já existentes e em pleno funcionamento (CMC, 2013). A cidade de Lisboa tem contribuído, igualmente, para a expansão deste tipo de iniciativa. Foi no ano de 2007 que se deu início ao Projeto dos Parques Hortícolas desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa, tendo sido inaugurado o primeiro Parque Hortícola em 2011. Assim, desde esse ano e até ao presente, 2013, seis novas Hortas Urbanas foram abertas ao público, prevendo-se, brevemente, a inauguração de uma outra, no Vale de Chelas. A presença do fenómeno das Hortas Urbanas é também notória fora da cidade de Lisboa, observando-se iniciativas do género, por exemplo, em Póvoa de Santa Iria, com a inauguração de uma Horta Urbana em 2011, por iniciativa da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, em parceria com a Associação Agrobio. Outros exemplos são as “Hortas Urbanas Sociais de Alenquer” - abertas em 2012 -, as “Hortas Urbanas de Odivelas” e a “Horta Comunitária na Ribeira da Outurela”, em Oeiras - ambas criadas em 2013 -. Refira-se que todas elas contaram com o apoio das respetivas Câmaras Municipais.

Depois de Porto e Lisboa, Faro e Bragança são os Distritos que apresentam maior número de Hortas Urbanas, cada um com seis. Relativamente a Faro, as duas primeiras Hortas Urbanas - “Hortas Urbanas Sociais de Lagos” e a “Horta Social de Faro” -, das seis atualmente em funcionamento, foram inauguradas em 2011. A primeira, pertencente ao Projeto “Agricultura Biológica para todos”<sup>4</sup>, surge da iniciativa da Câmara Municipal de Lagos, em parceria com a Biosite. A “Horta

---

<sup>4</sup> Segundo a Câmara Municipal de Lagos (2012), o Projeto “Agricultura Biológica para todos” é constituído por “ações de sensibilização e de formação, onde se inclui a realização de *workshops* sobre Agricultura Biológica e alimentação saudável (...)”

Social de Faro”, por sua vez, parte integrante do Projeto “Ahorta Solidária”, financiado, uma vez mais, pela “Fundação EDP - Hortas Solidárias”, tem como objetivo apoiar o desenvolvimento de práticas agrícolas biológicas num contexto urbano. As duas hortas criadas em 2012 - “Horta do Nascimento” e “Horta Social de Loulé” -, fazem igualmente parte deste projeto, assim como a “Horta João Lúcio”, criada já em 2013. Finalizando o que diz respeito ao Distrito de Faro, a última horta inaugurada foi a “Horta Social Urbana em Cabeço de Mocho”, por iniciativa da Câmara Municipal de Portimão e da Direção Regional de Agricultura e Pescas (DRAP). Relativamente ao Distrito de Bragança, as três primeiras hortas foram criadas em 2011, e as restantes três, em 2012. No que diz respeito ao ano de 2011, a criação da primeira horta, a “Horta Biológica de Alfândega da Fé”, foi apoiada pela Câmara Municipal de Alfândega da Fé, apresentando a particularidade de incorporar um projeto de horticultura terapêutica para crianças com necessidades especiais pertencentes à LEQUE. Ainda em 2011, a respeito da “Horta da Obra Social Padre Miguel”, apoiada pela Obra Social Padre Miguel e pelo Instituto Politécnico de Bragança, importa salientar a vertente solidária da mesma, na medida em que são colhidos alimentos diariamente por forma a disponibilizar cerca de 500 refeições diárias a idosos e a creches. Relativamente à terceira horta construída em 2011, a mesma pertence ao Instituto Politécnico de Bragança. No que se refere às Hortas Urbanas abertas ao público no passado ano, 2012, caso das “Hortas Urbanas de Macedo de Cavaleiros” e das “Hortas Comunitárias Sustentáveis”, importa frisar o apoio recebido pelas respetivas Câmaras Municipais. Ainda a respeito de 2012, foram igualmente criadas as “Hortas Sociais de Mirandela” apoiadas pela “EDP Solidária Barragens 2011”<sup>5</sup>, em parceria com a Câmara Municipal de Mirandela e a Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Carvalhais/Mirandela.

Santarém é o quarto Distrito de Portugal Continental com o maior número de Hortas Urbanas. Totalizando cinco hortas, a primeira foi inaugurada em 2011, as três seguintes em 2012 e a última, em 2013. A primeira, inserida na Antiga Escola Primária de Cavalaria, encontra-se destinada à população desempregada. As três hortas criadas em 2012, por sua vez, estão situadas em Almeirim, no Cartaxo e em Rio Maior. Importa salientar que a horta em Almeirim, designada como “Bio Hortas Urbanas de Almeirim”, teve na Câmara Municipal de Almeirim, a origem da iniciativa, em parceria com a Agrobio, formando o Projeto “Sachónabo”. Graças a este projeto, em todas as terças-feiras de cada mês é confeccionada uma refeição com os produtos da horta, servida aos alunos de todas as escolas do Concelho cujo refeitório é da responsabilidade da Autarquia. A última horta do Distrito de Santarém situa-se em Abrantes, sendo apoiada pela respetiva Câmara Municipal.

Aveiro é o Distrito que se segue. Dispõe atualmente de quatro Hortas Urbanas. O projeto-piloto da Autarquia iniciou-se em 2011 com as “Hortas Comunitárias de Aveiro”, cujo objetivo passava por providenciar um espaço de cultivo à população mais carenciada, bem como aos cidadãos com maior disponibilidade para se dedicarem à agricultura. Esta primeira iniciativa foi impulsionada pela

---

<sup>5</sup> Segundo a Fundação EDP (2012b), a iniciativa EDP Solidária Barragens 2011 é: “um programa de promoção da melhoria da qualidade de vida e combate à exclusão social nas regiões abrangidas pelos novos investimentos hidroelétricos da EDP”.

Câmara Municipal de Aveiro, pela Junta de Freguesia de Vera Cruz e pela Escola Profissional de Jardinagem, com o apoio da Associação “Movimento da Terra Solta”. No ano seguinte, 2012, foram criadas duas novas hortas, uma em Estarreja, outra em Águeda, com o apoio das respetivas Câmaras Municipais. A última horta a ser aberta ao público data de 2013 e situa-se igualmente em Águeda. Esta horta, assim como a anteriormente referida constituem as Hortas D’Águeda do Projeto “Agricultura - Semente de Sustentabilidade”, destinado à população que queira tirar partido da prática agrícola enquanto uma atividade de subsistência.

Os Distritos de Coimbra e Braga apresentam, por sua vez, três Hortas Urbanas cada. O primeiro que viu nascer uma iniciativa do género foi Coimbra, no ano de 2006, com as “Hortas Sociais do Ingote”, as quais constituem um projeto, não só de reestruturação do espaço agrícola existente na envolvente do bairro, mas também de formação de hortelãos. Em 2008 foram criadas as “Hortas Sociais do Bispo”, também estas com uma vertente de recuperação de um espaço degradado. Já em 2011 foi iniciado o Programa “Verdes Campos - Hortas Biológicas Urbanas e Comunitárias”, por iniciativa do Município da Figueira da Foz, em parceria com Instituições Particulares de Solidariedade Social. No que diz respeito ao Distrito de Braga, a primeira iniciativa surge em 2008 com a Horta Pedagógica de Guimarães, um projeto do HiperNatura Continente e da Câmara Municipal de Guimarães. A segunda Horta Urbana foi construída em 2010, com a particularidade de a Câmara disponibilizar transporte até à mesma a pessoas com o Rendimento Social de Inserção. Importa igualmente salientar que parte da produção obtida é entregue ao Banco Voluntariado da Póvoa de Lanhoso, o qual, através da Loja Social, se encarrega de distribuir os alimentos às famílias mais carenciadas. A última horta situa-se em Vila Nova de Famalicão, tendo sido construída este ano por iniciativa da respetiva Câmara Municipal.

Os Distritos de Évora, Guarda, Leiria, Portalegre, Setúbal e de Viana do Castelo albergam apenas duas Hortas Urbanas, cada um. No que diz respeito ao Distrito de Évora, as duas hortas foram construídas em 2012, ambas pertencentes ao Projeto “Hortas Urbanas de Évora”, cuja iniciativa partiu da Agenda 21 Local<sup>6</sup>. Estas hortas encontram-se enquadradas na imponência do Aqueduto Água de Prata, num espaço que oferece fácil acesso pedonal e automóvel. No que diz respeito às Hortas Urbanas da Guarda, ambas foram criadas por iniciativa da respetiva Câmara Municipal, uma em 2009, outra em 2012. Relativamente à mais antiga, designada como “Hortas Urbanas do Município da Guarda”, estima-se que seja visitada por 9 000 pessoas a cada ano. A mais recente, curiosamente, não apresenta nenhuma designação oficial, uma vez que se situa no telhado do segundo piso do edifício dos Paços do Concelho da Câmara Municipal da Guarda. A criação desta horta proporciona ao refeitório Municipal, a utilização dos produtos cultivados. Em 2011, a Câmara colheu cerca de 150 kg de produtos hortícolas desta horta (Câmara Municipal da Guarda, n.d.). No que respeita às Hortas Urbanas do Distrito de Leiria, importa salientar que a primeira foi criada em 2010 por iniciativa do Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, enquanto a segunda foi

---

<sup>6</sup> De acordo com a CIMAC (2012), a Agenda 21 Local “é um processo no qual as autoridades trabalham com a restante comunidade na elaboração de uma estratégia conjunta e na aplicação de projetos com vista à melhoria da qualidade de vida ao nível local”.

impulsionada pelos próprios cidadãos. Neste último caso, a produção destina-se não só a consumo próprio, mas também à troca direta ou à venda em pequena escala. Portalegre, por seu turno, viu a primeira horta ser construída em 2011 e a segunda em 2013. Saliente-se que a primeira, pertencente ao Projeto “Vamos à Horta”, foi iniciada pela Junta de Freguesia de Avis, em parceria com a Associação ADERAVIS, permitindo que os excedentes dos produtos hortícolas produzidos sejam organizados em cabazes e utilizados para comercialização. Já a segunda horta, a “Horta Pedagógica do Instituto Politécnico de Portalegre”, criada pelo próprio Instituto em parceria com o Projeto de Alimentação Saudável nas Escolas do Concelho de Portalegre, tem como objetivo permitir aos funcionários o usufruto dos produtos colhidos. Relativamente às Hortas do Distrito de Setúbal, a primeira, construída em 2011, encontra-se num terreno adjacente à Estrada Municipal e designa-se por “Horta Social nas Salinas do Samouco”. Esta horta, impulsionada pela Câmara Municipal de Alcochete e pela “Fundação para a Proteção e Gestão Ambiental nas Salinas do Samouco”, permite que cada hortelão forneça 5 a 7% da sua produção a Instituições de Beneficência. Já a segunda horta, construída no presente ano, surge como iniciativa da Câmara Municipal de Setúbal. Por fim, no Distrito de Viana do Castelo, é possível encontrar as “Hortas Urbanas de Ponte de Lima” e as “Hortas Urbanas da Quinta da Barrosa”. As primeiras, inauguradas em 2009, tiveram como origem de iniciativa o Município de Ponte de Lima e os Serviços da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos. Na seleção dos hortelãos é dada prioridade a candidatos seniores, a jovens casais e a pessoas que não possuam terrenos agrícolas. A segunda horta referida foi inaugurada em 2011 por iniciativa da Câmara Municipal de Caminha.

Por fim, Vila Real e Beja são os Distritos com menor número de Hortas Urbanas, sendo que cada um deles apresenta uma única horta. A Horta Urbana de Vila Real, designada como “Projeto Articular”, foi construída em 2010, por iniciativa da respetiva Câmara Municipal, tendo sido dada prioridade às famílias carenciadas. Já no Distrito de Beja existem as “Hortas Urbanas de Beja”, impulsionadas não só pela respetiva Câmara Municipal, mas também pela Escola Superior Agrária.

**Quadro 3 - Tipos e Dimensões físicas das Hortas Urbanas**

Distrito	Nº Hortas	Tipos de Hortas							
		Social				Recreativa			
		Nº Hortas	Área total de cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº Talhões	Área média/Talhão (m <sup>2</sup> )	Nº Hortas	Área total de cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº Talhões	Área média/Talhão (m <sup>2</sup> )
Aveiro	4	4	> 3520 <sup>(1)</sup>	120	(2)				
Beja	1	1	2480 - 4960	62	40 - 80				
Braga	3 <sup>(3)</sup>	1	(4)	64	(5)				
Bragança	6	6	> 100260 <sup>(6)</sup>	> 230 <sup>(7)</sup>	(8)				
Coimbra	3	3	7635 - 8655	87	88 - 99				
Évora	2	2	13320	296	45				
Faro	6	6	> 2440 <sup>(9)</sup>	107	(10)				
Guarda	2	1	150	(11)	(12)				
Leiria	2	1	(13)		50				
Lisboa	15	11	> 17665 <sup>(14)</sup>	292	52	4	5280 - 8020	72	73 - 111
Portalegre	2	1	(15)	30	(16)				
Porto	29	23	> 25488 <sup>(18)</sup>	742	(19)				
Santarém	5	5	16466 - 18266	376	44 - 49				
Setúbal	2	2	3100 - 14800	92	34 - 161				
Viana do Castelo	2	2	7242	157	46				
Vila Real	1	1	1300	26	50				
Caso Especial: Funchal	22	22	> 33353 <sup>(20)</sup>	646	(21)				
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>92</b>	<b>&gt; 234419</b>	<b>&gt; 3327</b>		<b>4</b>	<b>&gt; 5280</b>	<b>72</b>	

**Quadro 4 - Tipos e Dimensões físicas das Hortas Urbanas (Continuação)**

Distrito	Nº Hortas	Tipos de Hortas							
		Pedagógica				Empresarial			
		Nº Hortas	Área total de cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº Talhões	Área média/Talhão (m <sup>2</sup> )	Nº Hortas	Área total de cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº Talhões	Área média/Talhão (m <sup>2</sup> )
Aveiro	4								
Beja	1								
Braga	3 <sup>(3)</sup>	1	25500	510	50				
Bragança	6								
Coimbra	3								
Évora	2								
Faro	6								
Guarda	2	1	900	18	50				
Leiria	2	1	3000	15	200				
Lisboa	15								
Portalegre	2	1	(17)		30 - 50				
Porto	29	3	2442	85	29	3	1250	52	24
Santarém	5								
Setúbal	2								
Viana do Castelo	2								
Vila Real	1								
Caso Especial: Funchal	22								
<b>TOTAL</b>	<b>107</b>	<b>7</b>	<b>&gt; 31842</b>	<b>&gt; 628</b>		<b>3</b>	<b>1250</b>	<b>52</b>	

- (1) Não existe informação da Área Total de Cultivo de uma das hortas que tem 24 talhões
- (2) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (3) O Distrito de Braga apresenta três Hortas Urbanas, pese embora apenas estejam duas contempladas neste Quadro. Tal deve-se ao facto de uma das hortas ser simultaneamente Social e Pedagógica. Esta horta apresenta uma Área Total de Cultivo de 4901 m<sup>2</sup>, 186 talhões, sendo que cada um apresenta em média 26 m<sup>2</sup>
- (4) Não existe informação da Área Total de Cultivo desta horta que tem 64 talhões
- (5) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (6) Não existe informação da Área Total de Cultivo e do Número de Talhões de uma das hortas
- (7) Não existe informação do Número de Talhões de uma horta que tem uma Área Total de Cultivo de 80000 m<sup>2</sup>
- (8) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (9) Não existe informação da Área Total de Cultivo de duas hortas, uma que tem 28 talhões, e outra que tem 9 talhões
- (10) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (11) Não existe informação do Número de Talhões de uma horta que tem uma Área de Cultivo de 150 m<sup>2</sup>
- (12) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (13) Não existe informação sobre a Área Total de Cultivo e o Número de Talhões
- (14) Não existe informação da Área Total de Cultivo de uma das hortas que tem 6 talhões
- (15) Não existe informação da Área Total de Cultivo desta horta que tem 30 talhões
- (16) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (17) Não existe informação sobre a Área Total de Cultivo e o Número de Talhões
- (18) Não existe informação da Área Total de Cultivo de uma horta que tem 19 talhões e de outra horta com 32 talhões
- (19) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão
- (20) Não existe informação da Área Total de Cultivo de uma das hortas que tem 69 talhões
- (21) Por falta de informação, não é possível calcular a Área média/Talhão

A observação dos Quadros 3 e 4 permite constatar a existência de quatro tipos de Hortas Urbanas em Portugal: as hortas sociais, as recreativas, as pedagógicas e as empresariais. No que diz respeito às hortas sociais, recorde-se que as mesmas caracterizam-se por serem utilizadas, maioritariamente, por uma população (mais) carenciada, contribuindo para o incremento da qualidade de vida dos seus utilizadores. Dada a situação económica atual do País, não é de surpreender que esta tipologia seja a que apresenta uma maior expressão a nível nacional, estando presente em todos os Distritos de Portugal Continental - à exceção de Castelo Branco e Viseu, anteriormente referidos - e ainda no Município do Funchal. A partir da análise dos Quadros, verifica-se também que, dos 16 Distritos abordados, apenas seis apresentam, para além de hortas sociais, espaços agricultados de diferente tipologia, a saber, os Distritos de Braga, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre e Porto. Das 107 Hortas Urbanas presentes nos Quadros, apenas 14 não são sociais. O Distrito do Porto é o que concentra maior número de hortas sociais. O Porto é, aliás, o Distrito com maior número de Hortas Urbanas, num total de 29, das quais, 23 são de índole social - aproximadamente 80% -, divididas por 742 talhões que perfazem uma área total de cultivo superior a 25 000 metros quadrados.

O Município do Funchal é outro exemplo de uma grande concentração de hortas de índole social, concentrando 22 Hortas Urbanas deste tipo, divididas em 646 talhões de cultivo e em mais de 33 000 metros quadrados. No caso específico deste Município, a construção das hortas visava o incremento da qualidade e da diversidade alimentar dos seus habitantes.

Lisboa é o segundo Distrito de Portugal Continental que alberga o maior número de Hortas Urbanas sociais, num total de 11 hortas dispersas por aproximadamente 18 000 metros quadrados e 292 talhões.

No que toca aos Distritos de Bragança e Faro, exclusivamente com hortas sociais, verifica-se que cada um apresenta seis Hortas Urbanas em pleno funcionamento. Importa referir que, a respeito

da “Hortas Social de Faro”, do total dos nove talhões disponíveis, cinco pertencem a agregados familiares e três a Instituições. O último talhão é usufruído pela Câmara Municipal de Faro, por forma a serem realizadas ações de sensibilização para práticas saudáveis de alimentação. Importa igualmente referir que na “Hortas João Lúcio”, também ela no Distrito de Faro, cinco dos dez talhões disponíveis foram entregues pela Câmara Municipal de Olhão a Instituições do Concelho, nomeadamente a RIAS, a MOJU, a Verdades Escondidas, a CCD do Município e a Cruz Vermelha. No que ao Distrito de Bragança diz respeito, destaque para o facto de as “Hortas Sociais de Mirandela” disponibilizarem dois talhões de exploração à APPACDM. No seu total, o Distrito de Bragança apresenta mais de 230 talhões de cultivo distribuídos por uma área superior a 100 000 metros quadrados. Já o Distrito de Faro concentra 107 talhões espalhados por uma área total de cultivo superior a 2 000 metros quadrados.

Por sua vez, Santarém alberga cinco Hortas Urbanas em pleno funcionamento, dispersas por cerca de 17 000 metros quadrados e 376 talhões.

Relativamente a Aveiro, este Distrito é constituído por quatro Hortas Urbanas, as quais perfazem no seu total 120 talhões e mais de 3 500 metros quadrados de cultivo.

Coimbra, por seu turno, revela três Hortas Urbanas, as quais concentram 87 talhões numa área de aproximadamente 8 000 metros quadrados. À semelhança de Santarém e Aveiro, Coimbra apresenta exclusivamente hortas de tipologia social.

Os Distritos de Évora, Setúbal e Viana do Castelo apresentam cada um deles, duas hortas, ambas sociais. Do conjunto das seis hortas destes três Distritos, destaque-se as “Hortas Urbanas de Setúbal” uma vez que, dos 74 talhões de cultivo, 18 pertencem a trabalhadores da Autarquia e dois são utilizados por pessoas com mobilidade reduzida.

Por fim, no que se refere às hortas de tipologia social, nos Distritos de Beja, Guarda, Leiria, Portalegre, Vila Real e Braga, registou-se apenas uma horta em cada um destes Distritos. Relativamente a este último, saliente-se o facto de este apresentar, para além de uma horta social, uma outra horta de tipologia simultaneamente social e pedagógica. Esta horta, denominada “Hortas Urbanas de Famalicão” apresenta, por isso, uma vertente social, presente em seis talhões destinados a pessoas com mobilidade reduzida. Já a vertente pedagógica é estimulada pelo Centro de Estudos e Atividades Ambientais, em parceria com os jardins-de-infância do Concelho.

No que respeita às hortas de tipologia recreativa, realce-se que estas são exclusivas do Distrito de Lisboa e que se encontram relacionadas principalmente com lazer, contribuindo tanto para o bem-estar físico, como para o bem-estar psicológico. As quatro hortas de índole recreativa, situadas todas elas na capital, apresentam uma área total de cultivo de aproximadamente 7 000 metros quadrados, com 72 talhões à disposição.

Uma outra tipologia de hortas encontradas é a que se concentra na atividade pedagógica. Este tipo de hortas pretende sensibilizar a população para uma educação ambiental, dado que é cada

vez mais comum a população interessar-se por assuntos desta matéria. À semelhança do que sucede com as Hortas Sociais, o Distrito do Porto é o que apresenta o maior registo de hortas de tipologia pedagógica, num total de três hortas. Estas encontram-se divididas em 85 talhões dispersos por uma área de cultivo superior a 2 000 metros quadrados.

É também possível encontrar hortas pedagógicas nos Distritos de Braga, da Guarda, de Leiria e ainda de Portalegre, cada um com uma horta. No conjunto das quatro hortas registadas nestes Distritos, sublinhe-se o caso da “Horta Pedagógica de Guimarães”, a qual destina quatro dos seus 510 talhões, a famílias carenciadas.

Por fim, a quarta tipologia de hortas diz respeito à empresarial. As hortas que apresentam esta valência permitem que as empresas reestruturem espaços verdes, tornando-os produtivos e reduzindo custos de manutenção. Acima de tudo, estas hortas permitem que os colaboradores destas empresas tenham acesso a um espaço de terreno para cultivar os produtos que mais apreciam. Atualmente, as hortas de índole empresarial são exclusivas do Distrito do Porto, perfazendo um conjunto de três hortas divididas em 52 talhões dispersos por uma área superior a 1 200 metros quadrados. As três hortas até agora criadas pertencem às empresas Nobrinde, Tecmaia e CICCOPN.

### **3.3. Outro tipo de hortas**

Para além das Hortas Urbanas referenciadas, existe uma outra tipologia de hortas que pode ser encontrada na cidade de Lisboa. Trata-se, pois, de um grupo denominado por Hortas Dispersas<sup>7</sup>, as quais são construídas em diversos terrenos de forma não autorizada pela Câmara Municipal de Lisboa. A evolução da construção destes espaços, ao longo de várias décadas, reflete os êxodos agrícola e rural, assim como os consequentes crescimento populacional na cidade e expansão dos bairros de génese ilegal - onde estas hortas desempenhavam um papel crucial para a sobrevivência de muitas famílias (Folgosa, 2012).

Por forma a contrariar o alargamento das Hortas Dispersas, a Câmara Municipal de Lisboa começou a desenvolver, desde há dez anos, uma fiscalização e uma limpeza aos terrenos ocupados indevidamente. Uma vez que ao nível da sua eliminação nada era feito, tais medidas não impediram o crescente desenvolvimento destas hortas ilegais, tornando-se necessário a imposição de uma decisão firme por parte da Câmara. Deste modo, foi decidido que, perante estes terrenos expectantes - independentemente da sua classificação no PDM -, começar-se-ia por fazer o seu levantamento e a criação de normas para a sua utilização, enquanto não fosse estabelecida uma decisão definitiva quanto ao futuro destes terrenos. Assim sendo, a Divisão de Património Imobiliário e as Unidades de Intervenção Territorial começaram por executar um levantamento das ocupações ilegais na zona

---

<sup>7</sup> As Hortas Dispersas são tratadas por um grupo de trabalho constituído por um elemento da Comissão das Hortas Urbanas, pela Direção Municipal do Ambiente Urbano, pelo Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, pela Divisão do Património Imobiliário, pelas Unidades de Intervenção Territorial e ainda pelo Polícia Municipal (Folgosa, 2012).

Oriental, mais concretamente nas Freguesias de Marvila e dos Olivais, assim como registaram os hortelãos que utilizam estes espaços, o formato físico das hortas, entre outros aspetos. Atualmente estão em curso trabalhos de limpeza e de ordenação de várias Hortas Dispersas nas Freguesias mencionadas, pela Direção Municipal do Ambiente Urbana e pelo Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos (Folgosa, 2012). Caso seja decidido a manutenção destas hortas, os seus anteriores ocupantes serão notificados, com a responsabilidade de cumprirem normas estipuladas pela Câmara Municipal, relativas aos seus deveres, direitos e proibições.

Este projeto recentemente desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa tem como principal objetivo, o respeito pelas regras de higiene, assegurando, igualmente, um bom aspeto visual da cidade (Folgosa, 2012).

### **3.4. Conclusão**

Tal como se constatou nos capítulos anteriores, a Agricultura Urbana sob a forma de Hortas Urbanas existe desde há vários séculos atrás. No entanto, Portugal apenas começou a aderir às mesmas nos anos mais recentes. A principal razão que espoletou este interesse prende-se com fatores económicos, os quais têm levado à criação de inúmeras hortas citadinas de cariz social, um pouco por todo o país. A presença das Câmaras Municipais e de outras formas de sociedade organizada, nomeadamente, Instituições e Associações, aliada à força de vontade da população, têm contribuído para fomentar o espírito rural no meio urbano, dando primazia a uma agricultura biológica que proporciona alimentos saudáveis e nutritivos.

## Capítulo 4 – Hortas Urbanas: Contributo para a cidade de Lisboa

### 4.1. Contextualização

Este capítulo pretende dar a conhecer a longa tradição da Agricultura Urbana em Lisboa, da qual resulta a ligação entre a ruralidade e o meio citadino. Apesar de o movimento das Hortas Urbanas em Portugal ter variado ao longo de vários séculos, reconhece-se que a atividade agrícola, em especial em Lisboa, tem vindo a adquirir uma maior atenção nos últimos anos, como comprovam as mais recentes iniciativas de Parques Hortícolas, da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa, e a conseqüente evolução da área de produção hortícola nesta cidade.

### 4.2. Hortas Urbanas na cidade de Lisboa

*“As cidades necessitam de espaços verdes para contrabalançar o artificialismo do meio urbano e de reestabelecer uma nova relação com a paisagem rural envolvente e ainda presente nas áreas metropolitanas” -*

Telles (1987: 37)

Desde sempre, o espaço dedicado à agricultura assumiu um papel preponderante no desenvolvimento da população Portuguesa. A tradição agrícola era praticada não só nos meios rurais, mas também nas cidades, sendo a Agricultura Urbana especialmente visível no centro histórico das mesmas. Apesar de se ter verificado, durante muitos séculos e mesmo milénios, um contraste entre a cidade medieval e o espaço rural despovoado, segundo Telles (1996: 8) havia “uma diferença na imagem, mas não na essência”. A ligação entre cidade e ruralidade podia ser observada através do simples facto de mais de metade dos nomes de ruas e praças, ser alusiva a termos rurais. Apesar de conceitos diferentes, um não podia sobreviver sem o outro, uma vez que eram as hortas do meio rural que, situadas nas imediações próximas ou mesmo no interior das cidades, abasteciam estas últimas (Telles, 1996).

O facto da cidade de Lisboa ter sido um dos palcos do aparecimento das Hortas Urbanas, à escala nacional, tornou-se responsável pela atribuição da alcunha de “alfacinha” aos seus habitantes (CML, 2012). Núcleos mais antigos como Alfama, Castelo e Graça eram limitados por muros e construções, cujas hortas neles inseridos serviam para o convívio da população, para a formação de um ambiente humano e ainda para a sanidade dos bairros históricos (Sanchez & Santos, 2010).

A partir do século XVIII, ao núcleo primitivo agrícola já existente, juntaram-se vários espaços verdes e arborizados. O Passeio Público, construído em 1764, - como se observa na Figura 5 -, o Jardim Botânico da Ajuda em 1768 e o Passeio do Campo Grande construído em 1807 - e transformado em jardim público em 1826 -, são apenas alguns exemplos (Telles, 1987). Pomares, quintas e hortas tornaram-se, então, uma paisagem característica do meio urbano, demonstrando a

forte ligação que desde sempre houve entre ruralidade e urbanidade, na cidade de Lisboa. Nesta altura, zonas como Benfica, Telheiras e até o Campo Grande eram áreas rurais de quintas e hortas, desfrutadas pela nobreza como locais de férias e lazer. Lisboa encontrava-se, portanto, rodeada por uma paisagem onde predominavam quintas de recreio, hortas, olivais e searas (Folgosa, 2007).



**Figura 5 - Passeio Público de Lisboa** - foi desenhado pelo Arquiteto Reinaldo Manuel dos Santos no seguimento da reconstrução da Baixa Pombalina, após o terramoto de 1755. Este Passeio situava-se nos terrenos que anteriormente incluíam as Hortas de Mancebia e da Cera e nos terrenos pertencentes ao Conde Castelo Melhor. Embora denominado por Público, o passeio estava rodeado por muros, sendo o seu acesso feito através de uma porta de madeira. Apenas ao final de quase um século, a porta foi substituída por gradeamento. É nesta altura que se fala pela primeira vez em espaço ajardinado, com o objetivo de lazer e convívio da população Portuguesa. Ao longo dos anos, o Passeio Público foi sendo renovado, não só através de um aumento da área, mas também de um novo arranjo dos jardins e fontes. Este local viria a tornar-se no precursor da construção da Avenida da Liberdade (*Do Passeio Público aos Jardins Românticos*. Disponível em: <http://kmepalavras.com/2013/06/21/do-passeop-publico-aos-jardins-romanticos-parte-1/>. Acesso em: 24-07-2013).

Os processos descritos levaram a que o Lisboa do século XIX se tivesse tornado num misto de rural e urbano. Segundo Gonçalo Ribeiro Telles (1996: 15) “Esta complementaridade do Homem rural/urbano é fundamental no desenvolvimento da autossuficiência regional e local”. Tal significa que a cidade necessita de espaços rurais e naturais para ser fisicamente estável e ecologicamente equilibrada. Ao longo deste século, vários jardins foram construídos. Primeiramente, em 1830, foi feito o Jardim de São Pedro de Alcântara. Passados dez anos, deu-se a abertura do Jardim da Estrela e, em 1850, foi construído o Jardim do Príncipe Real (Sanchez & Santos, 2010). Já em 1879, deu-se o início das obras da Avenida da Liberdade, uma alameda arborizada que iniciava nos Restauradores, terminando no Parque Eduardo VII. Esta avenida tinha como objetivo substituir o Parque Público, promovendo um espaço de lazer para todas as classes sociais.

Durante o século XX assiste-se em Portugal a uma concentração demográfica, sobretudo na faixa litoral do país. A explicar esta concentração estão vários fatores, entre os quais figura o processo de Industrialização - que emerge nas décadas de 1940 e 1950 - e o desenvolvimento de infraestruturas básicas. Estes dois aspetos conduziram ao início dos êxodos agrícola e rural, os quais se acentuam a partir da década de 1960 com a emigração além-fronteiras. De então para cá, a desertificação humana dos territórios rurais e a consequente concentração da população nos territórios urbanos foram-se progressivamente acentuando. O cenário antes traçado conduziu, na ausência de políticas e de planos de ordenamento do território, à ocupação desenfreada dos solos da maioria das cidades do país pela construção de habitações sem que, na maior parte dos casos, a delimitação de espaços verdes fosse acautelada (Telles, 1987). No que respeita a Lisboa, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, registou-se um severo crescimento de construções para habitação à volta da cidade. Este aumento de população periurbana, resultante da ausência de articulação entre o tecido tradicional e o crescimento recente, conduziu a uma cintura negra e opaca, constituída por maciços bairros e por áreas clandestinas e degradadas para residência (Telles, 1997). Apesar da existência do Parque Florestal do Monsanto, arborizado em 1934 por camponeses e prisioneiros do forte de Monsanto (Telles, 1996), a preocupação com a edificação de espaços verdes, quer na cidade de Lisboa quer na Área Metropolitana de Lisboa, permanece até muito recentemente a estar arredada das políticas e práticas do Município. Como se verá no ponto seguinte, a função destes espaços foi, em parte, preenchida com o cultivo de hortícolas em Hortas Urbanas, quer privadas quer Institucionais. Porém, recentemente, na tentativa de recuperar esta prática e, em parte, dando sequência às experiências há muito concretizadas noutras capitais europeias, como já foi cimentado no ponto 1.4. do primeiro capítulo, a Câmara Municipal de Lisboa centra as suas atenções na Agricultura Urbana. É, pois, neste âmbito que a prática de uma agricultura citadina (re)surge como uma alternativa, não só pela sua tradicional relação com a História da cidade, mas também pela qualidade de vida e melhoria do ambiente urbano que pode possibilitar à população, procurando-se encontrar um equilíbrio entre as ações antrópicas e o meio ambiente (CML, 2012).

O crescimento do movimento da Agricultura Urbana fez com que inúmeros estudos se focassem numa das suas formas mais correntes, as Hortas Urbanas. Apesar do caráter recente do reconhecimento social dos contributos económicos, sociais e paisagísticos destas últimas, sucede que desde há muito são enfatizadas por vários autores nacionais. A este propósito é de destacar o Arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles que, desde sempre, alertou insistentemente para a necessidade de se inserir espaços rurais e agrícolas no interior da cidade (Silva, n.d.). Tal como o próprio afirmou, em 1996 (14), numa Conferência organizada pela Câmara Municipal de Matosinhos: “Um novo conceito de cidade deve ser pensado (...) Em termos ecológicos, devemos partir do princípio de que a cidade e o campo são fases diferentes de um mesmo sistema: uma não pode viver sem a outra”.

Face ao exposto, não é de estranhar que uma primeira abordagem agrícola à cidade de Lisboa tivesse sido (re)iniciada por Ribeiro Telles que, no final do século XX, projetou o chamado

Parque Periférico, generalizando, deste modo, o conceito de Estrutura Verde<sup>8</sup>. Este espaço territorial consistia num contínuo verde com cerca de 300 hectares, limitado pelo Parque Monsanto e pela Ameixoeira, integrando hortas em toda a sua expansão. Embora este projeto tenha sido incluído no PDM de 1994, nunca foi concretizado (Silva, n.d.). Apenas em 2008, esta ideia foi recuperada, funcionando agora como uma Estrutura Ecológica Municipal<sup>9</sup>.

A Agricultura Urbana esteve, portanto, sempre presente na História da cidade de Lisboa. Os principais problemas relacionados com a atual conjuntura, principalmente à escala urbana, parecem ser os principais impulsionadores para o reconhecimento da importância desta atividade, considerada essencial para a manutenção tanto do equilíbrio físico, como ecológico do sistema das cidades.

#### 4.2.1. Evolução da área ocupada por Hortas Urbanas

De seguida, procura-se dar a conhecer a evolução, em termos físicos, da área ocupada pelas Hortas Urbanas na cidade de Lisboa, entre 1947 e a Atualidade. Com base em fotografias aéreas do Concelho de Lisboa, a Câmara Municipal realizou ao longo dos anos, uma caracterização da ocupação do solo com áreas de produção hortícola. Esta evolução pode ser observada a partir do Quadro 5.

**Quadro 5-** Evolução da área (m<sup>2</sup>) de produção hortícola em Lisboa

	1947	1967	1987	1995	2001	2006	2008
Hortas Urbanas	380 818	1286 734	3 011 326	1 118 130	964 185	792 304	722 280
Hortas Prisionais		15 033	7 210				
Hortas Privadas	1406 634	1102 806	21 519	36 849	36 849	34 913	32 851
Hortas Abandonadas				13 939	13 939	13 939	81 003
Hortas em Bairros de Lata			6 654	6 654	6 654		
Viveiros			352 729	286 166	286 166	286 166	286 166
Agricultura				549 594	542 829	542 829	539 829
Agricultura/Olival			15 636	15 636	15 636	15 636	15 636
Olival			161 425	163 753	158 503	135 829	141 080
Montado de Sobre			2 430	2 430	2 430	2 430	2 430

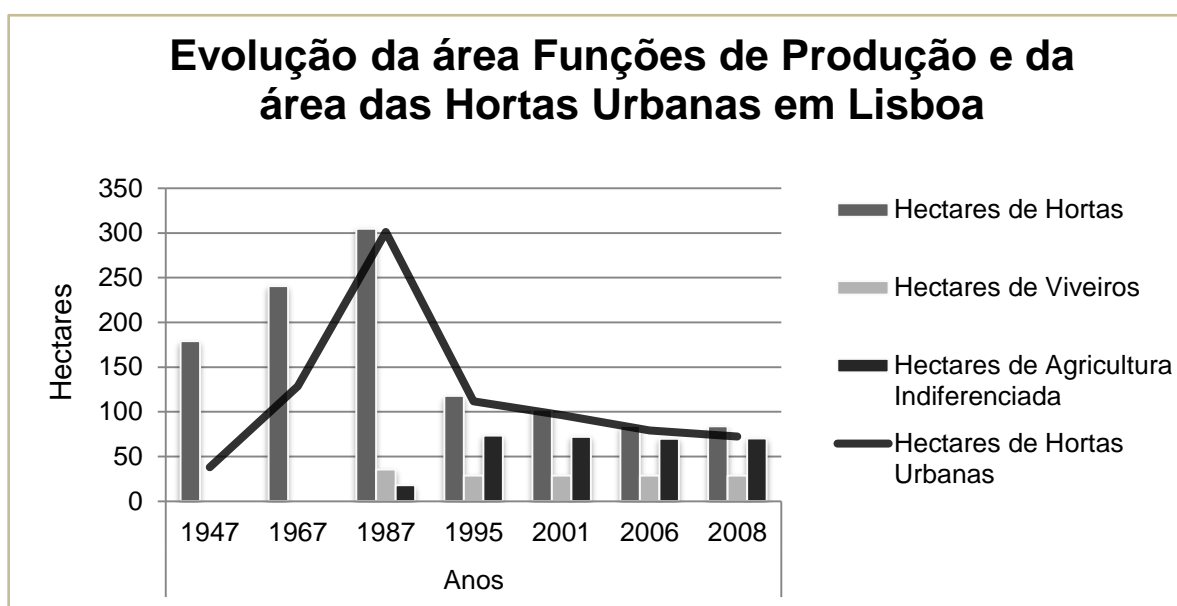
**Fonte:** CML, 2012: 47 (Adaptação)

<sup>8</sup> Segundo o Plano Verde de Lisboa (1997: 19): “O conceito de Estrutura Verde não deve cingir-se à simples inventariação de áreas livres residuais, resultantes de um processo casuístico de crescimento urbano, nem resultar de um mero somatório dos ajardinados previstos nos planos parcelares de urbanização, desligados de um contexto global de organização física da cidade. A Estrutura Verde de Lisboa deve ser uma sequência contínua ou descontínua de espaços territoriais com identidade própria, constituída a partir dos valores culturais e paisagísticos do espaço natural e urbano, apoiando-se nos valores telúricos primordiais do sítio - o Estuário, as Colinas e Vales e a Serra de Monsanto”

<sup>9</sup> Segundo o Guia Orientador de Revisão do PDM (2012:40): “A Estrutura Ecológica Municipal é constituída pelas áreas que visam contribuir para o equilíbrio ecológico e para a proteção, conservação e valorização ambiental e paisagística dos espaços rurais e urbanos”

O Quadro acima exibido pode ser interpretado em termos dos diferentes tipos de produção, a saber: Hortas, Viveiros e Agricultura Indiferenciada. As Hortas dizem respeito a espaços constituídos por Hortas Urbanas, Prisionais, Privadas, Abandonadas e em Bairros de Lata. Já os viveiros, por seu turno, têm uma função única de produção. Por fim, na Agricultura Indiferenciada, englobou-se a Agricultura, a Agricultura/Olival, o Olival e ainda o Montado de Sobro.

Uma vez que este trabalho se debruça sobre as Hortas Urbanas, foi traçada uma linha representativa do seu desenvolvimento, apresentada na Figura 6, por forma a melhor compreender a sua interação com os diferentes tipos de produção.



**Figura 6** - Evolução da área (hectares) das funções de produção - Hortas, Viveiros e Agricultura Indiferenciada - e da área (hectares) das Hortas Urbanas em Lisboa

A Figura 6 permite estabelecer uma ligação entre a área das Hortas Urbanas e a área das diversas funções de produção. Por um lado, observa-se uma relação direta entre as primeiras e a função de produção referente às hortas, ao passo que se evidencia uma relação inversa entre a área das Hortas Urbanas e a área da função de produção referente à agricultura indiferenciada. No que respeita à função de produção de viveiros, não existe uma ligação óbvia que se possa estabelecer.

No primeiro ano analisado (1947), a produção hortícola sob a forma de hortas ocupava uma área de aproximadamente 179 hectares, revelando pouca expressão, tal como as Hortas Urbanas. Porém, 20 anos volvidos, observa-se a ocorrência do *boom* destas últimas, continuando o seu incremento até 1987, ano recorde de áreas ocupadas por terrenos hortícolas. Este grande aumento da área utilizada para a criação de hortas é explicado pela despovoação do meio rural para o meio citadino. Enquanto numa altura de pré-êxodo, as Hortas Urbanas tendiam a estar localizadas em solos de alta qualidade, com o aumento populacional na cidade, a sua prática começou a surgir igualmente perto de edificações. É a partir de 1995 que se começa a constatar a existência de uma

relação inversa entre a evolução da área das Hortas e da agricultura indiferenciada. Verifica-se, neste ano, um grande aumento do espaço utilizado para agricultura indiferenciada, em detrimento da criação de hortas. Tal situação poderá ser explicada pela grande urbanização ocorrida entre 1994 e 2008, resultando numa quebra sucessiva da área agricultada com hortas (CML, 2009). Por este motivo, a partir do ano referido constatou-se uma diminuição contínua da área utilizada para a produção de hortas, enquanto a área para a agricultura indiferenciada se manteve constante. Uma vez que os dados mais recentes sobre a evolução da área das funções de produção - e logo, da área das Hortas Urbanas - em Lisboa, datam de 2008, não é possível analisar quantitativamente os novos espaços agricultados na cidade, desenvolvidos no âmbito do Projeto dos Parques Hortícolas - explicado no ponto seguinte -, os quais visam melhorar as condições de vida da população numa época caracterizada por uma grave crise económica. Tal como se constatou no Capítulo 1, historicamente períodos de graves crises económico-sociais, observa-se o aparecimento de Hortas Urbanas como forma de subsistência, sendo sucedidos por um período de quebra das mesmas dada a estabilização das condições de vida da população. Como se pode observar pela análise da Figura 6, a situação em Lisboa não foi exceção.

Em suma, tal como Gonçalo Ribeiro Telles afirma (1987: 26) “Lisboa não fugiu ao fascínio da horta e, ainda hoje, as hortas tentam romper as malhas de betão (...)”. A cidade de Lisboa continua, nos dias de hoje, a necessitar de ruralidade, quer como fonte de alimentos frescos, quer como necessidade ecológica e lugar de recreio. Por este motivo, a questão das Hortas Urbanas tem vindo, progressivamente, a adquirir relevância, nomeadamente, ao nível político, tanto pelas suas potencialidades socioeconómicas, como pelos benefícios ambientais, dado que é aceite que estas hortas funcionam como um espaço multifacetado para o desenvolvimento sustentável (Folgosa, 2007).

### **4.3. Projeto dos Parques Hortícolas**

Foi no ano de 2007 que a Câmara Municipal de Lisboa iniciou o Projeto dos Parques Hortícolas de Lisboa. Este plano tinha como objetivos primordiais a consolidação de espaços já existentes e a criação de novas áreas verdes, por forma a garantir não só a continuidade ecológica mas também promover a diversidade de tipologias sustentáveis. A Câmara Municipal de Lisboa pretendia, portanto, que fossem desenvolvidos espaços de vertente hortícola associada a uma vivência com utilização alargada. Estes espaços produtivos denominados de Parques Hortícolas podem encontrar-se em jardins ou parques urbanos, cujas valências passam por produzir bens e por disponibilizar locais de restauração, cafetaria, parques infantis, ciclovias, entre outros (CML, 2011).

A parte inicial do Projeto dos Parques Hortícolas consistiu num processo de investigação em que foi realizado um levantamento de todos os Espaços Verdes<sup>10</sup> do Município, segundo o PDM. A partir da observação desses Espaços Verdes<sup>11</sup> foi elaborado um mapa topográfico com a localização precisa dos mesmos. Seguidamente foram identificados os locais inseridos nestes espaços que nunca tinham sido registados como hortas e que não se encontravam urbanizados, designando-se, por isso, como terrenos expectantes. Estes terrenos apresentavam grande potencial para a atividade agrícola, quer a nível ecológico, quer a nível da qualidade do solo e da localização, bem como a nível social e urbanístico (Folgosa, 2012). O passo subsequente consistiu na definição de uma série de normas para a prática da Agricultura Urbana nos Parques Hortícolas que se iriam construir nestes terrenos expectantes. Para tal, foi feita uma redefinição de alguns conceitos presentes no regulamento do Património Mobiliário da Câmara Municipal de Lisboa, tendo sido criadas três tipologias de hortas:

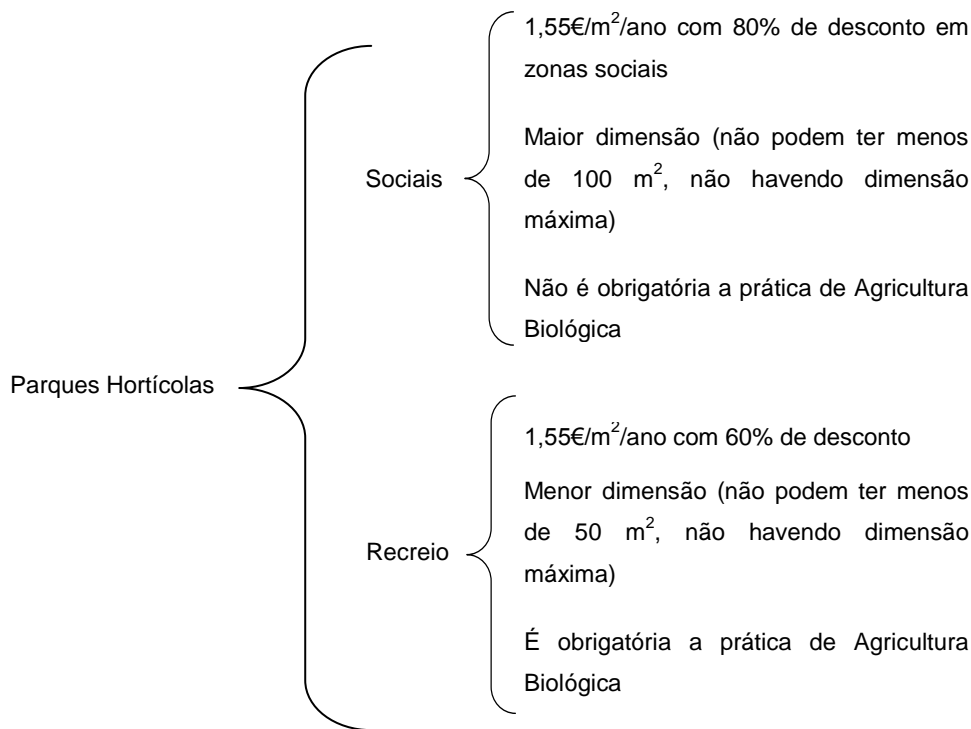
- Hortas Sociais: estas hortas estão associadas à utilização por parte de uma população mais carenciada cuja produção serve como apoio ao rendimento familiar, assim como ajuda a criar economia através da venda de alguns produtos (CML, 2009). As Hortas Sociais além de fornecerem produtos frescos, promovem uma interação social e partilha de experiências;
- Hortas de recreio: são hortas cuja utilização se relaciona principalmente com lazer, sendo uma nova ocupação dos espaços verdes de Lisboa. Contribuem para um acréscimo, tanto do bem-estar físico como do psicológico, através do contacto com as práticas agrícolas (CML, n.d.);
- Hortas Pedagógicas: tal como o nome indica, estas hortas têm a finalidade de sensibilizar a população para uma educação ambiental e de ensino das ciências da natureza (CML, 2012).

Por forma a melhor compreender as diferenças entre as duas principais tipologias de hortas, as sociais e as de recreio, a figura 7 assinala as características de cada uma. Importa salientar que cada horta foi classificada em função da localização do Parque Hortícola e das características dos residentes, e ainda em função da existência ou não de anteriores hortelãos ou hortas naquele local (Folgosa, 2012).

---

<sup>10</sup> Segundo o Guia Orientador de Revisão do PDM (2012: 38), Espaços Verdes são “áreas com funções de equilíbrio ecológico e de acolhimento de actividades ao ar livre de recreio, lazer, desporto e cultura, agrícolas ou florestais, coincidindo no todo ou em parte com a estrutura ecológica municipal”.

<sup>11</sup> De acordo com o PDM, os Espaços Verdes Consolidados aglomeram-se nas Freguesias da Ajuda, Alcântara e Benfica, enquanto os Espaços Potenciais a Consolidar situam-se nas Freguesias de Carnide, Ameixoeira, Lumiar, entre outras (CML, 2011).



**Figura 7** - Tipologia das hortas da cidade de Lisboa, segundo a Câmara Municipal de Lisboa

Após terem sido definidos os diferentes tipos de hortas, a Câmara estabeleceu os seguintes critérios para a disponibilização dos recursos aos hortelãos:

- Cedência a Título Precário: a atribuição de talhões é realizada com uma determinada proporção pré-definida durante um ano e com a possibilidade de renovação por igual período de tempo (Folgosa, 2012);
- Dimensões: uma vez que estas hortas se situam na cidade, não apresentam as mesmas dimensões que um latifúndio do meio rural. Contudo, o objetivo da Câmara também não passa por resumir estas hortas a pequenos canteiros. Deste modo, foi definido que em qualquer tipologia de horta a Câmara não poderia atribuir talhões com menos de 50 metros quadrados (CML, 2011);
- Disponibilidades hídricas: em alguns Parques Hortícolas a água é proveniente de ETARs, sendo atualmente usada para rega dos espaços verdes existentes e quiçá, para futuros Parques. O valor a pagar pelos utilizadores com acesso a água situa-se entre os 20€/ano, podendo este valor ser ajustado em função dos gastos da Câmara Municipal de Lisboa (CML, 2011);
- Estrutura de arrumos: a Câmara disponibiliza casas de abrigo partilhadas por quatro pessoas, no mínimo, e por nove, no máximo. Todas estas estruturas terão um telhado inclinado de maneira a fazer-se uma ligação para um depósito que permite o aproveitamento da água da chuva (CML, 2011);
- Fornecimento de vedações e compostores;

- Formação em Agricultura Biológica: a Câmara dará formação gratuita em Agricultura Biológica ao nível da fertilização, do controlo de pragas e de doenças, da seleção, recolha e conservação de sementes, da construção e manutenção de compostores, da instalação e gestão da água, de técnicas e sistemas simples de rega e da execução de viveiros em contentores e no solo. Esta formação estará disponível para todos, tanto para as pessoas sem conhecimentos na matéria, como para as que já tenham trabalhado em agricultura anteriormente. A aposta na formação pretende que os hortelãos reflitam sobre os seus hábitos de produção e tenham a oportunidade de adquirir conhecimentos sobre novos métodos de produção agrícola (CML, 2011).

Para além do referido, a Câmara também estipulou os deveres dos utilizadores das Hortas Urbanas. De acordo com estes, os hortelãos deverão respeitar o seu espaço existente de parcelamento garantindo o asseio, o bom uso e a segurança das hortas. Estas deverão ainda estar sempre cultivadas e com recurso aos meios adequados para tal. Por forma a realizar uma gestão sustentável do espaço, os resíduos sólidos produzidos deverão ser colocados em contentores, cedidos para o efeito. Por fim, enquanto nas Hortas de Recreio e Pedagógicas os produtos cultivados apenas poderão ser utilizados para consumo próprio, os bens obtidos em Hortas Sociais, além de servirem os hortelãos, poderão ainda ser integrados em esquemas cooperativos de produção e escoamento, desde que aprovados e fiscalizados pela Câmara Municipal de Lisboa (Folgosa, 2012).

A atribuição dos talhões é sempre realizada através de um concurso público. Os critérios de seleção dos candidatos são baseados na respetiva proximidade da residência à horta, e ordem de inscrição. No caso das Hortas Pedagógicas, poderá haver lugar a uma proposta por parte de uma entidade ou associação que sensibilize a Câmara a ceder o espaço hortícola, não sendo necessário o cumprimento dos critérios acima descritos.

#### **4.4. Caracterização geral dos Parques Hortícolas em funcionamento e seleção dos casos de estudo**

Após a elaboração de todas as normas de funcionamento dos Parques Hortícolas, seguiu-se a construção dos mesmos. Para uma melhor compreensão dos parques já no ativo e dos que se encontram em construção, seguem as seguintes descrições:

- Parque Hortícola da Quinta da Granja<sup>12</sup>: aquando do levantamento dos terrenos com apetência agrícola, o local onde se insere o presente Parque Hortícola da Quinta da Granja era considerado um Espaço Verde segundo o PDM, o qual se encontrava abandonado e expectante há mais de trinta anos. Era, pois, um terreno utilizado não só para estacionamento abusivo, como para a realização de hortas não autorizadas. Contudo, dado o potencial para a construção de um espaço com fins

---

<sup>12</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,752125; Longitude de - 9,192320 (Google Maps)

produtivos, tornou-se importante a sua preservação. Deste modo, foi realizada uma notificação do número de pessoas que cultivavam as hortas de génese ilegal na Quinta da Granja, por forma a lhes ser fornecido acesso direto ao futuro Parque Hortícola, assim que fossem concluídas as obras. Foram, portanto, construídos talhões de dimensões semelhantes aos que existiam anteriormente, mas em maior número, com o fim de disponibilizar parcelas de cultivo também a outros interessados (Folgosa, 2012). Atualmente, o Parque Hortícola da Quinta da Granja é constituído por uma Horta Social de um hectare, possuindo 38 talhões com 150 metros quadrados cada um. As obras para a construção deste novo parque foram iniciadas em 2009, encontrando-se no ativo desde 2011. Este parque é constituído por 38 hortelãos. (CML, 2013a).

- Hortas nos Jardins de Campolide<sup>13</sup>: até à década de 1990, os Jardins de Campolide eram parte integrante de um projeto do Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, o qual contemplava a introdução de hortas na cidade. No entanto, aquando da construção destes jardins, os espaços agrícolas previamente pensados e previstos foram anulados, uma vez que os seus talhões apresentavam uma forma oval, dificultando a delimitação da área e a colocação das próprias hortas. Apenas com o início deste novo Projeto dos Parques Hortícolas desenvolvido pela Câmara Municipal de Lisboa, se deu continuidade ao plano inicial de Ribeiro Telles, o qual serviu de estrutura base para a criação das atuais hortas (Folgosa, 2012). Presentemente, as Hortas nos Jardins de Campolide fazem parte da tipologia de Hortas Recreativas, sendo constituídas por 22 talhões que podem variar entre os 50 e os 100 metros quadrados. As obras foram terminadas em Novembro de 2011, encontrando-se no ativo desde então. Este parque é constituído por 22 hortelãos (CML, 2013a).

- Parque Hortícola de Telheiras<sup>14</sup>: o Parque Hortícola de Telheiras é considerado um caso particular, apresentando algumas diferenças relativamente aos parques descritos anteriormente. Durante o levantamento dos terrenos existentes no Município de Lisboa, foi encontrado um espaço junto ao Parque Central de Telheiras, no qual se encontravam várias hortas. De acordo com o PDM, tratava-se de uma área pertencente à EPUL, cujo destino passava pela construção de edifícios. Porém, devido ao facto de a situação económica do País não se encontrar favorável, nada havia sido programado para essa construção. Assim sendo, uma vez que o terreno se encontrava baldio e tendo em conta que, desde sempre, a população local demonstrou bastante interesse pela construção de espaços agrícolas, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu iniciar a construção do Parque Hortícola de Telheiras. Trata-se, pois, de uma Horta de Recreio, na Freguesia do Lumiar, com 21 talhões, cujas dimensões variam entre os 80 e os 120 metros quadrados, sendo que um dos talhões é utilizado pela Associação de Residentes de Telheiras. O Parque foi inaugurado em Dezembro de 2012, sendo constituído por 20 hortelãos e pela Associação referida (Folgosa, 2012).

---

<sup>13</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,736735; Longitude de - 9,165133 (Google Maps)

<sup>14</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,760414; Longitude de - 9,165739 (Google Maps)

- Parque Hortícola Bensaúde<sup>15</sup>: este parque, situado na Freguesia de São Domingos de Benfica, era caracterizado por ser um local muito restrito, estando apenas aberto ao público no Verão. Porém, em 2007, iniciou-se a reabilitação deste parque, na medida em que a Câmara não só permitiu a sua abertura o ano inteiro, como colocou à disposição equipamentos de ginástica, um quiosque e um parque infantil. No ano 2013, foi aberta uma nova vertente, a de produção de alimentos, sendo criado então o Parque Hortícola Bensaúde. Este parque é constituído por uma Horta Recreativa de cerca de 3 000 metros quadrados, na qual estão inseridos 20 talhões que podem variar entre os 80 e os 120 metros quadrados. Encontra-se no ano desde 2013 e é constituído por 20 hortelãos e uma Associação (CML, 2013b).

- Parque Hortícola na Quinta Nossa Senhora da Paz<sup>16</sup>: tal como o Parque Bensaúde, o Parque Hortícola na Quinta Nossa Senhora da Paz era uma propriedade da Câmara Municipal de Lisboa que se encontrava fechada. Por forma a dinamizar este espaço, localizado na Freguesia do Lumiar, foi criada uma Horta Recreativa com cerca de nove talhões, tendo cada um 100 metros quadrados. Abriu igualmente em 2013, sendo constituído por nove hortelãos (CML, 2013c).

- Parque Hortícola da Graça<sup>17</sup>: a Câmara Municipal iniciou a obra de requalificação deste parque, situado na Rua Damasceno Monteiro no corrente ano, tendo já sido criado um novo espaço verde com Hortas Urbanas de tipologia social e um miradouro. Esta intervenção veio substituir a antiga Horta do Monte, desenvolvida pelo Grupo Comunitário da Horta do Monte, impulsionador de um projecto de Permacultura desde há três anos atrás. Atualmente o Parque Hortícola da Graça é constituído por quatro hortelãos, uma Associação e uma Instituição (CML, 2013d).

- Parque Hortícola dos Olivais<sup>18</sup>: este parque de tipologia social, situado no novo Parque Urbano dos Olivais é, à data da redação do presente trabalho, o mais recente Parque Hortícola, no ativo, da cidade de Lisboa, sendo constituído por 31 talhões de cultivo entre os 80 e os 140 metros quadrados (Folgosa, 2013).

De acordo com a informação disponibilizada pela Câmara Municipal de Lisboa, o próximo Parque Hortícola que irá abrir, a curto prazo, será o do Vale de Chelas, a maior horta social alguma vez construída em Portugal, com uma dimensão de cerca de quatro hectares, e que albergará entre 80 e 100 zonas produtivas com 150 metros quadrados cada. Os Parques Hortícolas do Vale da Ameixoeira e da Quinta Conde D'Arcos iniciarão as suas obras em 2013 e estarão no ativo a médio prazo (Folgosa, 2013).

Para a execução da parte prática deste trabalho foram selecionados três Parques Hortícolas dos sete que se encontram no ativo, a saber, os Parques Hortícolas da Granja, de Campolide e de

---

<sup>15</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,75374; Longitude de - 9,17712 (Google Maps)

<sup>16</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,771478; Longitude de - 9,174850 (Google Maps)

<sup>17</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,720767; Longitude de -9,131808 (Google Maps)

<sup>18</sup> Coordenadas GPS: Latitude de 38,769075; Longitude de -9,117583 (Google Maps)

Telheiras. Tal decisão prendeu-se com o facto de os Parques Hortícolas da Bensaúde, da Quinta da Nossa Senhora da Paz, da Graça e dos Olivais terem aberto muito recentemente e, como tal, algumas das perguntas dos inquéritos efetuados - por exemplo, a pergunta referente à percentagem representativa do que o hortelão retira da horta no gasto total do agregado familiar - não poderiam ser respondidas.

#### **4.5. Materiais e métodos para o estudo das Hortas Urbanas em Lisboa**

Como se referiu no ponto anterior, os Parques Hortícolas que foram alvo de estudo na presente dissertação são os da Granja, de Campolide e de Telheiras. Este estudo tem como função primordial estabelecer uma ligação entre os residentes citadinos e a prática da Agricultura Urbana. Para tal, foi elaborado um inquérito – cujo modelo se encontra no Anexo 2 - dividido em cinco grupos de questões, cada um deles pretendendo dar resposta a diferentes tópicos:

Grupo I - Caracterização do Hortelão: este grupo é constituído por seis questões, com o intuito de traçar uma caracterização do perfil social do hortelão. Para tal, os inquiridos foram questionados acerca da idade, escolaridade, situação profissional, local de nascimento e ainda a constituição do respetivo agregado familiar;

Grupo II - Relação com a Agricultura e o Meio Rural: este grupo é constituído por quatro questões, com o objetivo de averiguar o grau de ligação entre o hortelão e o rural, ou seja, por forma a compreender se o primeiro já tinha experienciado anteriormente as práticas agrícolas e por influência de quem;

Grupo III - Relação com a Horta Urbana: contrariamente ao tópico anterior, mais centralizado no passado dos hortelãos, as sete questões deste grupo pretendem apurar a relação atual destes com a presente horta. Procurou-se saber o tempo de deslocação da residência até à horta, o meio de deslocação, o número de dias semanais e horas diárias despendidos na horta, e se existe ou não auxílio nas diversas funções da horta, por parte de familiares;

Grupo IV - Caracterização da Horta: neste grupo, o maior do inquérito, constituído por 11 questões, procurou-se saber quais os produtos hortícolas mais cultivados e de que forma a horta alterou os hábitos de consumo dos hortelãos. Este grupo procura compreender qual o tipo de agricultura praticado, quais os destinos dos produtos hortícolas cultivados e qual o contributo dos mesmos para a poupança do agregado familiar;

Grupo V - Motivações e Opiniões do Hortelão: o último grupo, diz respeito, tal como o nome indica, às motivações que levaram os hortelãos inquiridos a aderir às Hortas Urbanas e como estes avaliam o contributo das mesmas para a cidade. Tendo em conta o objetivo da presente dissertação, que passa por compreender quais as principais motivações por detrás do reaparecimento das Hortas Urbanas, este grupo de questões assume grande importância.

Os inquéritos foram realizados presencialmente durante os meses de Junho e de Setembro de 2013. Foram efetuados a diferentes horas ao longo do dia, tanto durante a semana, como ao fim de semana, por forma a conseguir reunir o maior número de inquéritos possíveis. Salienta-se que todos os hortelãos se demonstraram disponíveis para responder aos inquéritos, à exceção de dois - ambos localizados no Parque Hortícola da Granja. De acordo com Folgosa (2013), existem 38 hortelãos a trabalhar no Parque Hortícola da Granja, 20 hortelãos e uma Associação no Parque Hortícola de Telheiras e, 22 hortelãos no Parque Hortícola de Campolide. Para a realização do presente estudo foram inquiridos, no total, 49 hortelãos, 22 pertencentes à Granja (58% da população total desta horta), 16 em Telheiras (59% da população total desta horta) e 11 pertencentes a Campolide (50% da população total desta horta). A menor percentagem conseguida nesta última horta poderá explicar-se pelo grande descontentamento dos hortelãos relativamente a roubos e vandalismos que sempre ocorreram nesta horta e que têm vindo a piorar ao longo do tempo. Por este motivo só foi possível inquirir metade da população de hortelãos deste parque.

#### 4.5.1. Hortas Urbanas: casos de estudo em Lisboa

##### 4.5.1.1. Perfil socioeconómico dos inquiridos

**Quadro 6 - Caracterização do Hortelão**

		I. CARACTERIZAÇÃO DO HORTELÃO							
		Escolaridade					Situação Profissional		
Local	Número de Inquiridos	Sem Escolaridade	1º Ciclo	2º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior	Reformado (a)	Desempregado (a)	A exercer uma profissão
Telheiras	16	0	1	0	2	13	6	0	10
Campolide	11	1	3	1	4	2	1	2	8
Granja	22	1	11	1	4	5	12	0	10
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>20</b>	<b>19</b>	<b>2</b>	<b>28</b>

O Quadro 6 acima exposto resume a informação relativa ao género e à idade dos inquiridos. No que diz respeito ao género dos hortelãos, constata-se que 30 deles são do género masculino, o que corresponde a 61% do total da população. Por sua vez, o género feminino está representado por 19 pessoas, ou seja, 39% do total da população. A predominância do sexo masculino é comum a todas as hortas, como se observa no Quadro. A horta que maior contribuição oferece para esta estatística é a que se situa na Granja, a qual conta com 15 pessoas do género masculino, o que representa 68% dos hortelãos desta horta. Por sua vez, Telheiras e Campolide apresentam um rácio mais equilibrado entre homens e mulheres, com o género masculino a representar 56% e 55% das respetivas hortas.

Relativamente à faixa etária dos hortelãos, importa salientar que, no Quadro 6 acima exposto, não estão contemplados os intervalos de idade para os quais não se obtiveram quaisquer resultados, o que explica a descontinuidade dos mesmos. Feita a ressalva, a análise atenta do Quadro permite concluir que não foi inquirido nenhum hortelão com idade inferior a 30 anos, sendo que o intervalo mais baixo para o qual se obtiveram resultados foi o de 30 a 34 anos de idade, com uma única observação, na Granja. Seguidamente, o intervalo mais baixo para o qual se registaram observações diz respeito ao escalão dos 40 aos 44 anos, com dois casos, um em Telheiras e outro na Granja. Assim, pode concluir-se que apenas três das 49 pessoas inquiridas têm idade inferior a 45 anos (6%), ou seja, 94% do total dos hortelãos tem idade igual ou superior, o que revela uma tendência de menor utilização das hortas por parte dos mais jovens. Em contraste, a população mais idosa é aquela que faz um maior uso das mesmas, como também comprovam os 23 hortelãos inquiridos com idade superior a 60 anos, sensivelmente metade da população total. O intervalo que apresenta maior número de observações diz respeito às idades compreendidas entre os 60 e os 64 anos, com 11 hortelãos. Os restantes intervalos apresentam aproximadamente o mesmo número de observações, entre seis e oito, exceção feita aos já referidos intervalos dos 30 aos 34 e dos 40 aos 44, com uma e duas observações, respetivamente. De notar que, das 12 pessoas com idade superior a 64 anos - todas elas em situação de reforma -, dez delas são da horta da Granja, o que poderá estar relacionado com o facto de esta horta ser de cariz social e estar destinada a pessoas com maiores dificuldades financeiras, como é usualmente o caso de muitos reformados. Para suportar ainda mais esta ideia, note-se que todos os hortelãos de idade igual ou superior a 70 anos foram inquiridos na Granja.

**Quadro 7 - Caracterização do Hortelão (Continuação)**

		<b>I. CARACTERIZAÇÃO DO HORTELÃO</b>									
		Género		Faixa etária							
Local	Número de Inquiridos	M	F	30 - 34	40 - 44	45 - 49	50 - 54	55 - 59	60 - 64	65 - 69	≥ 70
Telheiras	16	9	7	0	1	3	4	3	4	1	0
Campolide	11	6	5	0	0	2	3	2	3	1	0
Granja	22	15	7	1	1	2	1	3	4	4	6
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>30</b>	<b>19</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	<b>6</b>

No que à escolaridade dos hortelãos diz respeito, verifica-se uma tendência que parece estar relacionada com a localização e com a tipologia das diferentes hortas. Relativamente a esta última, verifica-se que, ao passo que em Telheiras e em Campolide - Hortas Recreativas -, predominam hortelãos com maior grau de instrução, na Granja - Horta Social - é mais comum encontrar hortelãos com o 1º Ciclo de escolaridade. Efetivamente, tendo em conta que as hortas sociais são habitualmente utilizadas por pessoas mais carenciadas, faz sentido que se encontre um baixo nível de escolaridade nas mesmas, uma vez que não se pode dissociar estes dois fatores. No que à localização diz respeito, o facto de a zona circundante à horta da Granja - Benfica - se caracterizar

por uma população mais envelhecida, também poderá ajudar a explicar o elevado número de hortelãos que apresenta o 1º Ciclo como grau de escolaridade (50%), uma vez que, na sua geração, o acesso à educação era mais limitado. Uma análise mais atenta do Quadro 7 permite ainda concluir que, dos 15 hortelãos que exibem o 1º Ciclo, 11 deles (73%) foram encontrados na Granja. Em contraste, as hortas de Telheiras e Campolide concentram 70% da população que apresenta o Ensino Secundário ou o Ensino Superior. A localização destas hortas em urbanizações mais recentes, por comparação com a horta da Granja, poderá também ajudar a explicar estes resultados. O caso mais evidente tem lugar na horta de Telheiras. Das 16 pessoas inquiridas, 13 delas frequentaram o Ensino Superior, ou seja, 81% da população dessa horta. Por fim, é de salientar que foram encontradas apenas duas pessoas sem qualquer grau de instrução, uma em Campolide e outra na Granja. Ambas têm em comum o facto de terem trabalhado na Agricultura durante a infância, pelo que a dedicação a esta atividade, desde cedo, poderá explicar a ausência da vida escolar.

Relativamente à situação profissional do hortelão, é necessário ressaltar, uma vez mais, o facto de não terem sido incluídas no Quadro 7 as opções para as quais não se obtiveram observações, nomeadamente a opção de “Doméstico (a)”. A respeito desta importa referir que foram tidas em consideração as pessoas que, não exercendo nenhuma profissão, não se encontram desempregadas, dado que o seu trabalho é a lida da própria casa. A outra opção que não registou qualquer resposta foi a de “Estudante”, cuja ausência de observações está relacionada com o facto de não terem sido encontrados hortelãos com idade inferior a 30 anos. Destaque-se ainda o registo de apenas dois desempregados (4%) - ambos em Campolide -, o que não deixa de ser um dado assinalável, num período de crise económica, caracterizado por elevadas taxas de desemprego (15,7% em Setembro de 2013, de acordo com o Jornal de Negócios). O facto de estes dois hortelãos fazerem parte da horta de Campolide, uma horta de cariz recreativo, acaba por ser um dado contraditório, já que este tipo de hortas é utilizado, maioritariamente, por pessoas empregadas e com maior estabilidade financeira. Porém, comparando com as outras hortas, duas possíveis explicações podem ser avançadas para esta situação. Por um lado, os hortelãos da horta de Campolide apresentam um menor nível académico, quando comparados com os hortelãos da horta de Telheiras, também ela de tipologia recreativa. Por outro lado, em comparação com a horta social da Granja, a horta de Campolide apresenta uma população menos envelhecida, logo, mais exposta ao desemprego, até porque dos 22 hortelãos inquiridos na Granja, 12 deles já se encontram reformados. Em Campolide, por seu turno, observou-se a existência de um único hortelão em situação de reforma. Já em Telheiras, seis pessoas encontram-se em igual situação, pese embora apenas uma delas possua idade superior a 65 anos. À semelhança do que se verifica na Granja, não se registam hortelãos desempregados em Telheiras, o que reforça a ideia anteriormente avançada. O elevado número de reformados ajuda a explicar o reduzido número de desempregados. O número total de reformados inquiridos ascende, então, a 19, ou seja, 39% da população total. O maior número de pessoas encontra-se, ainda assim, a trabalhar. Os resultados mostram que 28 das 49 pessoas inquiridas exercem uma profissão (57%), sendo que apenas duas delas trabalham a tempo parcial, ambas pertencentes à horta da Granja. A percentagem de trabalhadores nesta horta é de 45%,

seguida da Horta de Telheiras, com 63%, e Campolide, com 73%. Verifica-se portanto que, apesar desta última horta contar com os únicos dois hortelãos desempregados, acaba por ser a que apresenta a maior taxa de pessoas empregadas, não esquecendo, porém, que se trata da horta com menor número de observações. Realce-se ainda a diversidade de profissões encontradas, salvo o caso de Telheiras que apresenta seis Professores, o equivalente a 60% da população empregada nesta Horta. Em Campolide e na Granja observou-se uma maior diversidade de profissões, desde Economistas a Empregados (as) Domésticos (as).

**Quadro 8** - Caracterização do Hortelão (Continuação)

I. CARACTERIZAÇÃO DO HORTELÃO												
		Local de Nascimento					Agregado Familiar					
Local	Número de Inquiridos	Região Norte	Região Centro	Região de Lisboa e Vale do Tejo	Região do Alentejo	Região do Algarve	1	2	3	≥ 4	Há desempregados	Não há desempregados
Telheiras	16	1	5	6	2	1	0	5	4	7	1	15
Campolide	11	4	3	3	1	0	1	7	2	1	4	7
Granja	22	9	5	3	3	1	3	11	4	4	3	19
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>14</b>	<b>13</b>	<b>12</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>23</b>	<b>10</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	<b>41</b>

No que respeita ao local de nascimento, convém esclarecer que as perguntas se referiam ao Concelho e Freguesia de Nascimento dos inquiridos. Porém, no Quadro 8, os Locais de Nascimento foram divididos em Regiões NUTS II, por forma a simplificar a informação recolhida. Como se pode observar no Quadro, verificam-se resultados relativamente homogêneos quanto ao número de hortelãos provenientes das Regiões Norte, Centro e Lisboa e Vale do Tejo, em contraste com o número de hortelãos provenientes das Regiões do Alentejo e do Algarve. As primeiras três Regiões concentram 80% dos inquiridos, ao passo que as Regiões do Alentejo e Algarve representam apenas 20% da população. A Região Norte é aquela que apresenta maior número de resultados, distribuídos essencialmente pelos Distritos de Viseu, Porto e Braga. O número total de hortelãos desta Região ascende a 14, o que corresponde a 29% da população total, podendo encontrar-se nove hortelãos na horta da Granja, quatro em Campolide e um único em Telheiras. A Região Centro, por seu turno, reúne 13 pessoas, o correspondente a 27% do total. As hortas de Telheiras e da Granja apresentam cinco hortelãos cada, oriundos desta Região, enquanto a horta de Campolide evidencia três. Os Distritos com maior predominância na Região Centro são Castelo Branco e Coimbra. Quanto à Região de Lisboa e Vale do Tejo, 12 dos 49 hortelãos inquiridos nasceram nesta Região, podendo observar-se no Quadro 8. a grande expressão desta Região na horta de Telheiras, com seis pessoas. Campolide e Granja, por sua vez, concentram 3 hortelãos, cada. No que se refere às Regiões do Alentejo e do Algarve, estas apresentam pouca expressão nos resultados, principalmente a última, já que apenas dois hortelãos provêm desta Região, um de Faro e outro de Loulé. Feita a análise dos Concelhos de Nascimento, pôde constatar-se que, ao passo que nas hortas recreativas - Campolide e Telheiras - a maior parte da população provém de Regiões Litorais, a população da horta da Granja - social - provém essencialmente do Interior. Tendo em conta o comum subdesenvolvimento das

Regiões Interiores, por comparação com as Regiões Litorais, faz sentido que se aglomerem nas hortas sociais, as pessoas provenientes das zonas mais pobres do País. Convém ainda fazer referência a dois casos particulares de hortelãos imigrantes, um deles proveniente da Roménia e outro da Guiné Bissau.

Relativamente ao agregado familiar, constata-se que, quase metade dos inquiridos faz parte de um agregado familiar constituído por duas pessoas, o que se explica pelo facto de as hortas serem usufruídas, na sua maioria, por pessoas mais velhas. Assim, o agregado é composto pelo próprio hortelão e cônjuge, uma vez que os filhos, a existirem, já não moram com os pais. Seguidamente, o agregado familiar com maior expressão diz respeito a uma família constituída por quatro ou mais membros, situação particularmente visível em Telheiras. Dado tratar-se de uma horta recreativa, os hortelãos que dela fazem parte, caracterizam-se habitualmente por um nível de vida que possibilita a constituição de um agregado mais numeroso. Note-se ainda que, contrariamente ao que sucede nas outras hortas, em Telheiras não se registou nenhum agregado familiar constituído por uma única pessoa. Na Granja, por seu turno, existem três hortelãos a viverem sozinhos - todos eles com idade igual ou superior a 65 anos -, ao passo que em Campolide há apenas um registo. Por último, o número de agregados familiares compostos por três elementos é, também ele, significativo. Em termos globais, as famílias caracterizadas por três ou mais elementos representam 45% do total.

Quanto à existência ou não de algum desempregado no seio do agregado familiar, verificou-se que 41 dos 49 agregados não registam qualquer desempregado, ou seja, 84% dos agregados não contempla qualquer pessoa nesta situação. Note-se ainda que as tendências registadas para os hortelãos parecem estender-se aos respetivos agregados. Em Telheiras, fruto de melhores condições económicas e de um nível de escolaridade mais elevado, o número de pessoas do agregado que estão desempregadas resume-se a um. Por sua vez, Campolide e Granja apresentam um maior número de pessoas do agregado sem emprego, sendo que é na primeira que se regista o maior número, horta na qual também se verificaram os únicos casos de hortelãos em situação de desemprego.

#### 4.5.1.2. Relação dos inquiridos com a Agricultura e o Rural

**Quadro 9** - Relação do Hortelão com a Agricultura e o Meio Rural

		II. RELAÇÃO COM AGRICULTURA E MEIO RURAL								
		Filho de Agricultores			Familiar de Agricultores		Infância		Visita frequentemente o Meio Rural	
Local	Número de Inquiridos	Não	Sim	Trabalhou na área	Não	Sim	Viveu no Meio Rural	Passava férias no Meio Rural	Não	Sim
Telheiras	16	14	2	2	5	9	6	7	1	15
Campolide	11	6	5	5	5	1	3	2	3	8
Granja	22	11	11	8	6	5	6	4	5	17
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>31</b>	<b>18</b>	<b>15</b>	<b>16</b>	<b>15</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>9</b>	<b>40</b>

O estudo da relação do hortelão com a Agricultura e o Meio Rural iniciou-se com uma questão relacionada com a profissão dos progenitores dos inquiridos. Como se constata no Quadro 9, existem 18 hortelãos que são filhos de agricultores (37%), sendo que os restantes 31 hortelãos (63%) possuem pais que exercem ou exerceram outras profissões que não se encontram ligadas à atividade agrícola. No que diz respeito à horta de Telheiras, verifica-se que a larga maioria dos inquiridos (88%) não são filhos de agricultores. Já em Campolide e na Granja, o rácio apresenta um maior equilíbrio com a percentagem de inquiridos, cujos pais não praticam ou não praticaram agricultura, ao estabelecer-se nos 55% e nos 50%, respetivamente. Note-se ainda que, dos 18 inquiridos que afirmaram ser filhos de agricultores, 11 deles foram encontrados na Granja (61%). Este resultado poderá estar relacionado com o facto de, tendo em consideração dos Concelhos e as Freguesias dos hortelãos, se calcular que dois terços da população desta horta é proveniente de Regiões Interiores, onde o setor primário continua a ser a principal atividade para muitos habitantes. Importa salientar também que, destes 18 hortelãos, 15 deles já tinham trabalhado no meio (note-se que esta questão só foi colocada a quem respondeu ser filho de agricultores). Assim, 83% dos hortelãos com progenitores agricultores, já tinham trabalhado no meio. Este resultado acaba por salientar uma tendência relativamente comum no meio rural, com os filhos a ajudarem os pais nas tarefas agrícolas.

No que diz respeito à pergunta sobre a existência ou não de familiares ligados à Agricultura, importa frisar que a mesma só foi colocada aos hortelãos que responderam não ser filhos de agricultores. Para os 31 hortelãos que satisfazem esta condição, verifica-se que 15 deles possuem familiares ligados à prática da Agricultura. Assim, dos 49 hortelãos inquiridos, 33 deles apresentam familiares - pais ou outros - ligados a esta atividade, sensivelmente dois terços da população. É em Telheiras, curiosamente, que a influência familiar assume maior peso, com nove dos 14 hortelãos com pais não agricultores a revelarem ter familiares relacionados com o setor agrícola. Refira-se ainda que a maior parte dos inquiridos respondeu que eram os avós, os familiares mais próximos ligados a esta atividade.

À semelhança da questão anterior, a pergunta relacionada com a infância dos hortelãos só foi colocada aos que não apresentam pais agricultores. No fundo, o objetivo é tentar perceber se os inquiridos possuem alguma relação prévia com a Agricultura e com o Rural, seja por via dos pais ou de outros familiares, seja por via de um contacto mais ou menos frequente com o meio rural. Os

resultados presentes no Quadro 9 mostram que 15 dos 31 hortelãos (48%) viveram durante a sua infância no meio rural, ao passo que 13 deles afirmaram passar férias no referido meio (42%). Atente-se no caso de Telheiras, por exemplo, na qual se verifica que, apesar de a maioria dos hortelãos ter nascido na Região de Lisboa e Vale do Tejo - uma Região predominantemente urbana - apenas um deles não teve contacto com o meio rural durante a infância (7%), ou seja, não viveu e não costumava passar férias no meio rural. No que respeita aos casos de Campolide e da Granja, uma vez que a maioria dos hortelãos nasceu na Região Norte - uma Região predominantemente rural -, como já seria de esperar cerca de 83% e 91%, respetivamente, contactou com o meio rural durante a infância. Contudo, observa-se que, tanto em Campolide, como na horta da Granja, falta um registo. Especial atenção para esta última que se refere ao hortelão proveniente da Roménia.

Relativamente à última questão, note-se que esta foi colocada ao conjunto dos 49 hortelãos inquiridos. Verificou-se que, da população total, 40 hortelãos visitam frequentemente o meio rural (82%), enquanto apenas nove não o faz (18%). Como se pode concluir, praticamente todos os hortelãos apresentam uma relação mais ou menos próxima com o meio rural.

#### **4.5.1.3. Relação dos inquiridos com os terrenos cultivados: proximidade e algumas práticas de cultivo**

**Quadro 10** - Relação do Hortelão com a Horta

		<b>III. RELAÇÃO COM A HORTA URBANA</b>					
Local	Número de Inquiridos	Tempo médio da residência à horta (minutos)	Como se desloca				Quantos dias/semana trabalha na horta
			Pé	Carro próprio	Bicicleta	Transporte público	
Telheiras	16	4	13	2	4	0	5
Campolide	11	8	6	10	0	0	4
Granja	22	11	17	2	0	4	6
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>Média: 8 min.</b>	<b>36</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>Média: 5 dias</b>

No que respeita ao tempo médio de deslocação da residência do hortelão até à horta, verifica-se a partir do Quadro 10, que a de Telheiras é a que se situa mais próxima da residência dos hortelãos, comparativamente com as restantes hortas. Em média, os hortelãos de Telheiras demoram cerca de quatro minutos a chegar à horta. A horta de Campolide surge em seguida, como a que se situa mais próximo das habitações dos hortelãos, sendo que, em média, estes demoram cerca de oito minutos a chegar até lá. Já a horta da Granja é a que se encontra, em média, mais afastada das residências dos hortelãos. Estes demoram cerca de 11 minutos a deslocar-se até à horta. Os resultados obtidos fazem sentido, já que, ao passo que a horta de Telheiras se situa literalmente no meio do Bairro (Figura A3.1 do Anexo 3), a horta da Granja encontra-se em frente a uma zona comercial - Centro Comercial Colombo -, inserida num Parque Hortícola de grandes dimensões que obriga a uma maior deslocação dentro do mesmo, até à zona das hortas (Figura A3.2 do Anexo 3).

Campolide, por seu turno, ao situar-se junto a uma zona mais hoteleira e empresarial, acaba por albergar residentes que se deslocam de zonas ligeiramente mais afastadas (Figura A3.3 do Anexo 3).

O tempo médio de deslocação até à horta influencia o modo como os hortelãos chegam até à mesma. Uma vez que todas as hortas se situam a relativamente pouca distância das habitações dos hortelãos, o meio de deslocação que registou uma maior utilização foi a deslocação a pé. Efetivamente, 73% da população inquirida costuma deslocar-se por esta via até às hortas, principalmente a população de hortelãos da horta da Granja e da horta de Telheiras. Esta última é a que regista maior número de pessoas a deslocar-se a pé, seguramente por ser a que se situa mais próxima das habitações. Esta horta foi, igualmente, a única para a qual se registaram hortelãos que utilizam a bicicleta como meio de transporte preferencial para deslocação. Por seu turno, a horta da Granja, foi a única para a qual se registaram deslocações por via dos Transportes Públicos, numa zona onde se concentram diversos meios de transporte, como o metro, uma praça de táxis e um terminal de autocarros da Carris. Já em Campolide, dez hortelãos referiram deslocar-se para a horta recorrendo ao carro, enquanto seis referiram deslocar-se a pé. De facto, nesta horta não se registaram quaisquer casos de hortelãos que se desloquem por outros meios como a bicicleta e o transporte público. Em Telheiras, apenas dois inquiridos afirmaram recorrer ao uso do carro, situação que se verifica igualmente na Granja. Ao passo que na primeira, dada a curta distância que separa a horta das residências, o uso do carro parece não se justificar, na segunda, porém, a razão da escassa utilização de viatura própria poderá estar relacionada com a idade mais avançada dos hortelãos, os quais, possivelmente, já não usam o carro. Por último, refira-se que, a respeito do meio de deslocação utilizado, grande parte dos inquiridos referiu que apenas recorre ao uso do carro quando necessita de transportar algo.

Em relação ao número de dias por semana que os hortelãos dedicam à horta, constatou-se que a horta da Granja é a que acolhe uma presença mais assídua dos hortelãos, sendo que, em média, estes se deslocam até à horta seis dias por semana. O elevado grau de envolvimento que se regista nesta horta está relacionado com o facto de, aproximadamente metade dos hortelãos se encontrarem reformados e, como tal, apresentarem uma maior disponibilidade para se dedicarem a esta atividade. Em Telheiras e em Campolide, os hortelãos deslocam-se até à horta, em média, 5 e 4 dias por semana, respetivamente. O facto de estas duas hortas serem de carácter recreativo poderá justificar o menor número de deslocações, quando comparadas com a horta da Granja, a qual, por se tratar de uma horta social, concentra pessoas para as quais a horta assume uma maior importância a nível económico. O maior grau de comprometimento dos hortelãos de Telheiras, em comparação com os de Campolide, poderá estar relacionado com o facto de o primeiro se encontrar mais próximo das residências, em média.

**Quadro 11** - Relação do Hortelão com a Horta (Continuação)

		<b>III. RELAÇÃO COM A HORTA URBANA</b>						
		Quando vem à horta		Quantas horas/dia trabalha na horta				
Local	Número de Inquiridos	Semana	Fim de Semana	< 1	≥ 1 a < 3	≥ 3 a < 5	≥ 5 a < 8	≥ 10
Telheiras	16	15	14	6	9	1	0	0
Campolide	11	9	11	2	5	4	0	0
Granja	22	21	21	0	8	10	3	1
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>45</b>	<b>46</b>	<b>8</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>3</b>	<b>1</b>

No que diz respeito aos dias da semana em que os hortelãos trabalham nas hortas, constata-se no Quadro 11 que, apenas quatro deles não se deslocam à horta durante a semana, utilizando apenas o fim-de-semana para trabalhar na mesma. Verifica-se também que existem apenas três hortelãos que não se deslocam à horta no fim-de-semana, trabalhando na mesma exclusivamente durante a semana. A grande maioria, portanto, tanto trabalha na horta ao fim-de-semana, como aos dias de semana, consoante a disponibilidade, não manifestando especial preferência por um destes dois períodos da semana. Como tal, segundo os registos, 42 hortelãos do total dos 49 inquiridos (86%), tanto trabalham na horta aos dias de semana como ao fim-de-semana.

No que respeita ao número de horas por dia que os hortelãos investem na horta, as respostas registadas demonstram que 45% deles passa, em média, uma a três horas por dia na horta. Entre três e cinco horas, registaram-se 15 respostas, o equivalente a 31% da população. Estes dois intervalos concentram, assim, 76% das respostas dos inquiridos. Registaram-se ainda oito casos de hortelãos que passam menos de uma hora na horta e outros três que trabalham entre cinco a oito horas nesta atividade. Destaque ainda para o caso isolado de um hortelão da Granja que afirma passar mais de 10 horas por dia na horta. Note-se que é na Granja que os hortelãos dedicam mais tempo à atividade agrícola, o que vai de encontro ao que já foi referido anteriormente, relativamente ao peso dos reformados nesta horta. Dos 15 hortelãos que passam entre três a cinco horas na horta, 10 deles laboram na Granja. Os três inquiridos que afirmam passar entre cinco a oito horas na horta, fazem igualmente parte da horta da Granja, assim como o hortelão que diz consumir mais de 10 horas por dia na sua horta. Para além da forte presença de reformados na Granja, também não se pode dissociar o facto de esta se tratar de uma horta social, logo, utilizada por pessoas que, em teoria, demonstram um nível de envolvimento superior, quando comparadas com as pessoas das hortas recreativas, já que estas encaram a actividade agrícola como um *hobby* e não tanto como uma necessidade. Prova disto mesmo é que, dos oito hortelãos que responderam passar menos de uma hora na horta, nenhum deles foi encontrado na Granja. Seis foram encontrados em Telheiras e dois em Campolide.

**Quadro 12 -** Relação do Hortelão com a Horta (Continuação)

		<b>III. RELAÇÃO COM A HORTA URBANA</b>					
		Ajuda de familiares na horta		Cultiva outra horta?		Cultivou outra horta?	
Local	Número de Inquiridos	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Telheiras	16	4	12	16	0	12	4
Campolide	11	2	9	9	2	5	6
Granja	22	10	12	22	0	10	12
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>16</b>	<b>33</b>	<b>47</b>	<b>2</b>	<b>27</b>	<b>22</b>

No que se refere à participação dos familiares na horta, constata-se que, cerca de dois terços dos hortelãos (67%) dispõem de ajuda de familiares na manutenção e funcionamento da mesma. As hortas de Campolide e Telheiras são aquelas que registam maior apoio dos familiares aos hortelãos, com 82% e 75%, respetivamente. Na Horta da Granja, por sua vez, a percentagem de hortelãos que recebe ajuda dos familiares é de 55%.

No que diz respeito ao facto de os hortelãos cultivarem, atualmente, outra horta, verifica-se que apenas dois deles (4% dos inquiridos) afirmaram fazê-lo, ambos em Campolide. Estes dois hortelãos cultivam outras hortas, não regulamentadas pela Câmara, na proximidade das respetivas habitações, para fins de subsistência, segundo afirmam. Sublinhe-se o facto de ambos exercerem profissões a tempo inteiro, conseguindo, ainda assim, cultivar em duas hortas. Os restantes inquiridos (96%) afirmam não cultivar outra horta.

Relativamente ao facto de os hortelãos já terem experienciado o cultivo de hortícolas anteriormente, verifica-se que 22 dos 49 hortelãos já tinham, de facto, cultivado uma outra horta. Ao passo que em Campolide e na Granja, o rácio se aproxima dos 45%, em Telheiras, 75% dos hortelãos estão, pela primeira vez, a exercer o cultivo de uma horta. Nesta última, dos quatro hortelãos que já tinham cultivado anteriormente, dois deles são filhos de pais agricultores, e dos dois restantes, um tem familiares na área da agricultura, ao passo que o outro adquiriu uma casa de férias no meio rural, na qual experimentou, pela primeira vez, cultivar uma horta.

**Quadro 13 - Caracterização da Horta do Hortelão**

		<b>IV. CARACTERIZAÇÃO DA HORTA</b>				
		Área média de Horta (m <sup>2</sup> )	Já experimentou cultivar hortícolas que não conhecia?		Já alterou hábitos de consumo?	
Local	Número de Inquiridos		Não	Sim	Não	Sim
Telheiras	16	73	8	8	3	13
Campolide	11	67	4	7	2	9
Granja	22	141	16	6	11	11
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>Média: 94 m<sup>2</sup></b>	<b>28</b>	<b>21</b>	<b>16</b>	<b>33</b>

No que respeita à área de horta que cada hortelão dispõe, verifica-se que a horta da Granja é aquela que apresenta áreas de maiores dimensões, o que era expectável, face à sua tipologia. Em média, cada talhão da horta da Granja ocupa uma área de 141 metros quadrados. A horta de Telheiras surge em segundo lugar, seguida da Horta de Campolide, com áreas médias de 73 e 67 metros quadrados, respetivamente. Refira-se ainda que, nem todos os talhões da mesma horta apresentam a mesma área e, deste modo, o valor pago pelos hortelãos varia em função da área que dispõem.

A análise do Quadro 13 permite ainda concluir que, dos 49 hortelãos inquiridos, 21 deles (43%) já experimentaram novos produtos hortícolas no seu espaço. O caso de maior sucesso tem lugar em Campolide, com 64% dos hortelãos a evidenciar o conhecimento de novos produtos. Seguem-se Telheiras e Granja, com 50% e 27%, respetivamente. A análise dos inquéritos leva a concluir que os hortelãos que mais dispostos estão em cultivar novos produtos são os que nunca experienciaram uma horta anteriormente e que não dispunham de conhecimentos na matéria. Já a maioria dos 28 inquiridos que não experimentaram cultivar produtos sobre os quais não tinham conhecimento (57%), revela ser aquela cujos hortelãos são mais velhos e que já tinham cultivado uma horta anteriormente, não tendo a iniciativa de cultivar produtos que nunca tinham cultivado. A horta da Granja é a que melhor retrata esta situação.

Vários produtos cultivados pela primeira vez foram enumerados, nomeadamente, a físalis, a rúcula, o aipo, a segurelha, o poejo, o chicharo, a acelga, a cherovia, o maracujá-banana, entre outros produtos. Tornar-se necessário igualmente referenciar os produtos, conhecidos por todos os hortelãos, mais cultivados nas hortas. Em todas as três hortas, as culturas mais importantes de Verão são o tomate, a alface e a couve. Já no Inverno, foram eleitos a couve, o nabo e a ervilha.

Ainda a respeito do Quadro 13, constata-se que cerca de dois terços da população (67%) afirma ter alterado alguns hábitos de consumo, fazendo maior uso dos produtos cultivados e introduzindo maior número de produtos hortícolas na alimentação. Este efeito é particularmente

visível nas hortas de Telheiras e Campolide, com a grande maioria dos hortelãos (81% e 82%, respetivamente) a assumir uma mudança nos hábitos de consumo. Na Granja o efeito não é tão notório, já que apenas 50% dos hortelãos afirma ter alterado hábitos de consumo. Este resultado poderá explicar-se pelo facto de, como visto anteriormente, os hortelãos da Granja denotarem um maior contacto prévio com a agricultura, pelo que já estariam habituados a um maior consumo deste tipo de produtos.

**Quadro 14 - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)**

		<b>IV. CARACTERIZAÇÃO DA HORTA</b>								
		Condições oferecidas pela CML			Recorre à utilização de			Sementes		
Local	Número de Inquiridos	Más	Razoáveis	Boas	Adubos	Estrume	Compostagem	Compra	Guarda	Troca com vizinhos
Telheiras	16	0	4	12	0	16	16	16	13	2
Campolide	11	1	7	3	0	11	11	10	10	0
Granja	22	1	6	15	4	21	16	20	18	3
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>2</b>	<b>17</b>	<b>30</b>	<b>4</b>	<b>48</b>	<b>43</b>	<b>46</b>	<b>41</b>	<b>5</b>

No que diz respeito ao Quadro 14, verifica-se que a grande maior parte da população parece estar relativamente satisfeita com o tipo de condições oferecidas pela Câmara, já que apenas duas pessoas classificaram as mesmas como más, uma em Campolide, outra na Granja. Note-se ainda que, quer em Telheiras, quer na Granja, o número de hortelãos que considera ter boas condições supera, em larga escala, o número que considera ter condições razoáveis. Em Campolide, porém, verifica-se o contrário. Nesta horta, todos os hortelãos, sem exceção, fizeram menção à altura reduzida das vedações, que tem por consequência os já habituais roubos e atos de vandalismo ocorridos. Alguns hortelãos recorreram, inclusivamente, à colocação de espinhos nas vedações - Figura 8 -, por forma a tentar minimizar este tipo de situações. De facto, apesar de a grande maioria considerar as condições oferecidas pela Câmara como boas ou razoáveis, especificamente ao nível da dimensão física da parcela e da quantidade de água disponível, muitos descontentamentos foram revelados, principalmente no que se relaciona com a segurança das hortas, mas não só. Na horta de Telheiras, por exemplo, mencionou-se a falta de instalações sanitárias e a falta de luminosidade à noite. Este último aspeto é particularmente importante nesta horta, dado que a grande maioria dos hortelãos se desloca até ela depois do trabalho - ao final da tarde ou à noite -, sendo por isso, imprescindível que haja luminosidade, até por questões de segurança. Um hortelão argumentou ainda que deveria ser permitido o uso de rega automática, não só para precaver eventuais situações em que o hortelão não se possa deslocar à horta, mas também porque se consegue uma maior poupança de água com este tipo de sistema. Na horta da Granja, alguns descontentamentos foram ouvidos a respeito da fraca fertilidade da terra e também da falta de instalações sanitárias. A altura

das vedações foi igualmente referida, à semelhança do que havia sido constatado em Campolide. Unicamente em Telheiras não se verificaram este tipo de queixas. Por um lado, as vedações nesta horta são, efetivamente, mais altas e, por outro, esta horta situa-se no centro do bairro, fatores que parecem desincentivar eventuais atos de vandalismo e roubo. Ainda a respeito da Horta da Granja, foi também criticada, a falta de apoio prestado, devido ao facto de não ser permitida a circulação de veículos dentro da horta. Assim, cada hortelão está encarregue de transportar tudo o que necessita para a horta, nomeadamente, estrume, o qual se encontra em sacos de grande peso. Esta situação ganha maior relevo se se tiver em conta que grande parte dos hortelãos da Granja apresenta já uma idade avançada. Um dos hortelãos confessou, inclusive, ter deixado de utilizar estrume dadas as dificuldades que acarreta o seu transporte até à sua parcela de cultivo. Note-se que é na Granja que os hortelãos demoram, em média, mais tempo a chegar à horta.



**Figura 8** - Espinhos nas vedações no Parque Hortícola de Campolide

No que diz respeito à utilização de produtos, verificou-se que 48 hortelãos, ou seja, 98% da população inquirida utiliza estrume nas suas culturas. Apenas um hortelão não recorre à utilização deste fertilizante orgânico, precisamente o que cultiva na horta da Granja e mais críticas teceu ao facto de terem de ser os próprios hortelãos a transportar tudo o que necessitam para a sua horta. Todos os hortelãos enfatizaram o facto de utilizarem estrume biológico, por vezes de cavalo ou de coelho. Relativamente à utilização de compostagem, 43 hortelãos utilizam este processo biológico, ou seja, 88% da população inquirida. No que diz respeito ao método de compostagem, tanto nas hortas de Telheiras como de Campolide, todos os hortelãos referiram fazer uso da mesma. Já na horta da Granja, existem seis hortelãos que não o costumam fazer.

É de salientar que muitos hortelãos afirmaram que os conhecimentos que adquiriram sobre compostagem se devem às ações de formação providenciadas pela Câmara Municipal de Lisboa. Relativamente à utilização de adubos nas culturas, constata-se que os hortelãos das hortas de Telheiras e de Campolide não recorrem ao uso dos mesmos, enquanto na horta da Granja existem quatro hortelãos que utilizam. Estes resultados não são de surpreender dado que nas duas primeiras hortas, por serem de tipologia recreativa, é obrigatória a prática de uma agricultura biológica, a qual apenas permite a utilização de pesticidas e de fertilizantes de síntese, homologados para o modo de

produção biológico. Já a horta da Granja, uma vez que é de tipologia social, é permitida a prática de uma agricultura não biológica, daí que, alguns (muito poucos) hortelãos tenham confirmado a utilização de adubos.

É de sublinhar que, aquando da criação da horta da Granja, pretendia-se estabelecer a obrigatoriedade da prática da Agricultura em regime biológico. Contudo, a Comissão para a Promoção de Agricultura Urbana da Câmara Municipal de Lisboa apercebeu-se que, em hortas pré-existentes, como o caso desta, os hortelãos recorriam frequentemente a químicos, desde há muitos anos, tornando-se difícil impor uma alteração tão drástica. Por este motivo, apostou-se na formação em horticultura biológica, não só por forma aos hortelãos refletirem sobre os seus hábitos de produção, como também para dar a conhecer novos métodos de tratamento. Deste modo, foi fornecida uma lista dos produtos químicos que os hortelãos costumavam - e ainda alguns costumam - utilizar, e o respetivo produto equivalente em agricultura biológica. Foram também enumerados os locais mais próximos da horta onde se pode aceder aos tais produtos biológicos (Folgosa, 2012). Estas ações por parte da Câmara, sem dúvida que têm promovido ótimos resultados, conseguindo alterar algumas mentalidades. Os quatro hortelãos inquiridos que responderam recorrer a adubos, costumam utilizar adubos tais como o Sulfato de amónio e o Foskamónio. Um deles ocupava uma parcela de terreno na quinta que antecedeu o Parque Hortícola da Granja.

Relativamente à utilização de sementes, 46 do total de hortelãos inquiridos (94%) afirmam que compram sementes. A partir da análise particular de cada horta, verifica-se que, os hortelãos de Telheiras são os que compram mais sementes (100% da população), uma vez que a horta é a mais recente. Seguidamente, constata-se que 41 hortelãos (84% do total) guardam as sementes que colhem, reutilizando-as mais tarde, com especial incidência na horta de Campolide (91% da população desta horta), seguindo-se a horta da Granja (82% da população desta horta) e, por fim, a de Telheiras (81% da população desta horta). No que respeita à troca de sementes com os hortelãos vizinhos, registaram-se apenas cinco casos, do total de hortas, três deles na Granja, e dois deles em Telheiras, não se constatando, portanto, a troca de sementes na horta de Campolide.

**Quadro 15 - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)**

IV. CARACTERIZAÇÃO DA HORTA															
		Como adquiriu conhecimentos que tem				Destinos dos produtos									
Local	Número de Inquiridos	Experiência	A falar com vizinhos/familiares	CML	Pesquisa própria	Autoconsumo	%	Oferta a familiares	%	Oferta a amigos	%	Oferta a Instituições	%	Venda	%
Telheiras	16	6	9	8	2	16	95	5	10	2	10	1	10	0	0
Campolide	11	11	7	9	0	11	79	9	20	2	25	0	0	0	0
Granja	22	20	10	9	5	22	87	12	20	3	12	0	0	1	10
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>37</b>	<b>26</b>	<b>26</b>	<b>7</b>	<b>49</b>		<b>26</b>		<b>7</b>		<b>1</b>		<b>1</b>	

No que diz respeito ao modo como o hortelão adquiriu os conhecimentos que tem sobre a agricultura, verifica-se que a grande maioria respondeu que a mesma se deve à experiência na

matéria, fruto não só do trabalho na área durante a infância, como do cultivo anterior de uma horta. Assim, 37 hortelãos (76% do total de inquiridos) responderam que o seu conhecimento provém de experiência anterior, sendo que, como seria de prever, mais de metade destes 37 hortelãos é da Granja, seguindo-se a horta de Campolide, com 11 hortelãos, e, por fim, a de Telheiras, com seis hortelãos. Os conhecimentos adquiridos são também explicados pela troca de ideias com vizinhos hortelãos e familiares, uma vez que existe uma grande percentagem de hortelãos com pais e familiares agricultores (67%) - como se tinha constatado no Quadro 9 -, e pelas ações de formação providenciadas pela Câmara Municipal de Lisboa sobre os mais variados temas. Por fim, a opção com menos registos, mas não menos importante, diz respeito aos conhecimentos adquiridos pela realização de pesquisa própria. Apesar de não se terem registado hortelãos na horta de Campolide que fizessem pesquisa própria sobre produtos e técnicas de cultivo, na horta da Granja observaram-se cinco hortelãos, e em Telheiras, dois. Destes sete hortelãos que realizam pesquisa própria, apenas um frequentou apenas o 1º Ciclo, enquanto os restantes seis possuem o Ensino Secundário ou Superior. De referir igualmente que, apenas o hortelão com menos habilitações literárias é filho de pais agricultores, ao passo que os remanescentes são filhos de pais com profissões não ligadas à agricultura.

Relativamente aos destinos de produção, verifica-se que todos os hortelãos inquiridos aproveitam, pelo menos em parte, os produtos que cultivam para autoconsumo, sendo este o principal fim da produção de qualquer uma das hortas. Como se observa no Quadro 15, na Horta de Telheiras, a média dos produtos reservados ao autoconsumo é de 95%. Em Campolide e na Granja, a média é de 79% e 87%, respetivamente. A análise dos inquéritos permite constatar que dos 49 inquiridos, apenas dois afirmam consumir menos de metade do que produzem, um em Campolide e outra na Granja. A respeito destes dois casos, um inquirido vive sozinho, e o outro possui uma área de cultivo bastante considerável, 120 metros quadrados, fazendo igualmente parte de um agregado reduzido, com mais uma pessoa. É também possível verificar que existem 18 hortelãos (37%) que reservam a totalidade dos produtos cultivados exclusivamente para autoconsumo, prova de que este é o principal destino dos produtos extraídos das Hortas analisadas. Assim, no que diz respeito aos hortelãos que consomem toda a produção, em Telheiras, dos 16 hortelãos inquiridos, nove deles satisfazem esta condição. Destes nove, note-se que quatro - sensivelmente metade - fazem parte de um agregado de, pelo menos, quatro pessoas. Os restantes cinco hortelãos, pese embora façam parte de agregados de menor dimensão, a verdade é que também dispõem de uma área de cultivo mais reduzida. Três destes cinco hortelãos possuem áreas de cultivo entre 30 a 40 metros quadrados, sendo que destes, dois trabalham em parcelas da ART - Associação de Residentes de Telheiras -. Em oposição, registre-se o caso de um hortelão com uma área de 120 metros quadrados e que partilha casa com apenas mais uma pessoa, consumindo ambos toda a produção.

Em Campolide, o número de hortelãos que consomem toda a produção é de apenas dois. Ambos têm em comum o facto de não terem qualquer ligação prévia com o meio rural - nenhum deles tem família na área, passava férias no meio rural ou visita o meio rural -. Também são dos que denotam menos dedicação a esta atividade, deslocando-se apenas ao fim-de-semana à horta. A

menor dedicação poderá corresponder a uma menor produção, pelo que conseguem consumir tudo o que produzem. Para além disso, um deles está inserido num agregado de, pelo menos, quatro pessoas, e também dispõe de uma área bastante reduzida de terreno, 20 metros quadrados.

Na Granja, das sete pessoas que destinam a produção para uso exclusivo, seis delas possuem talhões de 150 metros quadrados. O outro talhão é de 80 metros quadrados. Apesar de contarem com áreas consideráveis, cinco destes sete hortelãos fazem parte de agregados com três ou mais pessoas. Constatou-se portanto que, de uma maneira geral, quem utiliza a totalidade dos produtos cultivados para consumo próprio são as famílias com um maior agregado familiar ou as famílias cujo talhão de cultivo apresenta menores dimensões. No que diz respeito aos outros fins dos produtos hortícolas, a análise do Quadro 15 permite concluir que são os familiares dos hortelãos os principais beneficiados, com 26 casos, seguidos dos amigos, com sete. No que diz respeito aos familiares, quer em Campolide, quer na Granja, a percentagem oferecida corresponde, em média, a 20% da produção.

Em Telheiras, por seu turno, a média situa-se ligeiramente abaixo, nos 10%. Em relação aos produtos oferecidos aos amigos, verificamos que, em Campolide, a percentagem que os hortelãos destinam para este fim corresponde, em média, a 25% da produção. Na Granja e em Telheiras a percentagem é ligeiramente inferior, 12% e 10%, respetivamente. Sublinhe-se ainda a existência de dois casos que, embora isolados, evidenciam um contraste interessante entre duas hortas de diferentes tipologias. Ao passo que em Telheiras - Horta Recreativa -, um dos hortelãos destina parte da produção para um projeto sem fins lucrativos - "Re-Food" -, na Granja - Horta Social -, um dos hortelãos afirma vender parte do que produz, como um rendimento extra.

**Quadro 16** - Caracterização da Horta do Hortelão (Continuação)

		IV. CARACTERIZAÇÃO DA HORTA								
		Percentagem que o hortelão poupa no supermercado			Onde passava o tempo que agora passa na horta				Utilização da horta para outros fins	
Local	Número de Inquiridos	10 - 25%	25 - 50%	50 - 75%	A trabalhar	Em casa	No jardim/café	Passear	Não	Sim
Telheiras	16	2	11	3	5	6	0	6	5	11
Campolide	11	1	1	9	6	4	2	0	2	9
Granja	22	4	8	10	4	13	3	4	12	10
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>7</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>23</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>19</b>	<b>30</b>

No que respeita à percentagem que os hortelãos conseguem poupar no supermercado, graças ao cultivo na horta, constata-se que, em termos globais, a poupança é de, pelo menos, 10% e, não mais do que 75%. Por um lado, todos conseguem poupar, ainda que alguns hortelãos não consigam poupar muito. Por outro, ninguém consegue abastecer-se exclusivamente de produtos oriundos da horta, tendo necessidade de recorrer à compra de outros produtos, o que também está

com certeza relacionado com a sazonalidade dos produtos. O escalão que revela maior número de respostas é o escalão dos 50 a 75%, com 22 casos (45% do total), seguido do escalão dos 25 aos 50%, com 20 respostas (41%). Estes dois escalões concentram 86% das respostas, sendo que os restantes 14% - o equivalente a sete respostas - dizem respeito ao escalão dos 10 aos 25%.

Em Telheiras, o escalão que concentra maior número de respostas, 11 em 16 (69%), diz respeito ao intervalo dos 25 aos 50%. Existem ainda duas pessoas que poupam entre 10 a 25% e outras três que poupam entre 50 a 75%. O menor nível de poupança alcançado pelas primeiras, por comparação com as últimas, poderá estar relacionado com o número de pessoas do agregado. Os hortelãos com menor nível de poupança (10 a 25%) fazem parte de agregados de quatro ou mais pessoas, ao passo que os hortelãos que mais conseguem poupar (50 a 75%) se caracterizam por fazerem parte de agregados com um máximo de três pessoas. O nível de poupança em Campolide aparenta ser mais elevado, com 9 das 11 pessoas inquiridas (82%) a afirmar que poupa entre 50 a 75%. Uma vez mais, a poupança e a dimensão do agregado parecem estar inversamente relacionados. Note-se que, dos onze agregados familiares desta horta, apenas três são constituídos por três ou mais pessoas. Já a Horta da Granja apresenta resultados menos conclusivos. O escalão dos 50 aos 75% reúne 10 pessoas, seguido do escalão dos 25 aos 50% com oito e, por fim, o escalão dos 10 aos 25%, com quatro. Nesta horta, o impacto da dimensão do agregado não parece ser tão linear. Ainda assim, visto que se trata de uma horta social, não é de estranhar que 18 das 22 pessoas inquiridas (82%) afirmem poupar, pelo menos 25%.

Relativamente ao que o hortelão estaria a fazer caso não dispusesse atualmente da horta, verificou-se que a maioria estaria em casa, traduzindo-se em 47%. As respostas seguintes com mais registos foram as referentes a “estarem a trabalhar” (31%), “a passear” (20%) e, por fim, “no jardim/café” (10%). Tal significa que apenas 15 hortelãos, 31%, estariam a fazer alguma atividade relacionada com o ar livre. Já os restantes 69% estariam confinados a um espaço fechado.

Por fim, no que se relaciona com a utilização da horta para outros fins, 30 hortelãos (61%) afirmaram utilizar a horta para outras atividades que não seja o cultivo de hortícolas. A grande maioria respondeu que utiliza a horta para convívio e criação de laços entre os vizinhos hortelãos. Em Telheiras, por exemplo, os hortelãos já realizaram um jantar na própria horta com produtos retirados da mesma. Na Granja, alguns hortelãos também costumam utilizar o seu espaço para promover almoços com amigos e familiares. No entanto, 19 hortelãos (39%) afirmaram utilizar a horta estritamente para fins de produção.

#### 4.5.1.4. Motivações do hortelão para cultivar uma horta

**Quadro 17 - Motivações do Hortelão**

		V. MOTIVAÇÕES DO HORTELÃO					
		Principais motivações que levam o Hortelão a ter a horta					
Local	Número de Inquiridos	Recordar vida rural	Trabalhar junto da Natureza	Obter rendimento com a venda de hortícolas	Não gastar ou gastar menos dinheiro com a compra de hortícolas	Permitir que o agregado consuma mais hortícolas	Ajudar familiares
Telheiras	16	1	8	0	3	1	0
Campolide	11	3	2	0	3	0	1
Granja	22	8	2	1	4	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

**Quadro 18 - Motivações do Hortelão (Continuação)**

		V. MOTIVAÇÕES DO HORTELÃO									
		Principais motivações que levam o Hortelão a ter a horta									
Local	Número de Inquiridos	Fazer exercício/Relaxar	Fazer amigos/Conviver	Porque gosta de agricultura	Saber o que come/Comer produtos de melhor qualidade	Fazer algo que gosta	Ocupar tempo livre	Melhorar paisagem	Poder ser criativo	Praticar Agricultura Biológica	Ajudar a preservar biodiversidade
Telheiras	16	6	5	11	9	11	5	1	3	7	3
Campolide	11	2	3	7	9	7	3	1	1	6	0
Granja	22	3	3	17	9	17	7	0	2	3	0
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>11</b>	<b>11</b>	<b>35</b>	<b>27</b>	<b>35</b>	<b>15</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>16</b>	<b>3</b>

A observação dos Quadros 17 e 18 permite constatar a grande diversidade de motivações subjacentes ao cultivo de uma horta por parte de uma panóplia diversificada de participantes.

Com 35 respostas cada, o gosto pela agricultura e o gosto pela sua prática foram as motivações que reuniram maior preferência por parte dos inquiridos. Refira-se que, a respeito destas duas motivações, as respostas obtidas para cada uma delas foram dadas exatamente pelas mesmas 35 pessoas, o que comprova uma forte relação entre ambas. Efetivamente, os inquiridos demonstram apreciar a agricultura para lá do seu sentido mais abstrato, manifestando igualmente o seu prazer pela prática da atividade. Assim, em *latu sensu*, o gosto pela agricultura apresenta-se como a principal motivação de 71% da população total inquirida, apresentando uma maior importância na horta da Granja, seguida da horta de Telheiras e, por fim, na horta de Campolide.

Na Granja, dos 22 hortelãos inquiridos, 17 fizeram referência a estas duas motivações, o que se traduz em 77% da população desta horta. Tal situação não surpreende, dado que, por um lado, oito deles trabalharam na área durante a sua infância, e por outro, dos restantes nove que nunca tinham experimentado, apenas três não são familiares de agricultores. Ainda assim, nenhum destes hortelãos parece estar completamente desligado do meio rural, onde um deles já viveu e outros dois

costumam passar férias. No que à horta de Telheiras diz respeito, 11 dos 16 hortelãos (69%) afirmaram o seu gosto pelo setor agrícola, apesar de apenas um já ter trabalhado na área. Dos outros dez, seis são familiares de agricultores, ao passo que, dos restantes quatro, dois viveram no meio rural e um deles costuma passar férias neste meio. Assim, constata-se que dos 11 hortelãos que contribuíram para esta motivação, apenas um confessa não ter uma relação com o meio rural, situação que se poderá dever ao facto de se tratar de uma hortelã originária da Guiné-Bissau. Em Campolide, por seu turno, o gosto pela agricultura foi aludido por sete dos 11 hortelãos, ou seja, por 64% dos inquiridos desta horta. Destes sete, a análise dos inquéritos permite verificar que quatro já trabalharam na agricultura anteriormente. A respeito dos três hortelãos remanescentes, observa-se que dois deles já viveram no meio rural. Assim, dos que referiram o gosto pela agricultura como motivação, apenas um aparenta não ter qualquer tipo de relação prévia com a agricultura, uma vez que nunca trabalhou na área, não tem familiares ligados à mesma, nem nunca viveu ou passou férias no meio rural. Além disso, também não costuma visitar o referido meio, segundo os dados recolhidos. Curiosamente, o hortelão em causa é natural de Campolide. A relação menos próxima evidenciada entre este hortelão e a agricultura encontra-se, de certa forma, patente nos resultados obtidos. Para além de ser dos que menos vezes se desloca à horta, também é dos que costuma passar menos tempo a laborar na mesma. Assim, apurou-se que, com exceção deste hortelão pertencente à horta de Campolide, o gosto pela agricultura enquanto motivação é referido por pessoas que evidenciam uma relação prévia com o meio rural. Constata-se, portanto, que a experiência passada exerce forte influência na decisão de manter uma horta, evidência comum às três hortas estudadas. Nesse sentido, não é de estranhar que o gosto pela agricultura e o gosto pela sua prática tenham sido as duas principais motivações referidas pelos inquiridos.

A outra motivação que reuniu grande consenso foi a de poder consumir alimentos de melhor qualidade e de conhecer a origem dos produtos que se consome. Esta motivação recolheu 55% das respostas dos inquiridos, tendo-se registado nove casos em cada uma das três hortas. Considerando o número de observações em cada uma delas, constata-se que esta preocupação é especialmente evidente nas duas hortas de tipologia recreativa, sendo que tal poderá ser explicado pelo facto de estas serem tipicamente utilizadas por pessoas mais informadas e mais instruídas, pelo que o tema referente à qualidade dos produtos consumidos é tido em particular atenção. Deste modo, em Campolide e em Telheiras, 82% e 56% dos inquiridos, respetivamente, fizeram menção a esta motivação. Ainda assim, a preocupação com a qualidade alimentar é, cada vez mais, uma preocupação global. Prova disso mesmo é o facto de, também na Granja, se encontrar um número assinalável de pessoas interessadas neste assunto. Efetivamente, 41% dos hortelãos da Granja consideraram este tema como uma das motivações que os levam a cultivar uma horta.

De seguida, praticar Agricultura Biológica e ocupar tempo livre foram outras das motivações mais mencionadas, com 16 e 15 respostas, respetivamente. A primeira encontra-se bastante relacionada com a motivação anteriormente analisada, pese embora concentre um número significativamente inferior de respostas. Não obstante, a crescente preocupação das pessoas em relação à qualidade dos produtos consumidos tem sido o grande propulsor da aposta que se tem

vindo a desenvolver ao nível da Agricultura Biológica. À semelhança do que se verificou a respeito da motivação referente à qualidade dos alimentos, são os hortelãos das Hortas Recreativas que estão mais sensibilizados para a importância da prática de uma agricultura sustentável. Em Campolide, 55% dos hortelãos fizeram referência a esta questão. Em Telheiras, por sua vez, esta motivação foi mencionada por 44% dos inquiridos. Em sentido contrário, apenas três dos 22 hortelãos da Granja consideraram a prática da Agricultura Biológica como uma das motivações inerentes ao cultivo de uma horta, o que corresponde a apenas 14% dos inquiridos.

Já no que diz respeito à motivação para o cultivo da horta relacionada com a ocupação dos tempos livres, verifica-se que já só cerca de um terço (31%) dos inquiridos consideram esta motivação importante. As respostas obtidas encontram-se, grosso modo, proporcionalmente dispersas pelas três hortas, já que, em cada uma delas, a percentagem registada de hortelãos para esta motivação é aproximadamente a mesma. Em Campolide, foram três os hortelãos que mencionaram a ocupação dos tempos livres como motivação, o equivalente a 27% da população dessa horta. Telheiras, por sua vez, conta com cinco respostas em 16, ou seja, 31%. Por fim, na Horta da Granja, com sete respostas em 22 possíveis, a percentagem de inquiridos que atribui importância a esta motivação é de 32%. Em termos globais, dos 15 hortelãos que fizeram referência à ocupação dos tempos livres, verifica-se que oito deles se encontram em situação de reforma, o que poderá ajudar a explicar a necessidade sentida pelos mesmos em encontrar uma ocupação. Situação semelhante se verifica com outros dois hortelãos, um deles desempregado e o outro a trabalhar em regime de *part time*. A importância que os hortelãos atribuem à ocupação do tempo merece especial enfoque se considerarmos que, dos 15 hortelãos que fizeram alusão a esta motivação, nove deles afirmaram passar em casa, o tempo agora consumido na horta. Particularmente para os mais idosos, encontrar uma ocupação pode assumir uma importância vital, sendo que muitos deles encontram na horta a motivação necessária para sair de casa.

Com menor expressão, em termos do número de respostas obtidas, estão as motivações: recordar a vida rural e trabalhar junto da natureza - com 12 respostas -, fazer exercício/relaxar e fazer amigos/conviver - com 11 respostas - e poupar nos produtos hortícolas - com dez respostas. No que diz respeito à recordação da vida rural, os resultados obtidos evidenciam, uma vez mais, a influência que a experiência passada assume na decisão de cultivar uma horta. De facto, dos 49 inquiridos, apenas dois, ambos em Campolide, aparentam não ter qualquer tipo de relação prévia com o meio rural. Ainda assim, é curioso verificar que, dos 47 que evidenciam ter tido esse contacto, apenas 12 - aproximadamente um quarto - referiram como motivação a recordação da vida rural, manifestando preferência por outros aspetos. Ao se realizar uma análise mais detalhada, considerando apenas o número de pessoas que, à partida, têm razões para querer recordar a experiência passada neste meio - tais como as que trabalharam na agricultura, as que viveram no meio rural ou as que lá passavam férias -, o peso desta motivação assume maior relevância, ainda que ligeira, já que a amostra diminui para 43 hortelãos. Em termos globais, dos 12 hortelãos que referiram esta motivação, oito deles foram encontrados na Granja, três em Campolide e apenas um em Telheiras. A predominância dos resultados na Granja poderá dever-se ao facto de esta ser a horta que concentra

maior número de hortelãos que apresentam maior relação com o meio rural, pelos motivos acima referidos.

Com o mesmo número de respostas, trabalhar junto à Natureza foi outra das motivações que reuniu maior aceitação, com especial destaque para a horta de Telheiras. Das 12 respostas reunidas, oito delas foram encontradas nesta horta, ao passo que Campolide e Granja contribuem apenas com duas respostas cada. Trabalhar junto à Natureza é, então, algo que 50% dos hortelãos de Telheiras valorizam bastante, contrariamente ao que se verifica na Granja e em Campolide, onde apenas 9% e 18%, respetivamente, se mostram sensíveis a esta questão. O facto de a maioria dos hortelãos que dá valor a trabalhar junto à Natureza se concentrar em Telheiras pode estar relacionado com a própria localização da horta. Contrariamente ao que acontece com as hortas de Campolide e da Granja, a horta de Telheiras está situada literalmente no meio do bairro, oferecendo uma experiência próxima da Natureza, no seio de um meio citadino. O contraste entre este meio e o rural poderá ser o motivo de uma maior valorização da Natureza por parte dos hortelãos.

No caso da motivação relativa ao exercício físico ou relaxamento, registaram-se 11 respostas no total, com seis casos em Telheiras (38% da população desta horta), três na Granja (14% da população desta horta) e dois em Campolide (18% da população desta horta). Para estes 11 inquiridos, o cultivo de uma horta significa mais do que trabalho, tratando-se de uma ocupação saudável que permite relaxar e praticar exercício físico.

Em relação à motivação relacionada com o convívio e com a possibilidade de fazer novas amizades na horta, igualmente com 11 registos no total, foram assinaladas cinco respostas em Telheiras, três na Granja e outras três em Campolide. Esta motivação foi, portanto, referida por 22% da totalidade de inquiridos, prova de que este aspeto assume também algum peso na decisão de cultivar uma horta. Porém, recordando a análise feita com base no Quadro 16, relativamente à utilização da horta para outros fins, constata-se que o número de hortelãos que recorrem à mesma para fins de convívio é consideravelmente superior. Dos 49 inquiridos, 30 (61%) assumiram utilizar a horta para outros fins, todos eles de convívio ou similares, como refeições com familiares e amigos. No entanto, apenas 11 hortelãos confessaram ser esta uma das motivações que os leva a ter uma horta.

No que diz respeito à motivação relacionada com a poupança em produtos hortícolas, obteve-se um total de dez respostas em 49 possíveis, o correspondente a 20% da população. Pese embora as dificuldades socioeconómicas tenham sido um dos principais motores do reaparecimento recente das Hortas Urbanas, muitos dos atuais utilizadores atribuem uma importância relativamente baixa à possibilidade de poupança no supermercado com o cultivo de hortícolas. De facto, não deixa de ser interessante que, num período caracterizado pelas dificuldades económicas que o país atravessa, a poupança acaba por não ser uma das principais motivações, especialmente ao nível da Horta Social da Granja, onde apenas quatro hortelãos (18%) se mostraram preocupados com esta questão. Ao nível das Hortas Recreativas, Telheiras e Campolide registaram três casos cada, ou seja, 19% e 27%

da população de cada horta, respetivamente. Contrariamente ao que seria de esperar, até são os hortelãos das Hortas Recreativas que denotam maior preocupação com a poupança, prova de que existe uma consciencialização cada vez mais generalizada da importância que este tema assume na vida das famílias.

Num patamar inferior, com apenas seis respostas, a possibilidade de ser criativo reuniu 12% das preferências dos hortelãos. Três destas respostas foram dadas pelos hortelãos de Telheiras, duas pelos hortelãos da Granja e apenas um hortelão considerou esta motivação na horta de Campolide. Metade dos hortelãos que consideraram esta opção, já experimentaram cultivar produtos novos que não conheciam, desde que adquiriram a horta, evidenciando, desta forma, a sua criatividade.

Destaque-se também o caso de três hortelãos em Telheiras que frisaram a preservação da biodiversidade como motivação. O maior nível de instrução dos hortelãos de Telheiras, por comparação com os hortelãos da Granja e Campolide, poderá estar na origem destes resultados. Verifica-se, efetivamente, que os três hortelãos em causa frequentaram o ensino superior.

Registaram-se ainda duas respostas a respeito da motivação relacionada com o melhoramento da paisagem, uma em Telheiras, com o ensino superior, outra na Granja, com o ensino secundário. Estas constatações estão em sintonia com o referido no parágrafo anterior, ou seja, as pessoas mais instruídas têm sido as que manifestam maior sensibilização pelas questões ambientais.

Por último, com uma única resposta, foram ainda mencionadas motivações como a obtenção de rendimento com a venda de produtos, o aumento do consumo de hortícolas por parte do agregado e a ajuda a familiares. Relativamente à primeira, importa referir que, no Quadro 15, já tinha sido identificada uma pessoa na Granja que admitia vender parte da sua produção. Esta Horta é, aliás, a única das três onde a venda dos produtos é permitida, desde que devidamente autorizada pela Câmara Municipal de Lisboa. No que respeita à motivação referente ao aumento do consumo de hortícolas, a única resposta foi registada em Telheiras e, por fim, a motivação da ajuda a familiares foi aludida em Campolide. Alguns hortelãos mencionaram ainda outras motivações de carácter mais pessoal que não se encontram expostas nos Quadros 17 e 18, nomeadamente uma hortelã da Horta da Granja, cuja principal motivação para manter atualmente uma horta prendia-se com o facto de o seu pai ter agricultado nos terrenos pré-existentes, desejando continuar, de certa forma, o que o pai fazia.

#### 4.5.1.5. Opiniões do hortelão sobre os contributos das hortas para a cidade

Quadro 19 - Opiniões do Hortelão

		<b>V. OPINIÕES DO HORTELÃO</b>						
		Contribuição destas hortas para a cidade						
Local	Número de Inquiridos	Embelezar a cidade	Ensinar/Dar a conhecer a vida do campo aos mais novos	Aproximar os urbanos da Natureza	Criar espaços de convívio/Contacto social entre os idosos	Fazer algo de produtivo	Aproximar o rural da cidade	Valorizar a agricultura junto dos urbanos
Telheiras	16	8	7	3	5	5	4	2
Campolide	11	5	2	5	2	6	6	4
Granja	22	10	11	4	4	3	2	2
<b>TOTAL</b>	<b>49</b>	<b>23</b>	<b>20</b>	<b>12</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>12</b>	<b>8</b>

No que diz respeito à opinião dos hortelãos sobre a contribuição das Hortas Urbanas para a cidade, verifica-se no Quadro 19 que, cerca de metade da população inquirida (47%) considera que este tipo de hortas exibe uma capacidade de embelezamento da mesma. A análise dos dados obtidos permite constatar que as três hortas estudadas apresentam resultados bastante semelhantes no que respeita à opinião dos hortelãos sobre a contribuição das Hortas Urbanas para o embelezamento da cidade de Lisboa. Em Telheiras, 50% dos hortelãos fizeram referência a esta contribuição, tendo-se registado oito respostas em 16 possíveis. Já em Campolide e na Granja, com cinco e dez respostas respetivamente, 45% da população inquirida em cada uma destas duas hortas considera importante o contributo que as Hortas Urbanas oferecem às cidades, do ponto de vista estético. Contrastando com os aglomerados edificados cada vez mais comuns, as Hortas Urbanas assumem-se, para muitos, como espaços verdes e agradáveis, funcionando como um ponto de equilíbrio entre o rural e o urbano. Este aspeto revelou ser de grande importância para os hortelãos inquiridos, uma vez que, tal como se constatou no Capítulo 2, as hortas propiciam um bem-estar, não só físico, mas também psicológico, essencial para uma população cada vez mais assoberbada pelas suas rotinas diárias de trabalho.

No segundo patamar, 20 hortelãos (41% da população) demonstraram atribuir importância às Hortas Urbanas, como um meio de dar a conhecer aos mais jovens a vida rural. Este tipo de contribuição parece ser especialmente importante para os hortelãos de Telheiras e da Granja, contrariamente ao que acontece em Campolide. Ao passo que nas duas primeiras, a percentagem de hortelãos que considera importante esta contribuição se situa nos 44% e 50%, respetivamente, em Campolide, por sua vez, apenas duas pessoas (18%) se mostraram sensíveis a esta questão.

As hortas são, também, uma forma de fazer algo de produtivo, tal como afirmam seis hortelãos na horta de Campolide, cinco em Telheiras e três na Granja, perfazendo um total de 14 respostas (29% da população total). O cultivo das hortas, para além do seu carácter lúdico, funciona também como uma ocupação produtiva do tempo, já que permite a obtenção de produtos alimentares

para consumo. Curiosamente, dos 14 hortelãos que referiram a ocupação produtiva de tempo como uma das contribuições das hortas, 11 deles encontram-se a trabalhar. Mais ainda, destes 14, quatro deles afirmam que o tempo agora despendido na horta era outrora ocupado com trabalho. Os restantes dez, ao invés, costumavam passar o tempo em casa, no café, no jardim ou a passear, tendo optado por uma utilização mais rentável de tempo ao decidir cultivar uma horta e atribuindo, hoje em dia, importância a essa escolha. Em Campolide e em Telheiras, 55% e 31% dos inquiridos, respetivamente, fez referência a esta questão. Com menor expressão, a horta da Granja registou 14% de inquiridos.

Muitos são também os hortelãos que consideram que as Hortas Urbanas têm a capacidade de aproximar os urbanos da Natureza e o rural da cidade, sendo que cada uma destas contribuições registou 12 repostas. Em ambos os casos, a Horta de Campolide é a que tem maior expressão nos resultados, seguindo-se Telheiras e, por fim, a Granja. Pese embora se assemelhem, estas duas contribuições representam sentidos diferentes. Ao passo que a primeira se refere à possibilidade de contacto mais próximo com a Natureza, num meio citadino, a segunda diz respeito à implementação de um quotidiano próximo do que se vive no campo, porém, ao nível das cidades. Como se observa, sensivelmente um quarto dos inquiridos valoriza estes dois aspetos.

Relativamente à contribuição das Hortas Urbanas na capacidade de criar espaços de convívio e de contacto social entre idosos, com 11 respostas, verifica-se que, curiosamente, a horta que maior contribuição teve foi a de Telheiras, já que esta é caracterizada por uma população mais jovem, quando comparada com as restantes. Mais, das cinco respostas obtidas, nenhuma diz respeito a hortelãos com idade superior a 60 anos, o que demonstra a preocupação destas pessoas pelos idosos, numa faixa etária que eles ainda não atingiram. Por seu turno, Granja e Campolide registaram quatro e duas respostas, respetivamente, sendo que apenas uma delas foi obtida por um hortelão com idade inferior a 60 anos. Em termos globais, 22% dos inquiridos consideraram importante o impacto das hortas na vida das pessoas mais idosas, como espaços de convívio.

A contribuição que menor número de respostas registou, diz respeito à capacidade das Hortas Urbanas valorizarem a agricultura junto dos urbanos, com oito respostas. A horta de onde proveio o maior número de respostas foi a de Campolide, com quatro registos, representativos de 36% da sua população. Telheiras e Granja, por sua vez, registaram duas respostas cada, o que corresponde a 13% e a 9% das respetivas hortas.

Porém, estas contribuições não foram as únicas tidas em conta pelos hortelãos. Em Telheiras, por exemplo, foram vários os hortelãos que referiram o quão importantes são as Hortas Urbanas para a preservação da Natureza. Estes hortelãos revelaram que, desde a construção das referidas hortas, o espaço envolvente passou a ser palco de uma biodiversidade mais alargada, dando uma outra cor à cidade. Em Campolide, houve quem tivesse referenciado o facto de as Hortas Urbanas chamarem cada vez mais a atenção, não apenas dos conterrâneos, mas também de estrangeiros. Uma vez que a horta de Campolide se situa numa zona predominantemente hoteleira,

não é de estranhar que estas hortas atraíam inúmeras pessoas, incluindo pessoas que provêm de outros países. Por último, na Granja, alguns hortelãos referiram que a horta dá mais vida à cidade.

## Conclusões

A elaboração da presente dissertação tinha por como objetivo primordial a compreensão do ressurgimento do fenómeno das Hortas Urbanas, primeiramente numa perspetiva global e por último, à escala nacional.

Constatou-se que, pese embora o reaparecimento das Hortas Urbanas esteja associado às décadas mais recentes, a verdade é que, ao longo da História, a atividade agrícola nas cidades nunca desapareceu, tendo-se simplesmente adaptado, como resposta às diversas mudanças ocorridas. De facto, a procura de soluções para períodos mais conturbados, ao longo dos séculos, foi, e continua a ser nos dias que correm, a chave para despertar na sociedade, o interesse por elementos aparentemente esquecidos, tal como, a Agricultura Urbana.

Na verdade, as Hortas Urbanas desde sempre assumiram um papel crucial para a segurança alimentar, principalmente em épocas de crise económica e social, sendo relegadas para um plano secundário em períodos de maior estabilidade. Nesse sentido, o panorama atual em muito tem contribuído para a recente difusão da prática agrícola nas cidades, um pouco por todo o Mundo. Portugal também tem vindo a apostar, aos poucos, na expansão deste tipo de iniciativas, tanto no território Continental, como no Arquipélago da Madeira, pese embora ainda se encontre num patamar bastante inferior ao que é exibido por outros países da Europa e pelos Estados Unidos da América. As primeiras hortas apoiadas por agentes fomentadores da atividade da Agricultura Urbana - tais como Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Estabelecimentos de Ensino Público, Associações/Instituições, entre outros - foram criadas na primeira década de 2000, tendo as mesmas proliferado desde então.

O presente estudo sobre as Hortas Urbanas em Portugal permitiu constatar a existência de quatro tipologias de hortas, em função das suas características. Assim, é possível encontrar hortas de tipologia social, recreativa, pedagógica e empresarial. Dada a conjuntura económica atual a nível nacional, não é de surpreender que a tipologia social seja a predominante, uma vez que esta se caracteriza por ser utilizada, maioritariamente, por uma população mais carenciada, contribuindo para o incremento da qualidade de vida dos respetivos utilizadores. Não obstante, as tipologias remanescentes têm vindo a ganhar cada vez maior importância ao longo dos anos, sensibilizando a população para uma educação ambiental e para os benefícios decorrentes da prática agrícola.

No que respeita ao caso particular da cidade de Lisboa, um dos palcos do aparecimento das Hortas Urbanas à escala nacional, o estudo dos Parques Hortícolas Recreativos de Campolide e Telheiras e do Parque Hortícola Social da Granja, visava realizar uma caracterização generalizada do Hortelão, de acordo com a tipologia das hortas. Constatou-se, no entanto, que embora existam definições bem distintas para cada tipologia de horta, na prática não se verificaram diferenças tão acentuadas nas hortas estudadas, quer ao nível da caracterização do hortelão, quer ao nível das motivações subjacentes à decisão de cultivar uma horta. De facto, independentemente da tipologia da

horta, os resultados mostram que todos os hortelãos são pessoas adultas ou idosas, sendo que a maioria está empregada ou reformada. A relação prévia com o meio rural é outro ponto em comum a quase todos os hortelãos inquiridos. Pese embora a relação não seja igual em todos os casos, a verdade é que, com exceção de dois inquiridos, todos os outros aparentam ter tido contacto com a agricultura, seja por via dos pais ou de outros familiares, seja por via do local de nascimento ou do local de férias, seja por via de visitas regulares ao meio rural ou, inclusive, por via de experiências passadas de cultivo. Ao nível das motivações, verifica-se que a maior parte dos hortelãos revela gosto pela agricultura e pela sua prática, assim como uma preocupação crescente com a qualidade dos produtos alimentares. Um outro aspeto em comum é o facto de, independentemente da horta em que estão inseridos, todos os hortelãos utilizarem a larga maioria da produção para autoconsumo. Ainda assim, é possível estabelecer algumas diferenças entre as Hortas Sociais e as Hortas Recreativas. Enquanto as primeiras são cultivadas por uma população mais idosa - com idade superior a 64 anos - e com menores habilitações literárias, as segundas apresentam uma população adulta - entre os 45 e os 64 anos - e com elevado grau de instrução. No que diz respeito às Hortas Sociais, importa ainda salientar o facto de, contrariamente ao que seria expectável, os hortelãos da Granja não denotarem grande preocupação com a contribuição da horta para a poupança familiar. Apesar deste tipo de hortas estar orientado para usufruto de, sobretudo, pessoas mais carenciadas, a verdade é que, a respeito da motivação relativa à poupança, a Horta da Granja é aquela que apresenta a menor percentagem de hortelãos sensíveis a esta questão. A população de hortelãos que atribui maior peso a esta motivação acaba por ser a de Campolide, o que permite realçar um outro aspeto. Embora seja do tipo recreativo, esta horta apresenta diferenças notórias face à de Telheiras - também do tipo recreativo -, reunindo características que se assemelham a Hortas Sociais. Por um lado, Campolide é a única horta que alberga hortelãos inquiridos na situação de desempregados, sendo igualmente aquela que apresenta o maior número de hortelãos com elementos do agregado em condição de desemprego. Por outro lado, no que respeita ao local de nascimento, Campolide concentra mais hortelãos oriundos da região Norte, à semelhança do que se verifica na Horta da Granja. Telheiras, por seu turno, alberga hortelãos provenientes, na sua maioria, das Regiões Centro e Lisboa e Vale do Tejo.

As diferenças existentes entre as duas Hortas Recreativas também se verificam ao nível das habilitações literárias dos seus utilizadores. Ao passo que Telheiras é composta, maioritariamente, por hortelãos com o Ensino Superior, Campolide, por seu turno, apresenta um nível consideravelmente inferior, com apenas duas pessoas licenciadas. O nível evidenciado é, ainda assim, notoriamente superior ao que se regista na Horta da Granja. Por último, ao nível das motivações, Campolide e Telheiras apresentam também algumas diferenças. Para além da já referida motivação de poupar dinheiro, a motivação referente à recordação da vida rural também assume um peso significativo em Campolide, tal como acontece na Granja, o que permite evidenciar algumas das características mais sociais do Parque Hortícola dos Jardins de Campolide. Em Telheiras, por seu turno, as principais motivações referidas tiveram que ver com trabalhar junto da Natureza e praticar Agricultura Biológica, para além das já referidas motivações relacionadas com o gosto e a prática da

agricultura, bem como a preocupação com a qualidade alimentar, motivações comuns a todas as hortas.

Conclui-se, portanto, que o objetivo proposto para este trabalho foi cumprido, na medida em que se realizou uma caracterização do padrão geral do hortelão, assim como se apuraram as principais motivações que conduziram ao reaparecimento das Hortas Urbanas estudadas. Contudo, alguns dos resultados finais não coincidem exatamente com os esperados, dado que, como se concluiu, as características dos hortelãos de cada horta não diferiram substancialmente, como seria de esperar, tendo em conta a definição de cada tipologia de horta.

## Referências Bibliográficas

- Amaro, P. (2003). *A Protecção Integrada*. Lisboa: ISA/Press;
- American Community Gardening Association (n.d.). *The beginning of the ACGA Coalition*. Acedido em 14-10-2013, disponível em: <http://www.communitygarden.org/about-acga/who-we-are/history.php>;
- Anónimo (n.d.). *Economia, sociedade, política e cultura nos séculos XIX e início do XX: Revolução Industrial*. Acedido em 03-07-2013, disponível em: <http://mcquintas.paginas.sapo.pt/index46.html>;
- Austin, D. (2011). *Hazen S. Pingree Monument*. Acedido em 19-07-2013, disponível em: <http://historicdetroit.org/building/hazen-s-pingree-monument/>;
- Boukharaeva, L. M. & Marloie, M. (n.d.). *Family Urban Agriculture as a component of Human Sustainable Development*. Acedido em 14-10-2013, disponível em: [http://www.ivry.inra.fr/mona/publications-\\_chercheurs/Textes-Publis/Marloie\\_CAB\\_WP.pdf](http://www.ivry.inra.fr/mona/publications-_chercheurs/Textes-Publis/Marloie_CAB_WP.pdf);
- Câmara Municipal da Guarda (n.d.). *Colheita da horta no jardim do edifício da Câmara Municipal da Guarda*. Acedido em 30-11-2013, disponível em: <http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idsecao=625&id=2098&action=noticia>;
- Câmara Municipal de Cascais (2013). *Hortas de Cascais*. Acedido em 06-10-2013, disponível em: <http://www.cm-cascais.pt/projeto/hortas-de-cascais>;
- Câmara Municipal de Lagos (2012). *Hortas Sociais Urbanas inauguradas no Parque das Freiras*. Acedido em 07-10-2013, disponível em: <http://www.cm-lagos.pt>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2009). *Relatório do Estado do Ordenamento do Território*. Acedido em 10-07-2013, disponível em: <http://habitacao.cm-lisboa.pt/documentos/1238771728D1ySW7zj9Hn25NA7.pdf>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2011). *Hortas Urbanas: Estratégia Municipal para a Dinamização da Agricultura Urbana em Lisboa*. Acedido em 12-07-2013, disponível em: <http://lisboaenova.org/pt/podcasts/rita-folgosa/hortas-urbanas-pe-24022011>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2012). *Biodiversidade na Cidade de Lisboa: uma estratégia para 2020*. Acedido em 10-07-2013, disponível em: <http://lisboaenova.org/pt/biodiversidade-lisboa-2020>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2013<sup>a</sup>). *Uma Lisboa para as pessoas*. Acedido em 06-09-2013, disponível em: [http://issuu.com/camara\\_municipal\\_lisboa/docs/af\\_publicacao\\_antcosta\\_web\\_short?e=6409185/3071069](http://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/af_publicacao_antcosta_web_short?e=6409185/3071069);
- Câmara Municipal de Lisboa (2013b). *Classificações - Candidaturas ao Parque Hortícola Bensaúde*. Acedido em 24-09-2013, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/classificacoes-candidaturas-ao-parque-horticola-bensaude>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2013c). *Parques Hortícolas Municipais*. Acedido em 24-09-2013, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/parques-horticolos-municipais>;
- Câmara Municipal de Lisboa (2013d). *Construção do Parque Hortícola da Graça*. Acedido em 24-09-2013, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/construcao-do-parque-horticola-da-graca>;

- Câmara Municipal de Lisboa (n.d.). *Iniciativas que promovam novas práticas urbanas de sustentabilidade económica, social e ambiental*. Acedido em 13-07-2013, disponível em: <http://www.icaam.uevora.pt/content/download/2372/12826/version/1/file/Hortas+urbanas+na+cidade+de+Lisboa+-+MJFundevilla.pdf>;
- Câmara Municipal do Funchal (n.d.). *Das práticas de cultivo ao equilíbrio ambiental e à aproximação da Natureza*. Acedido em 05-11-2013, disponível em: [http://www.cm-funchal.pt/ambiente/index.php?option=com\\_content&view=article&id=189&Itemid=272](http://www.cm-funchal.pt/ambiente/index.php?option=com_content&view=article&id=189&Itemid=272);
- CDS Policy Lekgotla (2010). *Urban Agriculture and Poverty*. Acedido em 10-09-2013, disponível em: [http://econ.ufs.ac.za/dl/userfiles/Documents/00000/52\\_eng.pdf](http://econ.ufs.ac.za/dl/userfiles/Documents/00000/52_eng.pdf);
- CIMAC (2013). *Agenda 21 Alentejo Central*. Acedido em 21-10-2013, disponível em: <http://www.cimac.pt/pt/conteudos/Atividades/Agenda%2021%20Local/Agenda%2021%20Local.htm>;
- De Lange, P. (2011). *Urban Agriculture in Amsterdam: understanding the recente trend in food production activities within the limits of a development nation's capital*. Acedido em 10-09-2013, disponível em: <http://stadslandbouwinamsterdam.nl/Urban%20Agriculture%20in%20Amsterdam%20-%20Master%20Thesis%20Peter%20de%20Lange.pdf>;
- Dearden, L. (2013). *More than 1 000 enjoy the great outdoors at 'biggest and best' Goodmayes Allotment Garden Festival*. Acedido em 12-09-2013, disponível em: <http://www.cityfarmer.info/2013/09/10/more-than-1000-enjoy-the-great-outdoors-at-biggest-and-best-goodmayes-allotment-garden-festival-london/>;
- DESA (2011). *World Urbanization Prospects: The 2011 Revision*. Acedido em 27-10-2013, disponível em: [http://esa.un.org/unup/pdf/WUP2011\\_Highlights.pdf](http://esa.un.org/unup/pdf/WUP2011_Highlights.pdf);
- Duchemin, E., Wegmuller, F. & Legault, A. (2008). *Urban Agriculture: multi-dimensional tools for social development in poor neighbourhood*. Acedido em 10-09-2013, disponível em: <http://factsreports.revues.org/113>;
- DYRK (2011). *An urban agricultural initiative in Copenhagen, Denmark*. Acedido em: 12-09-2013, disponível em: <http://ecosistemaurbano.org/english/dyrk-n%C3%B8rrebro-an-urban-agricultural-initiative-in-copenhagen-denmark/>;
- Evers, A. & Hodgson, N.L. (2011). Food choices and local food access among Perth's community gardeners. *Local Environment*. 16, 585 - 602;
- FAO (2001). *Urban and Peri Urban Agriculture: A briefing guide for the successful implementation of Urban and Peri-urban Agriculture in Developing Countries and Countries of Transition*. Acedido em 16-07-2013, disponível em: [http://www.fao.org/fileadmin/templates/FCIT/PDF/briefing\\_guide.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/FCIT/PDF/briefing_guide.pdf);
- FAO (2006). *Food Security*. Acedido em 29-07-2013, disponível em: [ftp://ftp.fao.org/es/ESA/policybriefs/pb\\_02.pdf](ftp://ftp.fao.org/es/ESA/policybriefs/pb_02.pdf);
- FAO (2007). *Profitability and Sustainability of urban and peri-urban agriculture*. Acedido em 16-07-2013, disponível em: <ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/010/a1471e/a1471e00.pdf>;

- FAO (2009). *How to Feed the World in 2050?*. Acedido em 10-09-2013, disponível em: [http://www.fao.org/fileadmin/templates/wsfs/docs/expert\\_paper/How\\_to\\_Feed\\_the\\_World\\_in\\_2050.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/wsfs/docs/expert_paper/How_to_Feed_the_World_in_2050.pdf);
- FAO (2012a). *A promessa de cidades mais verdes*. Acedido em 16-09-2013, disponível em: <http://www.fao.org/docrep/015/i1610p/i1610p00.pdf>;
- FAO (2012b). *Meios de subsistência sustentáveis*. Acedido em 16-09-2013, disponível em: <http://www.fao.org/docrep/015/i1610p/i1610p00.pdf>;
- FAO (2012c). *Programa de Horticultura Urbana e Peri-Urbana da FAO*. Acedido em 10-09-2013, disponível em: <http://www.fao.org/docrep/015/i1610p/i1610p00.pdf>;
- FAO (2012d). *Cidades de desespero ou de oportunidades?* Acedido em 15-10-2013, disponível em: <http://222.fao.org/docrep/015/i1610p00.pdf>;
- Firth, C., Maye, D. & Pearson, D. (2011). Developing “community” in community gardens. *Local Environment*, 16, 555 - 568;
- Fock, S. (2009). *The garden of the taxi-drivers of the Airport of Barcelona*. Acedido em 12-09-2013, disponível em: <http://urbangardensbarcelona.wordpress.com/the-garden-of-the-taxi-drivers-of-the-airport-of-barcelona/>;
- Folgosa, R. (2007). *Hortas Urbanas: Uma Alternativa de Espaço Verde na Cidade de Lisboa*. Artigo desenvolvido no âmbito do Mestrado em Estudos Urbanos. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa;
- Folgosa, R. (2012). Informação recolhida oralmente. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa;
- Folgosa, R. (2013). Informação recolhida via e-mail. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa;
- Fundação EDP (2012a). *Hortas Solidárias*. Acedido em 07-10-2013, disponível em: <http://www.fundacaoedp.pt/inovacao-social/hortas-solidarias/hortas-solidarias/62>;
- Fundação EDP (2012b). *30 Hortas Sociais entregues a famílias em Mirandela*. Acedido em 07-10-2013, disponível em: <http://www.edp.pt/pt/media/noticias/2012/Pages/hortasSociais.aspx>;
- Garnett, T. (n.d.). *Urban Agriculture in London: Rethinking our food economy*. Acedido em 11-10-2013, disponível em: <http://www.ruaf.org/sites/default/files/London.PDF>;
- Green Guerillas (2012). *Our History*. Acedido em 14-10-2013, disponível em: <http://www.greenguerillas.org/history>;
- Grego, M.A. & Gabriel, M.G. (2012). *Guia Orientador Revisão do PDM*. Coimbra: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro;
- Gröning, G. (1996). *Politics of Community Gardening in Germany*. Acedido em 15-06-2013, disponível em: <http://userpage.fu-berlin.de/garten/Texte/Groening.html>;
- Hale, J., Knapp, C., Bardwell, L., Buchenau, M., Marshall, J., Sancar, F. & Litt, J.S. (2011). Connecting food environments and health through the relational nature of aesthetics: gaining insight through the community gardening experience. *Social Science and Medicine*, 72, 1853 - 1863;

- Harris, E. (2008). *Urban Planning for Community Gardens: What has been done overseas, and what can we do in South Australia?*. An Honours thesis submitted as part of a Bachelor in Urban and Regional Planning School of Natural and Built Environments. University of South Australia. Australia. Acedido em 10-09-2013, disponível em: [http://ura.unisa.edu.au/R/?func=dbin-jump-full&object\\_id=unisa38042](http://ura.unisa.edu.au/R/?func=dbin-jump-full&object_id=unisa38042);
  
- Heimer, L. (2008a). *World War II: Victory Gardens the second time around*. Acedido em 30-06-2013, disponível em: <http://sidewalksprouts.wordpress.com/history/wwii/>;
  
- Heimer, L. (2008b). *City Beautiful Movement*. Acedido em 30-06-2013, disponível em: <http://sidewalksprouts.wordpress.com/history/city-beautiful-movement/>;
  
- Heimer, L. (2008c). *Impact of Urban Agriculture in Developing Countries*. Acedido em 04-09-2013, disponível em: <http://sidewalksprouts.wordpress.com/2008/04/29/impact-of-urban-agriculture-in-developing-countries/>;
  
- Kearney, S. (2009). *The Community Garden as a tool for Community Empowerment: a study of community gardens in Hampden County*. Acedido em 19-07-2013, disponível em: <http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1447&context=theses>;
  
- Lawson, L. (2009). *A brief History of Urban Garden Programmes in the United States*. Acedido em 19-07-2013, disponível em: <http://ljlawson.rutgers.edu/assets/pdf/UGPlecture.pdf>;
  
- Levenston, M. (2010). *Zappata Romana: map of community-run green áreas in Rome, Italy*. Acedido em 12-09-2013, disponível em: <http://www.cityfarmer.info/2010/12/02/%E2%80%9Czappata-romana%E2%80%9D-map-of-community-run-green-areas-in-rome-italy/>;
  
- Levenston, M. (2012). *Case studies: Hands-On Urbanism. 1850 - 2012. The Right To Green*. Acedido em 03-07-2013, disponível em: <http://www.cityfarmer.info/2012/03/23/case-studies-hands-on-urbanism-1850-2012-the-right-to-green/>;
  
- LIPOR (2013). *Projecto Horta à Porta*. Acedido em 07-10-2013, disponível em: <http://www.lipor.pt>;
  
- Luiz, J. & Veronez, L. (2012). *Os Espaços das Agriculturas Urbanas na Grande Lisboa: Trajetórias Transversais à Cidade*. Acedido em 18-10-2013, disponível em: [http://www.aps.pt/viicongresso/papers/finais/PAP0934\\_ed.pdf](http://www.aps.pt/viicongresso/papers/finais/PAP0934_ed.pdf);
  
- Marques, A.L. (2013). Taxa de desemprego em Portugal cai pelo oitavo mês consecutivo. Acedido em 30-11-2013, disponível em: [http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/taxa\\_de\\_desemprego\\_em\\_portugal\\_cai\\_pelo\\_oitavo\\_mes\\_consecutivo.html](http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/taxa_de_desemprego_em_portugal_cai_pelo_oitavo_mes_consecutivo.html);
  
- McKelvey, B. (n.d.). *Community Gardening Toolkit: a resource for planning, enhancing and sustaining your Community Gardening Project*. Acedido em 15-07-2013, disponível em: <http://extension.missouri.edu/p/MP906>;
  
- Corrigan, M.P. (2011). Growing what you eat: developing community gardens in Baltimore, Maryland. *Applied Geography*, 31, 1232 - 1241;
  
- Moldakov, O. (2005). *Os Agricultores Urbanos de São Petersburgo*. Acedido em 13-09-2013, disponível em: <http://www.ruaf.org/sites/default/files/AU1petersburg.pdf>;

- Mougeot, L.J.A. (2000). Urban Agriculture: Definition, Presence, Potentials and Risks. *Thematic Paper*, 1, 1 - 41;
- Müller, C. (n.d.). *Practicing Commons in Community Gardens: Urban Gardening as a Corrective for Homo Economicus*. Acedido em 11-09-2013, disponível em: <http://wealthofthecommons.org/essay/practicing-commons-community-gardens-urban-gardening-corrective-homo-economicus>;
- Passel, S.V. (2010). *Food Miles to access sustainability: a revision*. Acedido em 29-07-2013, disponível em: <http://www.isecoeco.org/conferences/isee2012/pdf/144.pdf>.
- Pawlikowska-Piechotka, A. (2012). Urban Greens and Sustainable Land Policy Management: Case Study in Warsaw. *European Countryside*, 4, 251 - 268;
- Pinto, R., Ribeiro, C., Simões, P., Gonçalves, A.B. & Ramos, R. (2011). *Viabilidade Ambiental das Hortas Urbanas enquanto espaços para o desenvolvimento sustentável*. Acedido em 08-10-2013, disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15924>;
- Sanchez, J. & Santos, S. (2010). *Plano Verde de Lisboa*. Acedido em 13-07-2013, disponível em: [http://issuu.com/silvia.santos/docs/lisbon\\_green\\_plan](http://issuu.com/silvia.santos/docs/lisbon_green_plan);
- Silva, P. (n.d.). *Sector Primário: o apoio das Autarquias Locais a micro-projectos rurais no meio urbano: o exemplo das Hortas Urbanas*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa;
- Slow Food Foundation for Biodiversity (2011). *Tanzania's First Food Gardens Inaugurated*. Acedido em 12-09-2013, disponível em: [http://www.slowfoodfoundation.com/pagine/eng/orti/cerca.lasso?-id\\_pg=30#risultati](http://www.slowfoodfoundation.com/pagine/eng/orti/cerca.lasso?-id_pg=30#risultati);
- Small, R. (2007). *Community agriculture for livelihoods among the poor: A key intervention to restore natural diversity and create sustainable food and life Security*. Acedido em 25-07-2013, disponível em: <http://www.farmgardentrust.org/resourcesdir/articles/CommunityAgricForLivelihoodsApril07.pdf>;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001a). Cities that feed themselves. In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001b). Urban agriculture yesterday and today. In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001c). Who are the Urban Farmers?. In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001d). Where is Farming Found in the City? In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001e). Benefits of Urban Agriculture. In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Smit, J., Nasr, J. & Ratta, A. (2001f). Problems Related to Urban Agriculture. In *Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities*. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;
- Telles, G.R. (1987). *Lisboa: Entre o Passado e o Futuro*. Lisboa: UNISYS e Fundação Calouste Gulbenkian;

- Telles, G.R. (1996). *Um novo conceito de cidade: a paisagem global*. Matosinhos: Contemporânea;
- Telles, G.R. (1997). *Plano Verde de Lisboa*. Lisboa: Colibri;
- The National WWII Museum (n.d.). *Victory Gardens at a glance: Fun Facts About Victory Gardens*. Acedido em 19-07-2013, disponível em: <http://www.nationalww2museum.org/learn/education/for-students/ww2-history/at-a-glance/victory-gardens.html>;
- Turner, B., Henryks, J. & Pearson, D. (2011). Community Gardens: sustainability, health and inclusion in the city. *Local Environment*, 16, 489 - 492;
- Turowski, J. (2002). *The Schreber Garden*. Acedido em 22-07-2013, disponível em: <http://cabinetmagazine.org/issues/6/turowski.php>;
- UNFPA (2007). *Peering into the Dawn of an Urban Millenium*. Acedido em 29-07-2013, disponível em: <https://www.unfpa.org/swp/2007/english/introduction.html>;
- Urban Harvest (2007). *Impacts of Urban Agriculture: highlights of Urban Harvest research and development*. Acedido em 10-09-2013, disponível: <http://cipotato.org/publications/pdf/003952.pdf>;
- Vélib & Moi (2013). *Community Gardens in Paris: Find Your Own*. Acedido em 12-09-2013, disponível em: <http://blog.velib.paris.fr/en/2013/04/25/community-gardens-in-paris-find-your-own/>.



## Anexos

### Anexo 1 - Quadro das Hortas Urbanas em Portugal Continental e no Município do Funchal

**Quadro 1 - Hortas Urbanas: Distrito de Aveiro**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Comunitárias de Aveiro	Terreno situado entre a Capela do Senhor e o Canal de São Roque, Bairro das Barrocas	Câmara Municipal de Aveiro, Junta de Freguesia de Vera Cruz e Escola Profissional de Jardinagem de Aveiro, com o apoio do Movimento Terra Solta	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	24	- Poço e reservatório de água residual - Sistema de distribuição de água - Abrigos para armazenamento de vestuário, sementes e alfaías	- Favas - Cebolas - Batatas - Morangos - Outros	- Projeto piloto da Autarquia - Estas hortas são cedidas à população mais carenciada e aquela com maior disponibilidade para se dedicar à agricultura
2012	Hortas Urbanas do Concelho de Estarreja	Rua Desembargador Oliveira Pinto, Estarreja	Câmara Municipal de Estarreja	PDM em atualização		2160	60	- Ponto de Água Comum - Reservatório para aproveitamento de águas pluviais - Compostores	- Espécies Hortícolas - Plantas aromáticas e medicinais - Pequenos frutos - Flores	- Horta Tradicional - Proporciona um rendimento extra às famílias do Concelho de Estarreja - A atribuição dos talhões é feita por ordem de inscrição
2012	Hortas d'Águeda (Projeto Agricultura - Semente de Sustentabilidade)	Terreno junto à Biblioteca Municipal Manuel Alegre, Freguesia de Águeda	Câmara Municipal de Águeda			880	22	- Ponto de água comum - Abrigo para armazenamento de utensílios agrícolas - Compostor	- Produtos Hortícolas e Frutícolas - Plantas aromáticas e medicinais	- Estas hortas destinam-se a pessoas desempregadas, funcionando como um complemento ao rendimento familiar - São igualmente cedidas a pessoas com maior disponibilidade para se dedicarem à agricultura
2013		Terreno junto à EB1 de Vale Domingos, Freguesia de Águeda				480	14			

n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

(Fonte: [http://boasnoticias.sapo.pt/noticias\\_C%c3%a2mara-de-Aveiro-cria-hortas-sociais\\_1752.html](http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_C%c3%a2mara-de-Aveiro-cria-hortas-sociais_1752.html) ; <http://www.ribeirinhas.pt/2012/06/29/hortas-urbanas-em-estarreja/> ; <http://boasnoticias.sapo.pt/mobile/noticias.php?id=15136>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 2 - Hortas Urbanas: Distrito de Beja**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2012	Hortas Urbanas de Beja (EcoPolis 2020)	Entre a Quinta d'El Rei e o Bairro do Pelame, Beja	Câmara Municipal de Beja e Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior Agrária	Não publicado em Diário da República	Social	2480 - 4960	62	<ul style="list-style-type: none"><li>- Duas unidades sanitárias</li><li>- Sistema de rega gravitativa</li><li>- Ponto de luz</li><li>- Abrigo para armazenamento de utensílios agrícolas</li><li>- Compostor</li><li>- Zona de primeiros socorros</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Produtos Hortícolas e Frutícolas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Cada hortelão deverá pagar uma quota mensal de cinco euros por forma a usufruir de um talhão, água e luz</li><li>- Os agricultores têm a possibilidade de vender os seus excedentes através do programa PROVE</li></ul>

(Fonte: <http://www.sulinformacao.pt/2012/10/primeira-fase-do-projeto-hortas-urbanas-cidade-de-beja-com-exito-assinalavel/>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 3 - Hortas Urbanas: Distrito de Braga**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2008	Horta Pedagógica de Guimarães	Veiga de Creixomil, Guimarães	Projeto HiperNatura Continente e Município de Guimarães	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Guimarães, Regulamento Nº 325/2008, Diário da República, 2ª Série -Nº119 - 23 de Junho de 2008	Pedagógica	25500	510	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Zona de Recepção</li> <li>- Sala de atividades lúdicas</li> <li>- Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas</li> <li>- Compostor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos Hortícolas e Frutícolas</li> <li>- Plantas aromáticas e medicinais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estas hortas envolvem 289 pessoas</li> <li>- Cada hortelão deverá pagar uma quota mensal de cinco euros</li> <li>- Dos 510 talhões existentes, quatro pertencem à Câmara, a qual destina a produção destes canteiros a famílias mais carenciadas</li> </ul>
2010	Hortas Biológicas Comunitárias, Póvoa de Lanhoso	Terrenos do exterior do Centro de Interpretação do Carvalho de Calvos	Ação Social da Câmara Municipal de Póvoa de Lanhoso	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	64	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compostor</li> <li>- Bar Biológico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Batatas</li> <li>- Feijão</li> <li>- Abóboras</li> <li>- Cebolas</li> <li>- Outros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O transporte até às hortas é disponibilizado pela Câmara para as pessoas com Rendimento Social de Inserção</li> <li>- Parte da produção obtida é entregue ao Banco de Voluntariado da Póvoa de Lanhoso, o qual, através da Loja Social, se encarrega de distribuir os alimentos às famílias mais carenciadas</li> </ul>
2013	Hortas Urbanas de Famalicão	Uma das entradas do Parque da Devesa, Vila Nova de Famalicão	Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão	Não publicado em Diário da República	Social e Pedagógica	4901	186	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abrigo para armazenamento de utensílios agrícolas e sementes</li> <li>- Compostor</li> <li>- Acesso a água</li> <li>- Sebes ecológicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cenouras</li> <li>- Alho Francês</li> <li>- Tomates</li> <li>- Ervas aromáticas</li> <li>- Outros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É dada formação básica em Agricultura Biológica para todos os utilizadores das hortas mas também para outros interessados</li> <li>- Do total de 186 talhões, seis deles são elevados por forma a poderem ser usufruídos por pessoas de mobilidade reduzida</li> <li>- Nesta horta existe uma área de 125 metros quadrados destinada à prática de uma agricultura pedagógica, dinamizada pelo Centro de Estudos e Atividades Ambientais em parceria com os jardins-de-infância do Concelho</li> <li>- Uma outra área de cerca de 250 metros<sup>2</sup> é gerida pelo Pelouro da Juventude sendo que a produção obtida é entregue às lojas sociais do Concelho</li> </ul>
n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)										

(Fonte: [http://www.gmrtv.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8863:inauguracao-de-mais-3-hectares-duplicou-horta-pedagogica-de-guimaraes&catid=49:lazer&Itemid=48](http://www.gmrtv.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=8863:inauguracao-de-mais-3-hectares-duplicou-horta-pedagogica-de-guimaraes&catid=49:lazer&Itemid=48) ; <http://www.mun-planhoso.pt/ambiente/centro-ambiental/valencias.html> ; [http://www.cm-vnfamalicao.pt/\\_famalicenses\\_dedicamse\\_a\\_agricultura\\_biologica\\_hortas\\_urbanas\\_estao\\_localizadas\\_junto\\_ao\\_parque\\_da\\_devesa](http://www.cm-vnfamalicao.pt/_famalicenses_dedicamse_a_agricultura_biologica_hortas_urbanas_estao_localizadas_junto_ao_parque_da_devesa)). Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 4 - Hortas Urbanas: Distrito de Bragança**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Biológicas de Alfândega da Fé	Terrenos nas traseiras do Polo Escolar de Alfândega da Fé	Câmara Municipal de Alfândega da Fé	Não publicado em Diário da República	Social	1260	28	- Compostor - Acesso a água	- Cebolas - Batatas - Alfaces - Courgettes - Outros	- Agricultura para subsistência - Esta iniciativa incorpora um projeto de horticultura terapêutica para crianças com necessidades especiais pertencentes à LEQUE - É obrigatório frequentar uma ação de formação de Agricultura Biológica e ter aproveitamento
	Obra Social Padre Miguel	São Lázaro	Obra Social Padre Miguel e Instituto Politécnico de Bragança			80000	n.d.	- Acesso a água	- Legumes - Batatas - Pimentos - Tomates - Outros	- Diariamente são colhidos produtos que perfaçam 500 refeições diárias fornecidas a idosos e a creches
	Hortas Comunitárias do Instituto Politécnico de Bragança	Instituto Politécnico de Bragança				10000	122	- Acesso a água - Compostor	- Favas - Ervilhas - Beringelas - Melancias - Outros	- Cada hortelão paga uma quota anual de 55 euros
2012	Hortas Urbanas de Macedo de Cavaleiros	Parcelas de Terrenos Municipais	Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, Aviso Nº 5614/2012, Diário da República, 2ª Série - Nº77 - 18 de Abril de 2012		n.d.	- Acesso a água - Apoio Técnico sobre Modos de Produção e Práticas Agrícolas Biológicas	- Produtos Hortícolas e Frutícolas - Flores de corte - Plantas medicinais, aromáticas e condimentares	- A entrega dos talhões é realizada dando prioridade a Instituições sem fins lucrativos, a residentes com rendimentos inferiores ou iguais ao IAS, a desempregados, a famílias numerosas com mais de seis elementos e ainda a idosos com mais de 65 anos	
n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)										

**Quadro 5 - Hortas Urbanas: Distrito de Bragança (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2012	Hortas Sociais de Mirandela	Mirandela	EDP Solidária Barragens em parceria com a EPA e com a Câmara Municipal de Mirandela	Não publicado em Diário da República	Social	4000	30	n.d.	- Videiras - Oliveiras - Batatas - Alfaces - Outros	- Dos talhões disponíveis, dois são explorados pela instituição APPACDM
	Hortas Comunitárias Sustentáveis	Parque Urbano de Torre de Moncorvo	Câmara Municipal de Bragança	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Moncorvo, Aviso Nº 20699/2011, Diário da República, 2ª Série - Nº 200 - 18 de Outubro de 2011		5000	50	- Sistema de rega que funciona por gravidade, sendo a água proveniente de nascentes e águas pluviais	- Frutos - Legumes - Flores - Outros	- É dada formação sobre Horticultura Geral e Biologia e ainda sobre Inimigos das Culturas

n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

(Fonte: <http://www.cm-alfandegadafe.pt/noticias/237> ; <http://www.torredemoncorvo.pt/hortas-comunitarias-sustentaveis-de-torre-de-moncorvo-ja-beneficiam-50-familias> ; <http://recortesipb.blogspot.pt/2011/02/protocolo-ipbospm.html> ; <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=550260&tm=8&layout=123&visual=61>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 6 - Hortas Urbanas: Distrito de Coimbra**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2006	Hortas Sociais do Ingote	Junto ao Bairro do Ingote e ex-IGAPHE	Parceria entre a Câmara Municipal de Coimbra e a Escola Superior Agrária de Coimbra	Não publicado em Diário da República	Social	3750	25	- Acesso a água e reservatório de água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Abóboras - Alhos - Videiras - Árvores de Fruto - Outros	- Estas hortas constituem um projeto de reestruturação do espaço agrícola existente na envolvente do bairro - A formação é administrada pela Escola Superior Agrária de Coimbra
2008	Hortas Sociais do Bispo	Escola Superior Agrária de Coimbra	Parceria entre a Escola Superior Agrária de Coimbra e a Freguesia de São Martinho do Bispo			825	11	- Acesso a água e reservatório de água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores - Zona de convívio	- Nabos - Couves - Morangos - Pepinos - Outros	- Estas hortas constituem um projeto de reabilitação de uma área degradada e reutilização de património edificado
2011	Hortas Biológicas Urbanas e Comunitárias (Projeto Verdes Campos)	Várzea - Tavarede, junto à Escola Secundária Cristina Torres	Município da Figueira da Foz em parceria com Instituições Particulares de Solidariedade Social			3060 - 4080	51	- Ponto de água - Zonas de compostagem ou colocação de estrumes	- Produtos hortícolas - Flores - Plantas aromáticas e condimentares - Árvores - Outros	- Mensalidade de seis euros; - Horta Biológica

(Fonte: [http://www.actuar-acd.org/uploads/5/6/8/7/5687387/37apres\\_hortas\\_sociais\\_coimbra.pdf](http://www.actuar-acd.org/uploads/5/6/8/7/5687387/37apres_hortas_sociais_coimbra.pdf) ; <http://www.quentalbiologico.com/2010/11/hortas-urbanas-do-ingote-de-agricultura-biologica-em-coimbra/> ; <http://www.figueiradigital.pt/?mid=3&agenda=1136>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 7 - Hortas Urbanas: Distrito de Évora**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2012	Hortas do Monte de Santo António - "Projeto Hortas Urbanas de Évora"	Junto às Portas D'Avis (Monte de Santo António)	Agenda 21 Local	Não publicado em Diário da República	Social	4005	89	- Acesso a água e a depósito de água - Sistema de iluminação - Caminhos e Marcação de talhões	- Pimentão - Feijão Verde - Courgettes - Girassóis - Outros	- Segundo inquéritos realizados, os hortelãos desta horta afirmam que conseguem poupar entre dez a 20 euros por semana em alimentação
	Hortas do Forte de Santo António - "Projeto Hortas Urbanas de Évora"	Junto ao Forte de Santo António, na periferia da cidade				9315	207		- Produtos Horticolas	- Estas hortas oferecem fácil acesso pedonal e automóvel, estando enquadradas na imponente do Aqueduto Água de Prata

Fonte: <http://visao.sapo.pt/camara-de-evora-entrega-mais-138-talhoes-para-hortas-urbanas=f724847> ; <http://acincotons.blogspot.pt/2013/04/vai-arrancar-2-fase-hortas-urbanas-de.html> ; <http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/areas%20tematicas/ambiente/Hortas%20Urbanas%20de%20Evora.htm>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 8 - Hortas Urbanas: Distrito de Faro**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Urbanas Sociais de Lagos - Projeto "Agricultura Biológica para todos"	Parque Dr. Júdice Cabral, Lagos	Câmara Municipal de Lagos em parceria com a Biosite	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	28	- Ponto de água coletivo equipado com bomba e contador de energia elétrica - Pequena arrecadação	- Produtos hortícolas - Ervas aromáticas ou medicinais	- A atribuição das parcelas de cultivo é gratuita, contudo, os hortelãos terão de pagar a energia elétrica e o consumo de água

n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

**Quadro 9 - Hortas Urbanas: Distrito de Faro (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Horta Social de Faro	Terreno no Largo Afonso III, junto ao Museu Municipal	Fundação EDP Hortas Solidárias - Projeto "Ahorta Solidária" (Associação In Loco) em parceria com a ALGAR, FAGAR, Glocal Faro, Slow Food Algarve e as Câmaras Municipais de São Brás de Alportel, Faro e Loulé	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	9	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostor - Painel de informação para visitantes - Zonas de descanso, convívio e lazer		- Do total de talhões disponíveis, cinco destinam-se a agregados familiares, três a Instituições, e o talhão restante é utilizado pelo Município de Faro por forma a serem realizadas ações de sensibilização para práticas saudáveis de alimentação e ainda <i>workshops</i> temáticos
2012	Horta do Nascimento	São Brás de Alportel				740	20	- Acesso a água - Forno - WC Ecológico - Compostor - Abrigo para armazenamento de utensílios agrícolas - Zona de Lazer	- Produtos hortícolas - Plantas aromáticas, medicinais e condimentares	- Os três critérios de atribuição dos talhões são: necessidade de residir no município, a situação sócio-económica e a ordem de inscrição
	Horta Social de Loulé	Rua das Bicas Velhas, Loulé		Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Loulé, Regulamento Nº 110/2012, Diário da República, 2ª Série - Nº 49 - 8 de Março de 2012		600	20	- Área de Convívio e Serviços de Apoio - Reservatório de 500 m <sup>3</sup> de água armazenada para rega - Instalações Sanitárias - Abrigo - Viveiro		- Não é permitida a construção de estufas nem a utilização de sistemas de rega automática, - Proibida a venda de produtos ou a exposição dos mesmos dentro da horta

n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

**Quadro 10 - Hortas Urbanas: Distrito de Faro (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2013	Horta João Lúcio	Jardins da Casa João Lúcio/Ecoteca, nos Pinheiros de Marim	Fundação EDP Hortas Solidárias - Projeto "Ahorta Solidária" (Associação In Loco) em parceria com a ALGAR, FAGAR, Glocal Faro, Slow Food Algarve e a Câmara Municipal de Olhão	Não publicado em Diário da República	Social	250 - 300	10	- Acesso a água - Zonas de circulação, descanso e convívio - Sala de formação - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Laboratório - Oficina - Instalações sanitárias	- Produtos Hortícolas	- Cinco dos dez talhões foram entregues pela Câmara Municipal de Olhão a Instituições do Concelho: RIAS, MOJU, Verdades Escondidas, CCD do Município e Cruz Vermelha
	Hortas Sociais Urbanas	Parcela de terreno no Cabeço de Mocho	Câmara Municipal de Portimão e DRAP			800	20	- Acesso a água e a energia elétrica - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas		- É dada prioridade aos agregados cujo rendimento mensal médio <i>per capita</i> não ultrapasse o equivalente a 1,5 rendimentos mínimos

(Fonte: <http://www.sulinformacao.pt/2013/01/instituicoes-solidarias-ja-beneficiaram-de-producao-das-hortas-sociais-de-loule/> ; <http://www.cm-olhao.pt/casa-joao-lucio-ecoteca/654-candidaturas-abertas-para-hortas-biologicas-na-casa-joao-lucio-ecoteca#normas-de-funcionamento-da-horta-joao-lucio> ; <http://www.cm-olhao.pt/listar-artigos/687-municipio-de-olhao-distribui-terrenos-para-instituicoes-na-horta-joao-lucio> ; <http://www.sulinformacao.pt/2011/11/algarve-vai-ficar-mais-verde-as-hortas-estao-a-chegar-as-nossas-cidades/> ; [http://boasnoticias.sapo.pt/noticias\\_Lagos-Hortas-urbanas-para-ajudar-carenciados\\_8883.html](http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_Lagos-Hortas-urbanas-para-ajudar-carenciados_8883.html). Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 11 - Hortas Urbanas: Distrito de Guarda**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2009	Hortas Urbanas do Município da Guarda	Quinta da Maúncia, 6300 Guarda	Câmara Municipal da Guarda	Não publicado em Diário da República	Pedagógica	900	18	- Acesso a água - Compostor - Edifícios para apresentação de audiovisuais - Laboratório - Estufa - Parque de merendas e Jardim silvestre	- Morangos - Pimentos - Cenouras - Plantas aromáticas e medicinais - Outros	- Estima-se que esta horta seja visitada por 9.000 pessoas por ano - A seleção dos hortelãos é feita de acordo com a ordem de chegada e com a condição social comprovada
2012	n.d.	Telhado do 2º piso do edifício dos Paços do Concelho da Câmara Municipal da Guarda			Social	150	n.d.	-Acelgas - Beterrabas - Pimentos - Courgettes - Outros	- A produção obtida é utilizada no refeitório municipal - Em 2011, a Câmara colheu cerca de 150 kg de produtos hortícolas da horta	

(Fonte: <http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idseccao=625&id=1631&action=noticia> ; <http://greensavers.sapo.pt/2012/05/03/guarda-autarquia-cultiva-uma-horta-no-telhado-dos-pacos-do-concelho/>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 12 - Hortas Urbanas: Distrito de Leiria**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2010	O Espantalho - A Escola na Horta	Junto ao Moderno Complexo Escolar do Furadouro, Freguesia da Amoreira, Óbidos	Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos	Não publicado em Diário da República	Pedagógica	3000	15	- Acesso a água - Zona de lazer - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Canteiro de enquadramento	- Produtos hortícolas - Criação de animais - Pomar	- Horta biológica
2013	Caldas Com Vida	Terreno cedido pela Câmara junto ao Cencal, Caldas da Rainha	Cidadãos		Social	50 cada talhão	n.d.	- Acesso a água - Painéis fotovoltaicos - Compostor - Disponibilização inicial de sementes, plantas e ferramentas - Instalações sanitárias	- Produtos hortícolas	- A produção destina-se a consumo próprio, à troca direta ou à venda em pequena escala

n.d. - Informação não disponível até ao momento da entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

(Fonte: <http://www.escolanahorta.com/index.php/a-escola-na-horta/horta> ; <http://www.jornaldascaldas.com/JournalNews/Journalnewsdetail.aspx?news=0c302a55-3d94-458f-a973-69e64434fa9c&q=convivio>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 13 - Hortas Urbanas: Distrito de Lisboa**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2009	Horta Comunitária de Alto dos Gaços	Freguesia do Estoril	Câmara Municipal de Cascais	Não publicado em Diário da República	Social	180	6	- Acesso a água - Compostor - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas	- Produtos Hortícolas e Frutícolas	- A entrega dos talhões é feita segundo a ordem de inscrição e a proximidade da residência à horta
2010	Horta Comunitária de Outeiro de Políma	Freguesia São Domingos de Rana				450	30			
	Horta Comunitária do Bairro de São João da Rebelva	Bairro São João da Rebelva				510	17			
2011	Horta Comunitária Alto da Parede	Terreno junto ao Centro de Saúde da Parede				Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em parceria com a AgroBio	PDM em atualização			
	Hortas Biológicas Municipais	Quinta Municipal da Piedade da Póvoa de Santa Iria	3200	80						
	Parque Hortícola da Granja	Quinta da Granja, Freguesia de Benfica	Câmara Municipal de Lisboa	5700	38	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores - Caminhos - Vedações	- Produtos Hortícolas - Ervas aromáticas, medicinais e condimentares - Flores de corte	- Foi o primeiro Parque Hortícola construído em Lisboa - Dos 38 talhões, 18 foram entregues aos hortelãos que cultivavam os terrenos há décadas		
2012	Parque Hortícola dos Jardins de Campolide	Jardins de Campolide, Freguesia de Campolide	Câmara Municipal de Lisboa	PDM em atualização	Recreativa	1100 - 2200	22			- Foi o segundo Parque Hortícola construído em Lisboa - A construção destas hortas teve como base um projeto antigo de Gonçalo Ribeiro Telles

**Quadro 14 - Hortas Urbanas: Distrito de Lisboa (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2012	Parque Hortícola de Telheiras	Praça Central de Telheiras, Freguesia do Lumiar	Câmara Municipal de Lisboa	PDM em actualização	Recreativa	1680 - 2520	21	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores - Caminhos - Vedações		- Foi o terceiro Parque Hortícola construído em Lisboa - Dos 21 talhões totais, oito fazem parte da ART
	Hortas Urbanas Sociais de Alenquer	Calçada Francisco Carmo, Alenquer	Câmara Municipal de Alenquer	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Alenquer, Regulamento nº 1192/2011, Diário da República, 2ª Série - Nº231 - 2 de Dezembro de	Social	720	18	- Acesso a água - Espaços de utilização colectiva		- Os hortelãos que se dedicarem mais à sua parcela de horta, receberão um diploma de bom desempenho
2013	Parque Hortícola Bensaúde	Freguesia de S. Domingos de Benfica	Câmara Municipal de Lisboa	PDM em actualização	Recreativa	1600 - 2400	20	- Acesso a água - Abrigo para guardar utensílios agrícolas - Compostores - Caminhos - Vedações	- Produtos Hortícolas - Ervas aromáticas, medicinais e condimentares - Flores de corte	- Terreno pertencente à Câmara Municipal de Lisboa, o qual, antes de se tornar um Parque Hortícola, apresentava um uso muito restrito, sendo apenas aberto no Verão
	Parque Hortícola Quinta Nossa Senhora da Paz	Paço do Lumiar, Freguesia do Lumiar				900	9			- Antes de se transformar num Parque Hortícola, a Quinta da Nossa Senhora da Paz era propriedade da Câmara Municipal de Lisboa que se encontrava abandonada

**Quadro 15 - Hortas Urbanas: Distrito de Lisboa (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2013	Parque Hortícola da Graça	Rua Damasceno Monteiro, Lisboa	Câmara Municipal de Lisboa	PDM em atualização	Social	n.d.	6	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a água</li> <li>- Abrigo para guardar utensílios agrícolas</li> <li>- Compostores</li> <li>- Caminhos</li> <li>- Vedações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos Hortícolas</li> <li>- Ervas aromáticas, medicinais e condimentares</li> <li>- Flores de corte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estes são os dois Parques Hortícolas mais recentes da cidade de Lisboa</li> </ul>
	Parque Hortícola dos Olivais	Novo Parque Urbano dos Olivais, Avenida de Berlim				2480 - 4340	31			
	Hortas Urbanas de Odivelas	Bairro do Codivel	Câmara Municipal de Odivelas	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Odivelas, Aviso Nº 882/2013, Diário da República, 2ª Série - Nº 13 - 18 de Janeiro de 2013	Social	1650	33	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ponto de água</li> <li>- Caminhos</li> <li>- Espaços de utilização colectiva</li> <li>- Áreas de lazer</li> <li>- Compostor</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos Hortícolas</li> <li>- Ervas aromáticas e condimentares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- São realizadas acções de formação sobre técnicas de produção, épocas de cultura, trabalho comunitário e compostagem</li> </ul>
	Horta Comunitária na Ribeira da Outurrela	Corredor Verde da Ribeira da Outurrela, junto à Rua Pedro Homem de Mello, Freguesia de Carnaxide	Câmara Municipal de Oeiras	Não publicado em Diário da República		375	15	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a água</li> <li>- Abrigo</li> <li>- Materiais</li> <li>- Compostor</li> <li>- Sistema de armazenamento de água</li> <li>- Local de lazer</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Para que seja possível a realização da inscrição por forma a receber uma parcela de terreno, o hortelão deverá residir num raio de proximidade à horta de 500 metros</li> <li>- Cada hortelão terá de pagar uma quota anual de dez euros</li> </ul>
n.d. – Informação não disponível até ao momento de entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)										

(Fonte: Rita Folgosa (2012) – Informação recolhida oralmente ; <http://www.cm-alenquer.pt/News/newsdetail.aspx?news=61e6bc12-0e4a-4f9a-af7a-96fbd5c2871e&q=hortas%20urbanas> ; <http://www.fenafrutas.com/hortas-urbanas/> ; <http://odivelas.com/2013/05/02/odivelas-codivel-ganha-20-talhoes-para-hortas-urbanas/> ; <http://www.cm-oeiras.pt/noticias%5CPaginas/HortasComunitariasnaRibeiradeOuturrelanaFreguesiadeCarnaxide.aspx>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 16 - Hortas Urbanas: Distrito de Portalegre**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Projecto "Vamos à Horta"	Avis	Junta de Freguesia de Avis em parceria com ADERAVIS	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	30	n.d.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos hortícolas</li> <li>- Ervas aromáticas e medicinais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os excedentes dos produtos hortícolas produzidos são organizados em cabazes e utilizados para comercialização, sendo que cada cabaz tem um custo que varia entre dez e 11 euros</li> <li>- Estes cabazes podem ser adquiridos na Sede da Associação ou na Unidade de Desenvolvimento Económico, Qualidade e Ambiente, no Município de Avis</li> </ul>
2013	Horta Pedagógica do Instituto Politécnico de Portalegre	Instituto Politécnico de Portalegre	Instituto Politécnico de Portalegre em parceria com o Projecto de Alimentação Saudável nas Escolas do Concelho de Portalegre		Pedagógica	30 a 50 metros quadrados cada talhão	n.d.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a água</li> <li>- Ferramentas</li> <li>- Zona de Compostagem</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Horta realizada para usufruto dos funcionários do Instituto Politécnico de Portalegre</li> <li>-Horta Biológica</li> </ul>

n.d. – Informação não disponível até ao momento de entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

(Fonte: <http://boasnoticias.sapo.pt/mobile/noticias.php?id=8199> ; <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/projecto-vamos-a-horta-combate-desertificacao-e-promove-produtos-da-terra-em-avis-1512245> ; <http://visao.sapo.pt/elvas-municipio-vai-criar-horta-comunitaria-para-familias-carenciadas=f648447>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 17 - Hortas Urbanas: Distrito do Porto**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2004	Horta de Crestins	Junto à Paragem de Metro de Crestins, Freguesia de Moreira, Maia	LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - Projeto "Horta à Porta"	Não publicado em Diário da República	Social	1850	74	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos hortícolas	- O Projeto "Horta à Porta" tem como objetivos não só aproximar os cidadãos urbanos dos espaços verdes e da natureza, como também promover hábitos saudáveis de alimentação e reciclagem
	Horta Social de Rates	Bairro Social da Freguesia de Rates, Póvoa do Varzim				300				
Horta Municipal de Aldoar	Bairro do Aldoar, Porto	400								
2005	Horta Municipal da Condomínio	Bairro das Condominhas, Porto				1170	27			
	Horta da Maia	Junto à antiga Estação de Caminho-de-Ferro, Maia				350	14			
	Horta de Averno-Mar	Junto à Escola do Cruzeiro, Póvoa do Varzim				875	35			
2006	Horta de Custóias	Junto à EB 2,3 Teixeira Lopes, Matosinhos				850	34			
	2007	Hortas Comunitárias de São Félix da Marinha	Empreendimento social Alberto Martins Andrade, Freguesia São Félix da Marinha	Área de Habitação da Gaiurb (ex-GaiaSocial)		1200	24	- Acesso a água gratuitamente durante três anos		- Construída para os moradores do Empreendimento Alberto Martins Andrade - Não é permitida a comercialização de produtos

**Quadro 18 - Hortas Urbanas: Distrito do Porto (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações										
2007	Horta da Quinta da Gruta	Terrenos Adjacentes ao Complexo de Educação Ambiental da Quinta da Gruta, Freguesia de Santa Maria de Avioso, Maia	LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - Projeto "Horta à Porta"	Não publicado em Diário da República	Social	1650	66	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos hortícolas	- Critérios de Seleção: ordem de inscrição e residência no município										
	Horta de Subsistência de Leça da Palmeira	Junto à Escola Secundária de Leça, Freguesia de Leça da Palmeira, Matosinhos				500	20													
2008	Horta da Senhora da Hora	Junto à Escola Secundária da Nossa Senhora da Hora, Matosinhos				LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - Projeto "Horta à Porta"	Não publicado em Diário da República			Social	1125	45	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos hortícolas	- Horta Biológica tal como todas as hortas que fazem parte do Projeto "Horta à Porta"					
	Horta da Fonte Antiga	Junto à Escola Secundária da Nossa Senhora da Hora, Matosinhos									375	15								
2009	Horta de Subsistência do Castelo da Maia	Rua da Igreja, Freguesia de Santa Maria de Aviso, Maia									LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - Projeto "Horta à Porta"	Não publicado em Diário da República			Social	4100	41	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos hortícolas	- Os inscritos devem preencher pelo menos um dos requisitos: ter mais de três filhos a seu encargo; rendimento anual familiar inferior a 20.000 euros; pelo menos um dos elementos do agregado familiar em situação de desemprego - É disponibilizado um espaço no mercado local por forma aos hortelãos venderem os produtos cultivados

**Quadro 19 - Hortas Urbanas: Distrito do Porto (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2010	Horta Comunitária da Misericórdia da Trofa, Projecto "O meu Cantinho de Terra"	Carquejoso, São Martinho de Bougado, Trofa	Santa Casa da Misericórdia em parceria com a Câmara Municipal da Trofa, Junta de Freguesia de São Martinho do Bougado, ADAPTA e a empresa Biotrofa	Não publicado em Diário da República	Social	n.d.	19	- Acesso a água - Abrigo para armazenamento de utensílios agrícolas	- Alfaces - Couves - Espinafres - Salsa - Outros	- É dada formação sobre práticas agrícolas - A seleção dos hortelãos é feita segundo a situação sócio-económica
	Horta Social do Meilão	Comunidade Terapêutica do Meilão	LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - Projeto "Horta à Porta"			250	10			- Horta disponibilizada para utentes da Comunidade Terapêutica de Meilão
	Horta da Nobrinde					Empresarial	200	10	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos hortícolas
2011	Horta das Musas da Fontinha	Rua do Bonjardim	Cidadãos e a Associação "Movimento Terra Solta"		Social	275	11	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Lagos - Forno de adobe - Poço - Integração de abelhas para melhorar ecossistema - Feira para vender produtos	- Tomates - Cebolas - Courgettes - Pepinos - Outros	- Os terrenos usados apesar de serem na sua maioria privados, são cedidos pelos seus proprietários aos hortelãos com o compromisso de os manterem limpos e produtivos - Cada talhão é identificado com o nome de uma fruta

n.d. – Informação não disponível até ao momento de entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

**Quadro 20 - Hortas Urbanas: Distrito do Porto (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Horta Biológica Parque da Vila	Matosinhos	LIPOR em conjunto com a Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa e várias Câmaras Municipais da Área Metropolitana do Porto - "Projeto Horta à Porta"	Não publicado em Diário da República	Pedagógica	1500	60	- Acesso a água - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostores	- Produtos Hortícolas	- É obrigatória a residência na Freguesia de Custóias
	Horta Biológica de Vairão	Largo do Mosteiro, Vila do Conde				600	15			- É obrigatória a residência no Concelho de Vila do Conde
	Horta Social dos Albergues Nocturnos do Porto	Campanhã			400	17	- Permite aos utentes e funcionários o cultivo de alimentos, os quais serão utilizados na Instituição			
	Horta Social de Rio Mau	Empreendimento de Habitação Social da Freguesia de Vila do Conde			375	15	- Foi feita uma reconversão de Horta Convencional em Horta Biológica			
	Horta da Tecmaia, Parque de Ciência e Tecnologia da Maia				550	22	- 2ª Horta Empresarial a ser criada por forma a ser usufruída pelos colaboradores das empresas sedeadas na Tecmaia			
2012	Horta do CICCOPN					500	20			- 3ª Horta Empresarial a ser criada por forma a ser usufruída pelos trabalhadores
	Horta da Escola EB 2,3 da Maia, Agrupamento Vertical Gonçalo Mendes da Maia				Pedagógica	342	10			- Horta destinada à comunidade escolar
	Horta do ALADI	Avenida D. Pedro IV 420, 4450 - 184 Lavra	Fundação EDP Hortas Solidárias - Projeto "Horta Pedagógica Para Todos"		Social	n.d.	32			- Horta destinada a utentes e associados

n.d. – Informação não disponível até ao momento de entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

**Quadro 21 - Hortas Urbanas: Distrito do Porto (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2013	Hortas Urbanas - Projeto "A nossa Horta"	Terreno em frente ao Estádio Municipal, Póvoa do Varzim	Câmara Municipal de Póvoa do Varzim	Não publicado em Diário da República	Social	5000	106	- Água de rega - Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas	- Produtos Hortícolas	- Horta Biológica
	Horta Biológica da Trofa	Lanternil, Santiago de Bougado	ADAPTA			768	24		- Legumes - Ervas Aromáticas - Flores - Pequenos arbustos - Outros	
	Horta da Quinta do Passal	Avenida Escritor Costa Barreto, Gondomar	LIPOR em parceria com as Câmaras Municipais de Gondomar e de Valongo			2900	58		- Produtos hortícolas	- Destinado a agregados familiares constituídos por cinco ou mais pessoas
	Horta de Vasques	Rua Escolas Sampaio, Freguesia de Ermesinde				775	31			- É a primeira Horta Social de Ermesinde

(Fonte: <http://www.onoticiasdatrofa.pt/ntt/index.php/arquivo-por-anos/26-ano-2010/6523-horta-social-qo-meu-cantinho-de-terraq> ; <http://ambiente.maiadigital.pt/cidadania/lazer/projectos-1/projecto-201chorta-a-porta201d> ; [http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com\\_content&task=view&id=234&Itemid=6](http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=234&Itemid=6) ; <http://www.lipor.pt/pt/educacao-ambiental/horta-da-formiga/horta-a-porta/hortas/> ; [http://territoriosustentavel.dcea.fct.unl.pt/files/1265641327\\_visita\\_FCT\\_UNL\\_jan10\\_parte2\\_\\_2\\_.pdf](http://territoriosustentavel.dcea.fct.unl.pt/files/1265641327_visita_FCT_UNL_jan10_parte2__2_.pdf) ; <http://www.cm-gaia.pt/gaia/portal/user/anon/page/DBA0.psm1?contentid=ED91808180CO&n1=pt> ; <http://www.hortasbio.abae.pt/index.php?p=horta&id=156> ; <http://www.lipor.pt/pt/educacao-ambiental/horta-da-formiga/horta-a-porta/>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 22 - Hortas Urbanas: Distrito do Santarém**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Urbanas da Antiga Escola de Cavalaria	Antiga Escola Primária de Cavalaria	Casa Solidária das Artes e Ofícios	Não publicado em Diário da República	Social	50	8	- Acesso a água - Sementes e materiais agrícolas	- Produtos Hortícolas - Laranjeiras - Limoeiros - Outros	- É o primeiro local em Santarém a receber um projeto desta natureza pese embora as suas pequenas dimensões - Destina-se à população desempregada - É dada formação técnica pela Escola Superior de Educação de Santarém e pela Escola Superior Agrária de Santarém
2012	Bio Hortas Urbanas de Almeirim (iniciativa Sachónabo)	Próximo do circuito de manutenção - Pupo, Almeirim	Câmara Municipal de Almeirim em parceria técnica da Agrobio			1516	60	- Compostor - Sistema de rega - Abrigo para guardar alfaias	- Girassóis - Milho - Couves - Melão - Outros	- Todas as terceiras quartas feiras de cada mês, é confeccionada uma refeição com os produtos biológicos retirados da horta e servidos aos alunos de todas as escolas do Concelho cujo refeitório é da responsabilidade da Autarquia

**Quadro 23 - Hortas Urbanas: Distrito do Santarém (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2012	Horta Urbana do Cartaxo	Quinta das Pratas	Eco-Cartaxo	Não publicado em Diário da República	Social	11100	222	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a água</li> <li>- Compostor</li> <li>- Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produtos Hortícolas</li> <li>- Plantas aromáticas e medicinais</li> </ul>	- Nestas hortas está envolvido um grupo heterogéneo de diferentes níveis sociais, formação académica e faixas etárias
	Hortas Urbanas de Rio Maior	Freguesia do Rio Maior	Câmara Municipal do Rio Maior						<ul style="list-style-type: none"> <li>- Couves</li> <li>- Alfaces</li> <li>- Cenouras</li> <li>- Melão</li> <li>- Pimentos</li> </ul>	- Seleção dos candidatos: ordem de inscrição, proximidade da residência ao local e objectivo/inteção do candidato na adesão ao programa
2013	Hortas Comunitárias de Abrantes	Quinta da Arca d'Água, Freguesia de São Vicente	Câmara Municipal de Abrantes	PDM em atualização		1800-3600	36	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compostor</li> <li>- Abrigo para armazenameto de ferramentas</li> </ul>	- Produtos Hortícolas	- Os utilizadores têm idades entre os 18 e os 72 anos e são provenientes das mais diversas áreas profissionais desde estudantes, motoristas e até psicólogos

(Fonte: [http://semanal.omirante.pt/index\\_access.asp?idEdicao=492&id=73836&idSeccao=7978&Action=noticia](http://semanal.omirante.pt/index_access.asp?idEdicao=492&id=73836&idSeccao=7978&Action=noticia) ; <http://afolha.pt/noticias/hortas-sociais-do-ribatejo> ; <http://www.cm-almeirim.pt/actividade-municipal/ambiente/item/324-sachonabo> ; <http://www.oribatejo.pt/2012/09/hortas-sociais-o-regresso-a-agricultura-nas-cidades/> ; <http://www.cm-abrantes.pt/pt/4678f0d6-61d5-4c9f-a8bd-e941657f9653.htm>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 24 - Hortas Urbanas: Distrito do Setúbal**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Sociais nas Salinas do Samouco	Terreno adjacente à Estrada Municipal 501	Câmara Municipal de Alcochete e Fundação para a Protecção e Gestão Ambiental das Salinas do Samouco	Não publicado em Diário da República	Social	900 - 12600	18	- Abrigos de armazenamento de utensílios agrícolas	- Produtos hortícolas e Ervas Condimentares	- Renda mensal de dois euros - Cada hortelão, por mês, fornece cinco a sete por cento da sua produção a Instituições de Beneficência
2013	Hortas Urbanas de Setúbal	Instalação dos viveiros Municipais, Avenida D. Pedro V, Zona das Amoreiras	Câmara Municipal de Setúbal			2200	74	- Acesso a água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostor - Vedações de sebes vivas - Instalações sanitárias		- Dos talhões disponibilizados, 18 pertencem a trabalhadores da Autarquia e dois foram entregues a pessoas com mobilidade reduzida - Cada hortelão paga uma quota mensal de sete euros e meio

(Fonte: <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/hortas-urbanas-de-setubal/304> ; <http://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=146247&mostra=2&seccao=autarquias&titulo=Hortas-Urbanas-de-Setubal-Candidatur> ; <http://www.salinasdosamouco.pt/hortas-sociais/161.htm>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 25 - Hortas Urbanas: Distrito de Viana do Castelo**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2009	Hortas Urbanas de Ponte de Lima	Veiga de Crasto	Município de Ponte de Lima e Serviço da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos	Não publicado em Diário da República	Social	4800	120	- Acesso a água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Compostor	- Batatas - Couves - Morangos - Flores - Outros	- Este projeto é coordenado pelo Serviço da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos - É dada prioridade a candidatos seniores, a jovens casais e a pessoas que não possuam terrenos agrícolas
2011	Hortas Urbanas da Quinta da Barrosa	Parcela de terreno da Quinta da Barrosa, Freguesia de Vila Praia de Âncora	Câmara Municipal de Caminha			2442	37		- Ervilhas - Pepinos - Courgettes - Plantas aromáticas - Outros	- Realização de <i>workshops</i> e jardinagem - Horta Biológica

(Fonte: <http://www.cm-pontedelima.pt/noticia.php?id=1264> ; <http://www.cm-caminha.pt/ver.php?cod=110E>. Acedido em Setembro de 2013)

**Quadro 26 - Hortas Urbanas: Distrito de Vila Real**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2010	Projecto Articular	Parque Corgo	Câmara Municipal de Vila Real	Publicado em Diário da República: Câmara Municipal de Vila Real, Declaração nº 199/2003, Diário da República, 2ª Série - Nº 132 - 7 de Junho de 2003	Social	1300	26	- Acesso a água - Área pedonal - Compostor - Moinho	- Produtos Hortícolas e Frutícolas	- É dada prioridade na atribuição a talhões às famílias carenciadas

(Fonte: <http://expresso.sapo.pt/vila-real-vai-ter-mais-de-dois-hectares-de-hortas-urbanas=f611975> ; <http://www.confagri.pt/Noticias/Pages/noticia32520.aspx>. Acedido em Setembro de 2013)

Quadro 27 - Hortas Urbanas: Município do Funchal

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2005	Hortas Municipais do Jardim Público da Ajuda	Rua do Vale da Ajuda, Freguesia de São Martinho	Câmara Municipal do Funchal - Projecto "Hortas Urbanas Municipais"	PDM em atualização	Social	868	7	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acesso a água</li> <li>- Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas</li> <li>- Instalações de apoio com 60-85 metros quadrados</li> <li>- Compostor</li> <li>- Vedações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Bananeira</li> <li>- Alfaces</li> <li>- Couves</li> <li>- Tomates</li> <li>- Outros</li> </ul>	- O projeto teve início em 2005 e, desde então, várias áreas têm sido aproveitadas com o mesmo fim
2007	Hortas Municipais da Azinhaga da Nazaré	Rua Elia Pimenta, Freguesia de São Martinho				1162	14			
2008	Hortas Municipais da Azinhaga da Nazaré II	Gaveto da Rua Dr. Pita com a Tv Dr. Pita, Freguesia de São Martinho				340	4			
	Hortas Municipais do Avista Navios	Gaveto da Rua Dr. Barreto com o Cam. de São Martinho, Freguesia de São Martinho				567	9			
2009	Hortas Municipais dos Ilhéus	Av. Luís de Camões, Freguesia de São Martinho				2480	40			
	Hortas Municipais de São Martinho	Cam. da Igreja Nova, Freguesia de São Martinho				1320	22			
	Hortas Municipais da Ribeira de João Gomes	Rua D. Ernesto Sena de Oliveira, Freguesia de Santa Maria Maior				3713	63			
2010	Hortas Municipais do Amparo	Gaveto da Tv. Do Amparo com o Cam. Do Amparo, Freguesia de São Martinho				1904	34			

**Quadro 28 - Hortas Urbanas: Município do Funchal (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2010	Hortas Municipais da Ribeira Grande	Rua do Campo do Marítimo, Freguesia de Santo António	Câmara Municipal do Funchal - Projecto "Hortas Urbanas Municipais"	PDM em atualização	Social	364	7	- Acesso a água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Instalações de apoio com 60-85 metros quadrados - Compostor - Vedações	- Bananeira - Alfaces - Couves - Tomates - Outros	- Desde 2011 que a Autarquia decidiu que seria vantajoso integrar a componente pecuária, com animais de pequeno porte, nas Hortas Urbanas
	Hortas Municipais Estª Dr. João Abel de Freitas	Estrada Dr. João Abel de Freitas, Freguesia de São Roque				125	5			
2011	Hortas Municipais da Penteadada	Gaveto da Rua do Mercado da Penteadada com o Cam. do Olival, Freguesia São Roque				1705	31			
	Hortas Municipais da Vitória - Santo António	Estrada Comandante Camacho de Freitas, Freguesia de Santo António				672	14			
	Hortas Municipais da Terra Chã - Santo António	Cruzamento do Cam. da Terra Chã com o Cam. do Cemitério de Santo António, Freguesia de Santo António				2704	52			
	Hortas Municipais de São Martinho II	Rua São Martinho; Beco do Cemitério de São Martinho, Freguesia de São Martinho				1470	30			
	Hortas Municipais da Ribeira Grande II	Cam. Dos Álamos, Rua do Campo do Marítimo, Freguesia de Santo António	510	10						

**Quadro 29 - Hortas Urbanas: Município do Funchal (Continuação)**

Ano de Inauguração	Nome da Horta	Localização	Origem da Iniciativa	Publicação em DR	Tipo de Horta	Área de Cultivo (m <sup>2</sup> )	Nº de Talhões	Acessibilidades	Produtos Cultivados	Observações
2011	Hortas Municipais São Gonçalo	Cam. da Igreja de São Gonçalo, Freguesia de São Gonçalo	Câmara Municipal do Funchal - Projecto "Hortas Urbanas Municipais"	PDM em atualização	Social	448	8	- Acesso a água - Abrigo de armazenamento de utensílios agrícolas - Instalações de apoio com 60-85 metros quadrados - Compostor - Vedações	- Bananeira - Alfaces - Couves - Tomates - Outros	- Os requisitos para a obtenção de uma parcela passam por ser residente no Concelho do Funchal, e passam por não ser funcionário nem cônjuge ou descendente dependente de um funcionário da Autarquia
2012	Hortas Municipais do Laranjal	Estrada Comandante Camacho de Freitas; Caminho das Laranjeiras, Freguesia de Santo António				6525	109			
	Hortas Municipais da Várzea da Igreja	Vereda da Vargem; Av. D. Teodoro Faria, Freguesia de São Martinho				2320	39			
	Hortas Municipais da Levada do Cavalo	Rua Profª M <sup>a</sup> Bernardete Jardim Gonçalves; Tv. da Levada do Cavalo, Freguesia de São Pedro				880	16			
2013	Hortas Municipais de São João	Estrada de São João, Freguesia de São Pedro				468	9			
	Hortas Municipais dos Salões	Caminho dos Salões, Freguesia de São Gonçalo				2808	54			
	Hortas Municipais da Ajuda II	Estrada Monumental, Caminho Velho da Ajuda				n.d.	69			

n.d. – Informação não disponível até ao momento de entrega deste ponto do trabalho (30 de Setembro de 2013)

(Fonte: [http://www1.cm-funchal.pt/ambiente/index.php?option=com\\_content&view=article&id=189&Itemid=272](http://www1.cm-funchal.pt/ambiente/index.php?option=com_content&view=article&id=189&Itemid=272). Acedido em Setembro de 2013)

## Anexo 2 - Inquérito realizado aos Hortelãos dos Parques Hortícolas de Telheiras, Granja e Campolide

Figura A2.1 - Grupos I e II do Inquérito

Inquérito nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Este inquérito tem como objetivo o estudos das Hortas Urbanas de Lisboa no âmbito da Tese de Mestrado sobre o mesmo tema. Realizado por Rita Gonçalves.

**I. Caracterização do Hortelão**

1. Género	2. Idade			3. Escolaridade		4. Situação Profissional	
F <input type="checkbox"/>	? 24 <input type="checkbox"/>	25 - 29 <input type="checkbox"/>	30 - 34 <input type="checkbox"/>	Sem escolaridade <input type="checkbox"/>	Ens. Secundário <input type="checkbox"/>	Doméstica <input type="checkbox"/>	A exercer uma profissão <input type="checkbox"/>
	35 - 39 <input type="checkbox"/>	40 - 44 <input type="checkbox"/>	45 - 49 <input type="checkbox"/>	1º Ciclo <input type="checkbox"/>	Ens. Superior <input type="checkbox"/>	Reformado <input type="checkbox"/>	Qual? _____
M <input type="checkbox"/>	50 - 54 <input type="checkbox"/>	55 - 59 <input type="checkbox"/>	60 - 64 <input type="checkbox"/>	2º Ciclo <input type="checkbox"/>	Outra <input type="checkbox"/>	Estudante <input type="checkbox"/>	A tempo: Completo <input type="checkbox"/>
	65 - 69 <input type="checkbox"/>	? 70 <input type="checkbox"/>		3º Ciclo <input type="checkbox"/>	Qual? _____	Desempregado <input type="checkbox"/>	Parcial <input type="checkbox"/>

5. Local de Nascimento	6. Agregado Familiar (incluindo inquirido)			
Concelho _____	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	? 4 <input type="checkbox"/>
Freguesia _____	Do agregado familiar, há desempregados?			
	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

**II. Relação com Agricultura e Meio Rural**

7. É filho de agricultores?	8. Tem/teve familiares que são/foram agricultores?	10. Visita frequentemente o meio rural?	
Não <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>		
Trabalhou na área? <input type="checkbox"/>	9. Infância		
Quantos anos? _____	Viveu no meio rural <input type="checkbox"/>		
	Passava férias no meio rural <input type="checkbox"/>		

Se responder SIM à pergunta 7 passa para a pergunta 10  
 Se responder NÃO à pergunta 7 passa para a pergunta 8

Figura A2.2 - Grupos III e IV do Inquérito

III. Relação com a Horta Urbana					
11. Da sua residência, quanto tempo leva a chegar à horta? _____					
<b>12. Como se desloca?</b>		<b>13. Quantos dias/semana trabalha na horta? _____</b>		<b>15. Quantas horas/dia trabalha na horta?</b>	
A pé <input type="checkbox"/>	Transporte público <input type="checkbox"/>	<b>14. Habitualmente, quando vem à horta?</b>		< 1 <input type="checkbox"/>	≥ 5 a < 8 <input type="checkbox"/>
Carro próprio <input type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/>	Semana <input type="checkbox"/>	Fim de semana <input type="checkbox"/>	Outro <input type="checkbox"/>	≥ 1 a < 3 <input type="checkbox"/>
Bicicleta <input type="checkbox"/>	Qual? _____	Quantos dias? _____		Qual? _____	≥ 3 a < 5 <input type="checkbox"/>
<b>16. Para além do senhor(a), algum familiar ajuda na horta?</b>		<b>17. Além desta horta, cultiva noutra(s)?</b>		<b>18. Além desta horta, cultivou noutra(s)?</b>	
Ninguém <input type="checkbox"/>	Outra <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>			Não <input type="checkbox"/>
	Quem? _____	Sim <input type="checkbox"/>	Onde? _____	Porquê? _____	Sim <input type="checkbox"/>
					Porque deixou? _____
IV. Caracterização da horta					
19. Qual a área da horta? _____					
<b>20. Indique quais os três principais produtos que cultiva na horta</b>			<b>21. Desde que cultiva esta horta, já experimentou cultivar hortícolas que não conhecia/não estava habituado?</b>		
Durante o Verão		Durante o Inverno	Não <input type="checkbox"/>		
1.		1.			
2.		2.	Sim <input type="checkbox"/>		
3.		3.	Quais?		
Porquê estes produtos? _____		Porquê estes produtos? _____	Quem lhe deu a conhecer?		
			Hortelãos <input type="checkbox"/>		
			Técnicos da CML <input type="checkbox"/>		
			Outros <input type="checkbox"/>		
			Quem? _____		
<b>22. Desde que cultiva esta horta, já alterou hábitos de consumo?</b>		<b>23. Como considera as condições oferecidas pela CML?</b>			
Não <input type="checkbox"/>					
Sim <input type="checkbox"/>	Que alterações? _____	Quantidade de área disponibilizada	Más <input type="checkbox"/>	Razoáveis <input type="checkbox"/>	Boas <input type="checkbox"/>
		Quantidade de água para rega	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



A2.4 - Grupo V do Inquérito

V. Motivações do Hortelão

<b>31. Tendo-se inscrito para ter acesso a uma horta, qual a importância dos seguintes aspetos naquela decisão?</b> (Não ler cada um dos itens. Assinalar os itens que os inquiridos responderem livremente e indicar a ordem de respostas dada)			Grau de importância			
	Sim	Não	1º	2º	3º	Não respondeu
Recordar vida rural e agrícola que viveu anteriormente						
Trabalhar junto à Natureza						
Conseguir obter algum rendimento com a venda de hortícolas						
Não gastar ou gastar menos dinheiro com a compra de hortícolas						
Permitir que o agregado consuma mais hortícolas do que consumiria caso não os cultivasse						
Ajudar familiares através dos excedentes da horta						
Fazer exercício físico/Relaxar						
Fazer amigos/Conviver com outras pessoas						
Poder praticar agricultura/Porque gosta de agricultura						
Comer produtos de melhor qualidade nutritiva/Saber o que come						
Fazer algo que gosta						
Ocupar tempo livre						
Melhorar paisagem da cidade						
Poder ser criativo/inovador no que aqui produz						
Praticar Agricultura Biológica						
Ajudar a preservar a biodiversidade						
Outro <input type="checkbox"/>						
Qual? _____						

1 - Muito Importante 2 - Importante 3 - Nada importante

Figura A2.5 - Grupo V (Continuação) do Inquérito

<b>32. Na sua opinião, este tipo de hortas contribuem para:</b> (Não ler cada um dos itens. Assinalar os itens que os inquiridos responderem livremente e indicar a ordem de respostas dada)			Grau de importância			
	Sim	Não	1º	2º	3º	Não respondeu
Embelezar alguns espaços da cidade						
Ensinar/Dar a conhecer a vida do campo aos mais novos						
Aproximar os urbanos da Natureza						
Criar espaços de convívio/Contacto social entre os idosos						
Permitir passar o tempo livre a fazer algo produtivo						
Aproximar o rural da cidade						
Valorizar a agricultura junto dos urbanos						
Outro <input type="checkbox"/>						
Qual? _____						

<b>33. Quem é o titular desta horta?</b>	
O inquirido <input type="checkbox"/>	
Outro <input type="checkbox"/>	Quem? _____ Porquê? _____

### Anexo 3 - Fotografias dos Parques Hortícolas de Telheiras, Granja e Campolide



Figura A3.1 - Horta de Telheiras



Figura A3.2 - Horta da Granja



Figura A3.3 - Horta de Campolide